



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

SILVANA PUCHALSKI

**[CARTO]GRAFIAS DO LUGAR - A CIDADE DE FIGUEIRA/PR
NA GEOGRAFIA ESCOLAR**

Londrina
2019

SILVANA PUCHALSKI



**[CARTO]GRAFIAS DO LUGAR - A CIDADE DE FIGUEIRA/PR
NA GEOGRAFIA ESCOLAR**

Londrina
2019

SILVANA PUCHALSKI

**[CARTO]GRAFIAS DO LUGAR - A CIDADE DE FIGUEIRA/PR
NA GEOGRAFIA ESCOLAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, Nível Mestrado, da Universidade Estadual de Londrina/UEL, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Jeani Delgado Paschoal Moura.

Londrina
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

- P977 Puchalski, Silvana.
[CARTO]GRAFIAS DO LUGAR : A CIDADE DE FIGUEIRA/PR NA GEOGRAFIA ESCOLAR / Silvana Puchalski. - Londrina, 2019.
124 f. : il.
- Orientador: Jeani Delgado Paschoal Moura.
Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Exatas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2019.
Inclui bibliografia.
1. Aborda o lugar na Geografia Escolar, apoiada na perspectiva fenomenológica, investigamos as relações entre os figueirenses e a cidade como o seu lugar no mundo, cumprindo o objetivo de apresentar o lugar-cidade a partir da expressão de seus jovens moradores, cujos laços de afetividade podem ser um caminho para a valorização do lugar de vivência. - Tese. I. Delgado Paschoal Moura, Jeani. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Ciências Exatas. Programa de Pós-Graduação em Geografia. III. Título.

CDU 91

SILVANA PUCHALSKI

**[CARTO]GRAFIAS DO LUGAR - A CIDADE DE FIGUEIRA/PR NA
GEOGRAFIA ESCOLAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, Nível Mestrado, da Universidade Estadual de Londrina/UEL, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Geografia.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Jeani Delgado
Paschoal Moura
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof^a Dr^a. Adriana Castreghini de Freitas
Pereira Universidade Estadual de Londrina -
UEL

Prof. Dr. João Osvaldo Nunes Rodrigues
Universidade Estadual Paulista - UNESP

Londrina, 11 de dezembro de 2019.

À minha mãe, meu pai (*in memoriam*), meus
irmãos e irmãs.

AGRADECIMENTOS

À Deus, pelo dom da vida, por sua incansável paciência comigo e por nunca me desamparar nos momentos mais turbulentos.

À minha mãe Adelaide, por tudo o que sou e me transformei... A senhora é a minha inspiração para seguir sempre batalhando por coisas melhores. Te amo!

Às minhas irmãs, Suzi e Rô, e minha sobrinha Camila, pelo apoio moral de sempre nos momentos de reclamações, angústias e incertezas infinitas, vocês são maravilhosas e únicas.

Ao meu irmão Ricardo, por dispor do seu tempo em vir para Londrina me acompanhando durante o processo de seleção do mestrado, presenciando os momentos de ansiedade antes das etapas avaliativas. Muito obrigado!

Ao meu namorado Felipe, por sempre estar presente me ajudando, me animando, incentivando e acima de tudo por aguentar firme durante os momentos de surtos totais. Você é maravilhoso. Te adoro!

À minha amiga e companheira de trabalho, festas, reuniões, cursos, greves, silêncios, mensagens a qualquer momento e por qualquer motivo: Inglis.

À professora e orientadora Jeani Delgado Paschoal Moura, por me aceitar como sua orientanda e por todos os ensinamentos ao longo de todas as disciplinas ministradas e no andamento deste trabalho.

Aos professores Adriana Castreghini de Freitas Pereira e João Osvaldo Nunes Rodrigues minha gratidão e agradecimento pela disposição em aceitar compor a banca de defesa.

À professora Eloiza Cristiane Torres, que compôs a minha banca de qualificação, fazendo apontamentos de grande valor à pesquisa, meu muito obrigada!

À Universidade Estadual de Londrina por proporcionar que eu e tantas outras pessoas que por aqui passam se desenvolvam pessoal e espiritualmente. A UEL foi um sonho que se concretizou em minha vida.

Aos professores com os quais tive o prazer de compartilhar momentos de experiências de conhecimento que jamais serão esquecidas.

Aos colegas que fiz nessa jornada curta, mas que levarei para sempre em minha memória e coração. Sucesso e felicidade para todos!

Ao Colégio Estadual Anita Aldeti Pacheco, meu colégio do coração, minha segunda casa que me acolheu assim como eu o acolhi como meu.

À diretora do Colégio, Magali Ribeiro de Souza Sugiyama pelo apoio incondicional ao longo dessa caminhada, e também às pedagogas, Rosangela Gouveia Rauen e Ivone Olenik por nunca medirem esforços para dar um jeitinho nos meus horários. Obrigada de coração!

Aos meus queridos alunos, que me motivaram para essa pesquisa e me ajudaram e inspiraram mesmo que inconscientemente ao longo de toda a escrita. Vocês são terrivelmente especiais!

Ao presidente do Sindicato dos Trabalhadores do Carvão, senhor “Polaco”, por me ceder as fotos que compõem este trabalho.

A todos que direta, indiretamente e inconscientemente me ajudaram e incentivaram no decorrer dessa caminhada, obrigada!

PUCHALSKI, Silvana. **[CARTO]GRAFIAS DO LUGAR - A CIDADE DE FIGUEIRA/PR NA GEOGRAFIA ESCOLAR**. 124 fls. Dissertação. Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Geografia) Universidade Estadual de Londrina. Londrina. 2019.

RESUMO

Diante do atual cenário mundial globalizado que se faz presente, cada vez mais nas sociedades, há a necessidade de se resgatar os valores e significados do lugar. A pesquisa objetiva discutir o desenvolvimento do município de Figueira, Paraná, em torno da atividade carbonífera, como estratégia de abordagem do lugar na Geografia Escolar. Apoiada na Geografia Humanista de base fenomenológica, investigamos as relações entre os figueirenses e a cidade como o seu lugar no mundo, cumprindo o objetivo de apresentar o lugar-cidade a partir da expressão de seus jovens moradores, cujos laços de afetividade podem ser um caminho para a valorização do lugar de vivência. A partir do imaginário urbano dos estudantes, colaboradores da pesquisa, elucidamos como estes reconhecem o lugar que habitam e quais as suas expectativas, ligações e distanciamentos em relação à cidade. A problemática que moveu esta pesquisa é: como a cidade de Figueira-PR é vista, percebida e experienciada pelos estudantes dentre suas várias significações? Como possibilitar ao estudante uma compreensão do seu espaço vivido? A pesquisa pautou-se na metodologia de pesquisa participativa, do tipo qualitativa, tendo como colaboradores os estudantes do 2º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Anita Aldeti Pacheco, em Figueira-PR. A técnica de pesquisa envolveu rodas de conversa com perguntas abertas, além da observação de fotografias antigas e atuais da cidade para serem interpretadas pelos estudantes. Assim, foi possível organizar uma base de informações a respeito das diferentes percepções sobre a cidade por meio da ressignificação dos lugares de vivência dos estudantes. Como resultado foi elaborada uma proposta de intervenção com o objetivo de cartografar o lugar-Figueira com base no conhecimento da experiência, mas sem descuidar dos saberes formais sistematizados sobre a cidade. A partir desse material, realizamos uma proposta para a construção do Atlas Escolar do Município de Figueira, composto por mapas temáticos, textos poéticos, croquis e desenhos. Concluímos que é necessário um (re)conhecimento do lugar vivido por parte dos estudantes tendo em vista que a escola deve ser a ponte entre os jovens, o lugar vivido e a sua apropriação significativa, tendo no Atlas Escolar Municipal um recurso metodológico norteador do conhecimento.

Palavras-Chave: Figueira. Lugar. Significações. Atlas Escolar.

PUCHALSKI, Silvana. **[CARTO]GRAPHY OF THE PLACE - THE TOWN OF FIGUEIRA/PR IN SCHOOLAR GEOGRAPHY**. 124 pages Dissertation. Masters degree (Geography's Post-graduation Program) State University of Londrina. Londrina. 2019.

ABSTRACT

Given the current globalized world scenario that is increasingly present in societies, there is a need to rescue the values and meanings of the place. The research aims to discuss the development of the town called Figueira, Paraná, around the coal activity, as a strategy to approach the place in Scholar Geography. Supported by the Humanist Geography on the phenomenological base, the relationship between the Figueirenses and the town is investigated as their place in the world, fulfilling the objective of presenting the place-town from the expression of its young residents, whose ties of affection can be a way of valorization of the place of experience. From the urban imagination of the students, collaborators of the research, we sought to elucidate how they recognize the place they inhabit and what their expectations, connections and distances in relation to the town. The problem addressed to this research is: how is the town of Figueira-PR seen, perceived and experienced by students among its various meanings? How to enable the student an understanding of their lived space? The research was based on the participatory research methodology, qualitative type, having as collaborators the students of the 2nd year High School from Colégio Estadual Anita Aldeti Pacheco (Anita Aldeti Pacheco State School) in Figueira-PR. The research technique involved conversation circles with open-ended questions, as well as the observation of old and current photographs of the city to be interpreted by students. Thus, it was possible to organize an information base about the different perceptions about the town, through the reframing of the students' places of experience. As a result, an intervention proposal was elaborated with the objective of mapping the place-Figueira based on the knowledge of the experience, but without neglecting the systematic formal knowledge about the town. From this material, a proposal is made for the construction of the Atlas Escolar do Município de Figueira (Schoolar Atlas of Figueira), consisting of thematic maps, poetic texts, sketches and drawings. It is concluded that it is necessary a (re)construction of knowledge of the place lived by the students considering that the school should be the bridge between young people, lived, experienced and inhabited place and its significant appropriation, having the Atlas Escolar do Município de Figueira as a methodological resource for guided knowledge.

Key words: Figueira. Place. Signification. Schoolar Atlas.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - Localização do município de Figueira	15
Figura 02 - Vista do Colégio Anita, Figueira, PR	19
Figura 03 - Localização do Colégio Estadual Anita Aldeti Pacheco, em Figueira, PR	29
Figura 04 - Vista do Colégio Anita, Figueira, PR	30
Figura 05 - Entrada do Colégio Anita, Figueira, PR.....	31
Figura 06 - Refeitório do Colégio Anita, Figueira, PR.....	31
Figura 07 - Quadra do Colégio Anita, Figueira, PR	32
Figura 08 - Vista parcial do município de Figueira, PR.....	34
Figura 09 - Áreas carboníferas no município de Figueira, PR.....	38
Figura 10 - Síntese ilustrada da economia de Figueira, PR (1934-2019).....	40
Figura 11 - Trilhas do Carvão	44
Figura 12 - Conchas dos Homens	48
Figura 13 - O começo de uma nova era	53
Figura 14 - A fonte dos Mineiros.....	54
Figura 15 - Local de trabalho renovado	54
Figura 16 - A morada dos mineiros	55
Figura 17 - Apenas Lembranças	56
Figura 18 - Lá vem o Progresso!	57
Figura 19 - Cadê o progresso que estava aqui?	57
Figura 20 - Dia de festança	58
Figura 21 - Para nossas tardes de domingo.....	59
Figura 22 - Lá vem a jardineira.....	60
Figura 23 - Novos caminhos.....	60
Figura 24 - Usina sendo concluída... A energia chegou!	61
Figura 25 - Modernização e incertezas	62
Figura 26 - Olha o touro minha gente!.....	63
Figura 27 - Segura peão!.....	63
Figura 28 - Que tal um cineminha?	64
Figura 29 - Sessões encerradas.....	65
Figura 30 - Pura ostentação	66
Figura 31 - Nossa querida Avenida	66

Figura 32 -	O coração de Figueira.....	68
Figura 33 -	E o vento levou	69
Figura 34 -	Figueira e suas singularidades.....	75

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
------------------	----

SEÇÃO I

[ESCOLA] LUGAR DE SIGNIFICAÇÕES E APRENDIZAGENS

1. FENOMENOLOGIA DO LUGAR	20
2. COLÉGIO ANITA: LUGAR DAS SIGNIFICAÇÕES	29

Seção II

[CIDADE] lugar de experiências QUE EDUCAM

3. FIGUEIRA- LUGAR DE MEMÓRIA	35
4. FIGUEIRA- DO VIVIDO AO PERCEBIDO	51

SEÇÃO III

[CARTO] GRAFIAS DO LUGAR VIVIDO

5. CARTOGRAFIA ESCOLAR	76
6. PROPOSTA DE ATLAS ESCOLAR DE FIGUEIRA	82
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
8 REFERÊNCIAS	121

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surgiu das vivências e reflexões durante a atuação como professora, da paixão enquanto habitante da cidade de Figueira-PR e da necessidade de investigar a relação homem-mundo, o que se fez a partir da observação, do diálogo e do tempo de convivência com os estudantes, além de outras estratégias que possibilitaram compreender os seus íntimos elos de afeto e pertencimento com o lugar de vivência.

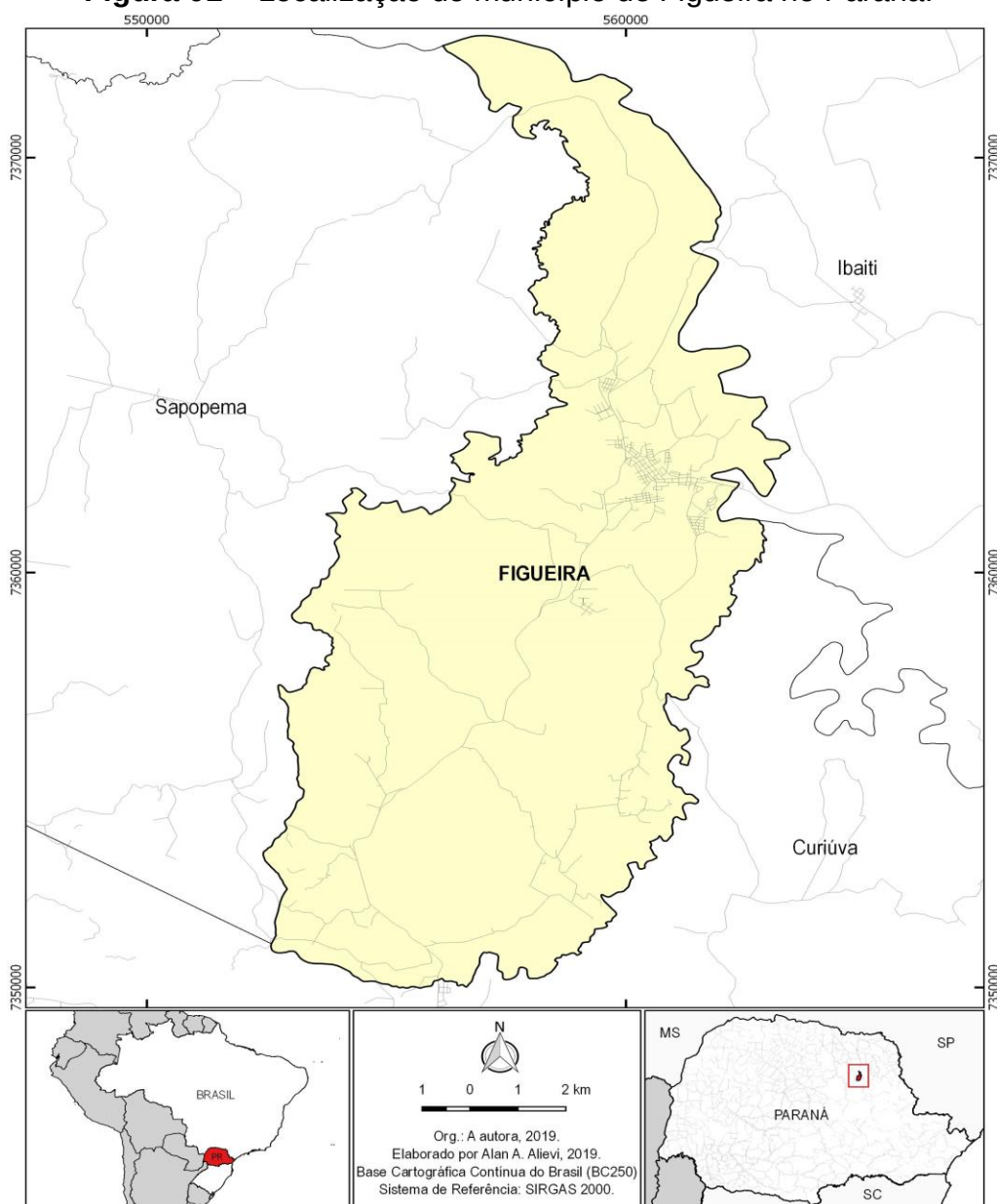
A Geografia a partir do processo de evolução do pensamento geográfico se transformou e adquiriu novas roupagens e funções, passando de delimitadora dos espaços geográficos a uma ciência que acompanha a evolução humana, seus novos costumes, novos espaços e formas de compreender o lugar onde vivem e como vivem em suas comunidades.

A necessidade de compreender o mundo ganhou espaço e a Geografia Humanista se fortalece pela abordagem que busca entender as relações sociais e suas contradições por meio do olhar e percepção dos sujeitos e de suas experiências. A Geografia Humanista ganha força diante da necessidade de entender o processo geográfico dotado de percepções humanas e suas diferentes visões, considerando os fenômenos e suas geograficidades.

Em busca de explicações geográficas para definir o conceito de lugar na abordagem fenomenológica, me vem à mente as inúmeras vezes que deparei com a pergunta: - De onde você é? A resposta segue quase como um padrão: - Sou de Figueira. Diante da expressão inusitada das pessoas, continuo: - Uma 'cidadezinha' de clima ameno do norte do Paraná.

Geograficamente, o "meu lugar no mundo", o município de Figueira, está localizado no norte do Estado do Paraná, na latitude S de 23 51' 00" e longitude W de 50 24' 00". Sua área territorial é de 129,769 Km², está a 168 Km de Londrina e a 315 Km de Curitiba (figura 01).

Figura 01 – Localização do município de Figueira no Paraná.



Fonte: PUCHALSKI; ALIEVI (2019). Base Cartográfica Contínua do Brasil (BC250), 2000.

Mas será que Figueira é só um ponto no mundo? O que esse município representa para seus habitantes? Provavelmente para quem não conhece o município, este é apenas mais um ponto no mundo. É comum ouvir referências depreciativas a respeito de Figueira, às vezes dos seus próprios habitantes. Particularmente, quando me refiro à Figueira como uma cidadezinha, não a quero menosprezar, pelo contrário, é como tratar de forma carinhosa a cidade que me viu nascer, crescer, desenvolver, evoluir e me lançou para o resto do mundo. É nesta “cidadezinha” onde minha vida acontece, para onde e sempre minhas memórias

retornarão independentemente de onde eu esteja, e de certa forma, este sempre será o meu lugar no mundo.

Para a época de sua fundação a quantidade de casas e habitantes era o necessário para a consolidação deste lugar como um município, o que me faz repensar sobre a inquietação gerada ao longo de meu processo de vivência, em que sempre me referia à Figueira como um pequeno lugar e pouco habitado. É comum, ainda hoje, dar referências de lugares próximos para que as pessoas possam se localizar ou deduzir onde fica Figueira que, até há alguns anos atrás, não constava em mapas. Assim, a problemática de pesquisa está permeada pelos seguintes questionamentos: Como o lugar é visto pelos seus habitantes dentre suas várias significações? Como os estudantes percebem e experienciam a cidade enquanto o seu lugar vivido? Como possibilitar ao estudante uma compreensão do seu espaço vivido? A pesquisa se debruçou em entender o desenvolvimento do município de Figueira, Paraná, em torno da atividade carbonífera e como os seus habitantes a compreendem e a significam. A partir do imaginário urbano dos estudantes, colaboradores da pesquisa, elucidamos como estes reconhecem o lugar que habitam e quais as suas expectativas, ligações e distanciamentos em relação à cidade.

A fenomenologia geográfica embasa a compreensão sobre as percepções em relação a cidade de Figueira, visto que é uma vertente da corrente humanista que busca o objeto que se apresenta como o princípio básico do pensamento filosófico e, assim, amplia incessantemente a compreensão da realidade, assimilando-a em sua totalidade através das percepções dos fatos e fenômenos geográficos e pela intersubjetividade do pensamento pela experiência do mundo-vivido, suas histórias, sentimentos e valores. Em outras palavras, Entrikin (1980) explica que a fenomenologia examina a experiência humana de forma rigorosa através da ciência da experiência e reflexão, possibilitando a observação das coisas tal como elas se manifestam. A fenomenologia possibilita despir-nos de conceitos pré-definidos sobre o mundo, para assim, compreender o meu mundo e o mundo do outro, possibilitando a partir da libertação de nossos pensamentos, uma nova forma de ver, conhecer, reconhecer, identificar, aceitar o mundo na sua essência, tal como é, ou tal como vislumbramos e o sentimos.

A metodologia utilizada na pesquisa foi do tipo qualitativa uma vez que, através desta abordagem, “o pesquisador vai a campo buscando captar o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes” (GODOY, 1995). O trabalho apoiou-se na pesquisa participante, em que ocorre a interação entre pesquisador e o grupo de pesquisados, objetivando estudar e compreender as relações pelas quais a população envolvida compartilha na intenção de compreender o fenômeno em sua essência. Para investigar como os estudantes se relacionam com o lugar foram aplicados roteiros com perguntas abertas, rodas de conversas e análise de fotografias. A pesquisa não delimitou uma quantidade de estudantes participantes, pois o objetivo não é quantificar o fenômeno estudado, mas captar a intencionalidade dos sujeitos envolvidos.

Além disso, o objetivo de cartografar as narrativas sobre o lugar-Figueira se frutificou na elaboração de uma proposta para a construção do Atlas Escolar Municipal de Figueira. Tal proposta visa atender as necessidades de aprendizagem dos estudantes para que estes possam de fato se apropriar da cidade como o seu lugar no mundo.

Com base nas discussões apresentadas, a pesquisa estruturou-se em três seções, da seguinte forma:

A primeira seção, *[Escola] Lugar de Significações e Aprendizagens*, busca desvelar pela ótica fenomenológica o conceito de lugar, como cerne da vida humana, o lugar vivido, habitado, transformado e experienciado pelo homem. Tendo como resultado da compreensão do seu espaço vivido a capacidade de lhe atribuir significados. Está subdividida em dois capítulos: *1 - Fenomenologia do Lugar*, substanciados pela corrente fenomenológica, apresentamos o lugar enquanto essência geográfica, explicitando como as relações diretas com o lugar levam a dotá-lo de identidade e significado, seja influenciados pelo que sabemos, vemos ou ouvimos; *2 - Colégio Anita: Lugar de Significações*, retratamos o ambiente escolar do Colégio Estadual Anita Aldeti Pacheco, lugar onde foram desenvolvidas a sequência de metodologias que compõem esta pesquisa e onde se tornou possível aprender sobre a cidade de Figueira e as relações humanas que permeiam este lugar.

A segunda seção, *[Cidade] Lugar de Experiências que Educam*, apresenta a cidade de Figueira abordada na perspectiva da Geografia Escolar, em que

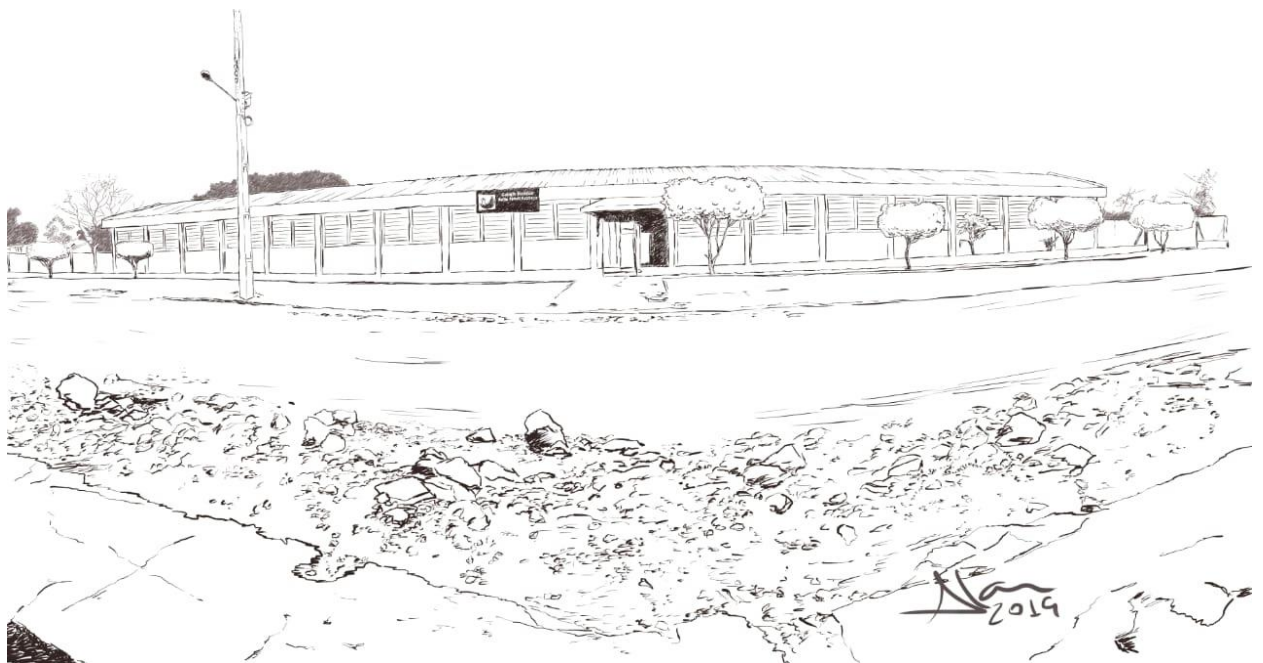
apresentamos a síntese da pesquisa bibliográfica, das observações *in loco*, das memórias de outrem narradas pelos estudantes participantes e outros cidadãos ou do próprio processo de vivência destes estudantes e da pesquisadora. Informações que foram sendo tratadas de forma que pudéssemos criar de fato uma memória mais efetiva sobre a construção da cidade vivida para a cidade percebida, fazendo uma reflexão da constituição de Figueira enquanto lugar. Está subdividida em dois capítulos: 3 - *Figueira – Lugar de Memória*, discutimos sobre lembrança, passado e memória, trazendo à tona frações do lugar-cidade. Tratamos do papel desempenhado pelas atividades extrativistas do carvão mineral no processo de consolidação econômica e urbana de Figueira. Apresentamos as relações topofílicas e topofóbicas, frente ao atual contexto econômico enfrentado no município, marcado pela estagnação da economia, o que causa sentimentos ambíguos: de um lado o amor pela terra natal e, de outro, o medo do “existir fora” desse lugar; 4 - *Figueira – do Vivido ao Percebido*, utilizamos fotografias, como documentos históricos e fontes de pesquisa, de diferentes pontos de Figueira-PR para instigar os estudantes a falarem sobre seus saberes e não-saberes em relação a cidade onde habitam. Por meio de suas narrativas pudemos compreender os significados que estes jovens figueirenses atribuem ao seu lugar de vivência.

A terceira seção, *[Carto]Grafias do Lugar Vivido*, está subdividida em dois capítulos: 5 - *Cartografia Escolar*, discutimos a importância da cartografia como linguagem para desenvolver nos educandos habilidades de leitura cartográfica para se apropriarem de fato do seu espaço vivido de forma eficaz e satisfatória, inter-relacionando suas vivências e suas aprendizagens. A alfabetização cartográfica ao longo do processo de ensino-aprendizagem de Geografia contribui para o conhecimento do ambiente no qual o estudante está inserido. Ao apropriar-se da leitura-mundo o estudante pode se tornar ator social e transformador do meio em que vive, pois, conhecer o seu mundo é o primeiro passo para compreender a sua função social; - 6 *Proposta de Atlas Escolar de Figueira*, resultou de uma compilação de dados e informações recolhidas no processo de escrita da pesquisa sobre a cidade de Figueira, pretendendo ser uma proposta didática de intervenção para apresentar aos escolares as geografidades contidas na referida cidade, como um lugar de pertencimento dos figueirenses.

I

[ESCOLA] LUGAR DE SIGNIFICAÇÕES E APRENDIZAGENS

Figura 2 [Croqui] – Vista do Colégio Anita, Figueira, PR



Fonte: PUCHALSKI; ALIEVI (2019)

1 FENOMENOLOGIA DO LUGAR

A Fenomenologia na Geografia se apresenta como um método subjetivo de desvendar o mundo enquanto espaço vivido e de vivência do ser humano, que a partir de determinantes físico-sociais e ambientais e da intencionalidade da sua consciência os condiciona a construir significados e compreensões sobre o lugar onde o homem nasce, cresce, constitui laços afetivos e os externaliza quando lhes confere valores e significados.

A Geografia e seus pensadores têm buscado, ao longo dos séculos, explicações para as dinâmicas que movem a Terra, bem como a compreensão das relações socioespaciais. Numa visão tradicionalista, o conceito de lugar se resumia a uma noção de localização absoluta e à individualidade das parcelas do espaço, portanto, era visto apenas como parte constituinte do espaço geográfico total (PARANÁ, 2008, p.60). Numa visão fenomenológica, o conceito de lugar está intrinsecamente relacionado ao de espaço, porém são entendidos por vieses diferentes, como discorre Tuan (1983, p.6):

Na experiência, o significado de espaço frequentemente se funde com o de lugar. “Espaço” é mais abstrato do que “lugar”. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. [...] As ideias de espaço e lugar não podem ser definidas uma sem a outra.

Espaço e lugar podem ser entendidos como conceitos que se complementam, porém, cada um deve ser compreendido de forma individualizada, uma vez que, “o espaço é universal; o lugar é particular” (MARTINS, 2013, p.286). O espaço é tido como um todo enquanto o lugar é uma parcela deste todo que se diferencia do espaço a partir das relações interpessoais criadas e dos vínculos firmados em dado espaço, onde cada indivíduo social o transforma e incorpora dotando-lhe de significados.

Ao passo que o ser humano se apropria do seu espaço de vivência, adquire para si as particularidades desse espaço que o tornam um elemento constituinte deste meio, ou ainda, o ser-no-mundo. Este mundo de particularidades e especificidades faz com que o lugar seja o epicentro do processo de mundialização

das coisas que, conseqüentemente, são inseridas no dia a dia dos lugares, porém, sem que estes percam as suas particularidades e essência de ser como são.

O lugar como uma parcela do espaço é envolto de significações para o indivíduo que o habita e que, direta ou indiretamente, o constrói e o faz existir através das suas experiências. Assim, o lugar pode ser entendido como o ambiente onde as relações afetivas se desenvolvem ao longo da vida do ser humano. Segundo Relph (1979, p. 156) “o lugar significa muito mais que o sentido geográfico de localização. Não se refere a objetos e atributos das localizações, mas a tipos de experiências e envolvimento com o mundo, a necessidade de raízes e segurança”.

Lugar e mundo estão conectados a partir de uma rede de dimensionalidades diversificadas, em que um depende do outro para que se perpetuem as suas historicidades e geograficidades sem que estas caiam em descrédito no constante processo de movimento no qual o ser humano vive. Como corrobora Carlos (2002), o lugar guarda em si e não fora dele o seu significado e as dimensões do movimento da vida, possível de ser apreendido pela memória, através dos sentidos e do corpo. O lugar se produz na articulação contraditória entre o mundial que se anuncia e a especificidade histórica do particular, entre ficar e ir, entre passado, presente e futuro, entre as incertezas do que ainda não se tem notícias, do simples e maravilhoso mistério que é o existir ou o habitar.

Neste emaranhado de contradições permeado pelas nossas vivências no lugar, existimos e habitamos o espaço tendo em vista que, antes mesmo de pertencermos a um lugar, pertencemos ao espaço. Levando em conta o fato de que podemos pertencer a um lugar a partir do momento em que criamos laços identitários, não podemos nos apropriar do lugar sem antes nos apropriarmos do espaço, pois embora ambos sejam conceitos dissociáveis, um não existe sem que se reconheça o outro.

O espaço é um conceito amplo, com ambiguidade de conceituações e reflexões, o que gera uma série de indagações sobre o seu significado. O lugar vai além dos espaços limítrofes e apesar de ser parte constituinte do espaço deve ser compreendido de maneira oposta a este, por se tratar de uma porção espacial humanizada, onde os indivíduos desenvolvem seus vínculos afetivos e valores pessoais, além do sentimento de pertencimento, mas sem perder a sua essencialidade enquanto objeto constituinte do espaço.

Pensando nas relações humanas que ocorrem em uma dada porção do espaço, Relph (2012, p.31) afirma que:

Lugar é um microcosmo. É onde cada um de nós se relaciona com o mundo e onde o mundo se relaciona conosco. O que acontece aqui, neste lugar, é parte de um processo em que o mundo inteiro está de alguma forma implicado, isso é muito existencial e ontológico.

Cada lugar é um mundo e são as relações de trocas entre o lugar e o mundo que nos marca e nos afeta no sentido de criarmos elos com os lugares e fazermos dele nosso próprio mundo. É no lugar que sentimos que nossas necessidades mais básicas e a própria existência é suprida, porém, precisamos de tempo para transformar o espaço comum em lugar e conferir-lhe afetividade e significados. A partir das experiências pessoais com o meio que atribuímos significados e importância para as coisas. O lugar é definido por e a partir de apropriações afetivas que decorrem com os anos de vivência e as experiências atribuídas às relações humanas (TUAN, 1983).

Segundo Tuan (2012), a fenomenologia se relaciona com os princípios e as origens do significado e experiência, e incluem os fenômenos da ansiedade, conduta, comportamento, lugar, religião e topofilia, compreendidos pela observação e mediação que devem ser vividos para serem compreendidos como são em verdade.

O espaço vivido toma dimensões sociais enquanto a criança caminha para a fase adulta e através de suas relações com os familiares (pai, mãe, amigos e parentes) permitem que aconteçam os convívios em círculos sociais e em repartições espaciais da sociedade. Frémont (1976, p. 35) acrescenta que “as estruturas do espaço humanizado não podem ser captadas sem referência ao conjunto das relações da sociedade”, ou seja, o espaço social e suas relações são objetos de estudo da Geografia, pois retratam um povo e suas relações em um determinado espaço.

A partir das relações com o lugar nos apropriamos dele e conferimos uma identidade, visto que, “um sujeito, ao apropriar-se de um lugar, com o tempo, deixa sua marca e, ao transformá-lo inicia um processo de reapropriação do ambiente, colocando nele objetos com o qual se identifica” (GONÇALVES, 2007, p.28-29). Assim, cada indivíduo se apropriará de forma diversificada do lugar e lhe dará

significados diferentes, deixando explícito a forma como se apropria e se relaciona com o seu lugar vivido.

Dessa forma, “o que começa como espaço, indiferentemente, transforma-se em lugar à medida que reconhecemos melhor e adotamos valor a ele” (TUAN, 1983, p. 6). Assim, um lugar só pode ser considerado como tal quando lhe conferimos significações e “transformar lugares é identificar-se, é transformar estes espaços em algo que reflita a identidade de um grupo ou de uma comunidade” (GOIS, 2005, p.104). O lugar se torna o espaço de vivência de um povo, que além do espaço físico e afetivo compartilham histórias, aspectos culturais, bem como, angústias e incertezas. Por meio destas relações interpessoais entre os indivíduos que estes poderão se apropriar do seu espaço vivido e a partir das significações conferidas ao lugar, além do viver e habitar, passará a pertencê-lo.

Para Marandola (2014, p.228) “é pelo lugar que nos identificamos, ou nos lembramos, constituindo assim a base de nossa experiência no mundo”. Por meio dos lugares por nós construídos e vividos que nos afirmamos enquanto seres no mundo e concretizamos a nossa existência, fortalecemos as nossas raízes (sentimentais, físicas e ontológicas) e nos afirmamos enquanto seres individuais e coletivos que partilham com outros a essência do ser-no-mundo.

Ao nos apropriamos dos lugares, esses vão sendo dotados de valores, com maiores ou menores ligações afetivas, ao mesmo tempo, vão se modificando e se reformulando visto que a sua dinâmica está em um constante movimento cíclico, pois está “longe de ser estático, ele é dinâmico, pois corresponde à própria essência do ser, que é igualmente viva” (MARANDOLA, 2014, p. 230).

A modernização decorrente da evolução tecnológica permitiu que alguns lugares se transformassem e se modernizassem e, conseqüentemente, outros se tornassem obsoletos, embora a ligação afetiva e a identitária sejam mantidas, estes deixam de ser atrativos.

Apesar das desventuras acerca do lugar e suas reformulações, esse pode ser entendido como “território demarcado, personalizado, possuidor de uma aura que atrai ou repele, mas envolve, protege, resguardando as vivências e as experiências de vida, criando ambiências, sendo pausas em movimentos maiores” (SOUZA, 2012, p. 56). No lugar é dado a possibilidade de compreendermo-nos enquanto seres no mundo, pois este nos cria, fundamenta, acolhe, abriga e, por vezes, lança-nos para

o espaço para que possamos ressignificá-lo e tomar como nossos outros lugares, visto que, o nosso lugar não nos serve mais como abrigo, nem atende as nossas necessidades básicas enquanto seres em processo de constituição, porém, sempre serão a nossa casa, nosso lar, a terra natal.

O lugar é para Tuan (2011, p. 12) como “uma pausa no movimento”. Essa pausa nos remete ao tempo cronológico, em que cada pequeno espaço se torna lugar a partir do contato vital desenvolvido neste. O espaço se torna lugar quando desenvolvemos e experienciamos nossa vida nele, ou ainda, como corrobora Araújo e Moura (2016, p. 24) “a pausa no movimento é vivenciar e revelar o lugar [...]. Vivenciar é permanecer um tempo no lugar para construir afeição e dotá-lo de valoração”. Desse modo, o lugar se firma como tal a partir do tempo investido e das relações nele estabelecidas, onde lhe conferimos os ideais de segurança e sobrevivência, bem como, atribuímos-lhe afeição, sensibilidade e significados.

Por fim, “é esse lugar a âncora espacial do ser-no-mundo e que se constitui enquanto circunstancialidade [...]” (MARANDOLA, 2012, p. 231), somos e compreendemos o que somos ao passo que compreendemos a dinâmica espacial do lugar no qual estamos inseridos. Quando entendemos a essência do lugar adquirimos a essência de nós mesmos, do porquê e para que estamos aqui e outros não, qual o nosso papel dentro deste espaço. No sentido filosófico, o espaço é mar e o lugar a âncora do navio e nós meros viajantes sempre em busca de portos para ancorar.

Desvelar a cidade enquanto seu lugar de vivência é mergulhar nas histórias que a constituíram e que lhe dotaram de valores e simbologias, cada mínimo espaço de um lugar carrega em si vestígios da essência constituinte da vida de um povo que outrora o construiu e o transformou a partir das suas articulações e interferências, sejam estas de ordem física, política, econômica, cultural, estrutural e arquitetônica.

Cada lugar é fruto da experiência e desenvolvimento da vida humana que aí se instalou, portanto, o processo perceptivo em relação a cidade enquanto lugar, espaço vivido e fruto de uma construção social dotados de valores simbólicos será compreendido a partir da ótica do imaginário. O imaginário permaneceu por séculos subjugados por pesquisadores e pensadores por entenderem que a imaginação não poderia ser incluída enquanto objeto de reflexão por se constituir por fontes de falseamentos e erros (MARIANO NETO, 1999, p.8-9). O imaginário se refere à

capacidade da mente humana em dar significados nas representações de objetos através dos sentidos, ou ainda, como define Maffesoli (2001, p. 75) “o imaginário é uma força social de ordem espiritual, uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável”.

Somos seres individuais e, ao mesmo tempo, coletivos. Pensamos individualmente, porém, em algum momento a nossa relação com o coletivo se amplia e, inconscientemente ou não, somos influenciados por devaneios de outrem. Logo, começamos a ter uma percepção baseada nas perspectivas de mundo das outras pessoas, uma vez que compartilhamos a mesma cidade, o mesmo lugar, o mesmo espaço, criando-se assim, uma imagem dessa cidade e de como esta se mostra para seus habitantes. Segundo Silva (2001, p.10) “o ponto de vista marca tanto uma noção espacial, aquilo que reconheço porque vejo quanto uma noção narrativa, o que eu conto porque conheço ou sei”, constantemente interiorizamos as histórias contadas sobre um lugar, uma cidade, e, conseqüentemente, criamos e damos vida a uma imagem mental do que esta representa para nós mediante ao que internalizamos e consideramos importante. O imaginário é uma forma de amadurecer e recriar uma imagem da realidade para compreender a nossa existência.

Pensando na geograficidade que envolve o imaginário da cidade, Castro (1997, p.178) afirma que “o imaginário social é também um imaginário geográfico, porque, embora fruto de um atributo humano – a imaginação – é alimentado pelos atributos espaciais não havendo como dissociá-los”. O imaginário social é resultado do imaginário geográfico e vice-versa, pois o imaginário advém da imaginação que sem os elementos geográficos (espaciais) seriam inexistentes, pois só podemos dotar de valores e simbologias o que faz parte das nossas práticas e vivências ou através do que nos foi dito.

Desse modo, o imaginário social construído inconscientemente pelos habitantes de um lugar se subverte em imagens de uma realidade representativa da sociedade como um todo, porém essa representatividade é simbólica, pois não retrata a realidade em si. Um exemplo da representatividade simbólica é quando os estudantes ou os cidadãos se referem à cidade de Figueira como “a cidade do carvão”. Se trata de uma imagem ou representação mental que foi construída a partir do imaginário de outras pessoas que, ao longo do processo construtivo da sua

realidade, se fortaleceram e, portanto, criaram a partir desta classificação uma imagem simbólica que não representa o que de fato a cidade é. Nesse sentido, buscaremos captar imagens de Figueira, utilizando documentos históricos, mas também narrativas pelas quais se constrói o imaginário geográfico que é mentalizado, presentificado e experienciado pelos seus habitantes.

Os símbolos podem ser compreendidos a partir da visão de Jung (1964, p.20) “o símbolo é um termo, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida diária embora possua conotações especiais além do seu significado evidente e condicional”. Esses símbolos podem ser compreendidos e evocados subjetivamente, tendo em vista os diferentes olhares que os constroem e os dotam de amor, afetividade, repulsa, indignação, contentamento ou descontentamento.

Portanto, a cidade pode ser considerada o lugar onde o imaginário social e geográfico se subverte em uma possível realidade, de um mundo vivido que está se construindo e se reconstruindo pelos acontecimentos cotidianos e coletivos. O que diferencia uma cidade da outra são os símbolos que seus habitantes constroem para representá-la e a partir dessa participação simbólica que a cidade pode se mostrar aos seus habitantes e aos seus passantes (SILVA, 2001).

A cidade enquanto “lugar” pode ser entendida como “um modo de viver, de pensar, mas também de sentir. O modo de vida urbano produz ideias, comportamentos, valores, conhecimento, formas de lazer e também uma cultura” (CARLOS, 1992). Nesse sentido, a cidade é fruto da produção humana, do trabalho e das vivências que se firmam em dado lugar, portanto, é necessário que quem o vive, também o reconheça em sua veracidade tendo em vista que:

Compreender o lugar em que se vive encaminha-nos a conhecer a história do lugar e, assim, a procurar entender o que ali acontece. [...] nenhum lugar é neutro, pelo contrário, os lugares são repletos de história e situam-se concretamente em um tempo e em um espaço fisicamente delimitado. [...] Ao mesmo tempo em que ele é palco onde se sucedem os fenômenos, ele é também ator/autor, uma vez que oferece condições, põe limites, cria possibilidade. (CALLAI, 2005, p. 236)

A apropriação do lugar por meio da compreensão dos fatos e fatores que perpetuam e fazem deste lugar único no mundo é a primeira forma de nos situarmos no ambiente no qual estamos inseridos, compreender a dinâmica do lugar e suas

possibilidades é uma maneira de firmarmos a nossa identidade com o espaço vivido e experienciado. Assim, nos interessa compreender como esta cidade se revela e como as pessoas, os estudantes a percebem, mas sem desconsiderar os fatos. Para isso, cabe ressaltar inicialmente que não percebemos o mundo exterior baseados na nossa percepção, mas sim como as transformações geradas pelos nossos órgãos dos sentidos permitem-nos reconhecer (OLIVEIRA, 2003).

Sendo a cidade o mundo vivido e palco de vivências diárias, o homem percebe esse “lugar” para além dos devaneios imaginários a partir de todos os seus sentidos (tato, olfato, visão e audição). Esses sentidos o levam a percepção do seu mundo uma vez que, como cita Tuan (2012, p.30), “a percepção é uma atividade, um estender-se para mundo”. Nesta perspectiva a cidade vai além do que os nossos olhos abarcam, do que os ouvidos são capazes de ouvir ou os cheiros que predominam sobre a atmosfera. As pessoas percebem uma cidade em sua essência, quando se percebem como ser-no-mundo e colocam nesse processo perceptivo os seus corpos com seus sentidos e habilidades para conhecer o mundo.

Na perspectiva fenomenológica o lugar pode ser visto por diferentes ângulos e significações, revelando as experiências a partir da vivência de quem o habita. Os lugares estão em constantes ciclos de mudanças, não são os mesmos do passado, pois a visão de seus habitantes se transformam com o passar do tempo e nem mesmo compartilham de uma mesma visão sobre o seu lugar/mundo, de modo que “duas pessoas não veem a mesma realidade. Nem dois grupos sociais fazem exatamente a mesma avaliação do meio ambiente” (TUAN, 2012, p.21), logo, um lugar pode ser considerado significativo para uma pessoa, enquanto para outra não passa de um espaço comum.

O lugar se apresenta de forma variada para cada grupo de indivíduos que lhe atribui significado a partir de suas experiências, as quais podem ser afetivas ou repulsivas, “pensar o lugar é considerar suas singularidades compostas por experiências, intenções e relações pessoais, e assim compreendê-lo em sua significância” (ARAÚJO; MOURA, 2016, p. 24), valorando a relação homem- lugar.

Pertencer a um lugar vai além de suas dimensões territoriais, é ter na terra um porto seguro. Desde os primeiros indícios e formação de núcleos urbanos, a cidade era vista como um enclave fortificado, uma maneira de viver com tranquilidade ou mesmo como um ponto de referência entre partidas e chegadas.

Atualmente, as cidades, em especial as pequenas, ainda mantêm alguns traços primários, como por exemplo, viver tranquilamente e manter afetividade pelo lugar, além disso, como argumentam as autoras:

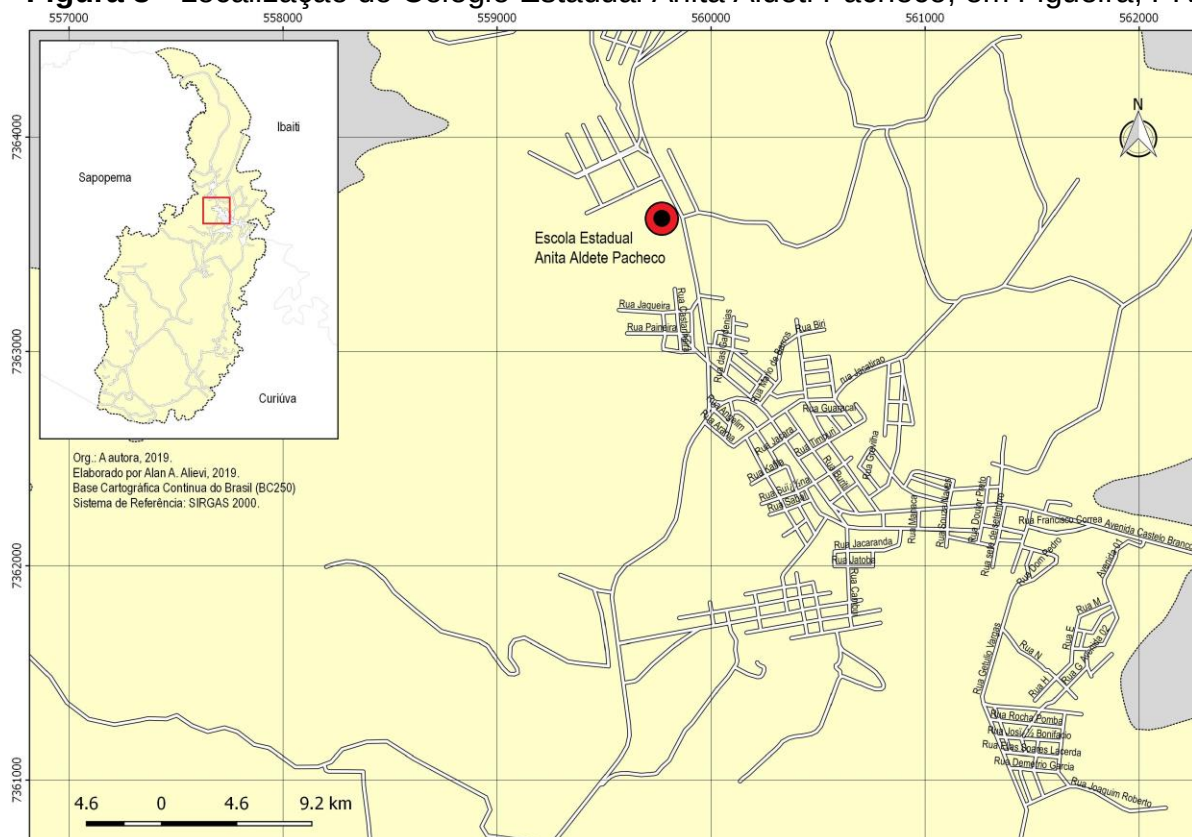
Os espaços das pequenas cidades, via de regra, não são pensados do ponto de vista das construções e significados emocionais, pelo contrário, são julgados por sua aparência e estética. Desconsideram-se as construções pessoais, os espaços de vida, as lugaridades que os indivíduos construíram e constroem sobre as cidades. Pensar o lugar e o seu pertencimento requer ir além de seus traços estruturais. (ARAÚJO; MOURA, 2016, p. 29)

Isso posto, reafirmamos a necessidade de uma reflexão acerca da cidade que contemple, além dos espaços físicos estruturados e concebidos materialmente, uma reflexão sobre como a cidade se mostra em sua essência e como os seus habitantes a percebem.

2 COLÉGIO ANITA: LUGAR DE SIGNIFICAÇÕES

O lugar que inspirou o desenvolvimento do trabalho foi o Colégio Estadual Anita Aldeti Pacheco, localizado na Rua Pessegueiro, 969, no bairro Jardim Aurora, em Figueira- PR, tão logo, nas proximidades das minas de carvão do município e o meu local de trabalho, de vivências ímpares onde os ‘encontros’ foram possíveis.

Figura 3 - Localização do Colégio Estadual Anita Aldeti Pacheco, em Figueira, PR.



Fonte: PUCHALSKI; ALIEVI (2019). Base Cartográfica Contínua do Brasil (BC250), 2000.

O Colégio foi inaugurado no dia 10 de setembro de 1950, no Governo do senhor Moisés Lupion, com o nome de Grupo Escolar de Figueira, quando o atual município era apenas um distrito da cidade vizinha, Curiúva, Paraná. Trata-se de um colégio tradicional e antigo do município e, devido a uma série de remanejamentos entre os prédios estaduais e municipais as instalações do colégio são novas (Figura 4).

Figura 4 [Fotografia] – Vista do Colégio Anita, Figueira, PR.



Fonte: PUCHALSKI (2019)

Esta instituição de ensino conta com um terreno de 4.560m², com o total de área construída de 2.225,11 m² e de área livre 2.334,89m², com uma quadra de esportes com 717 m², e a área total do terreno cercada por muros. A estrutura do colégio é ampla, com dois blocos construídos em alvenaria, com alguns ambientes necessitando de reparos. O bloco 1 conta com três salas de aula, secretaria, sala dos professores, direção e equipe pedagógica, além do laboratório de informática e biblioteca; o bloco 2 abriga quatro salas de aulas, sala de recurso e multifuncional, sanitários e cantina. Neste ambiente espaçoso e aconchegante circulam diariamente cerca de 400 estudantes, durante os períodos matutino, vespertino e noturno, sendo duas turmas em período integral, provenientes de diferentes bairros do município, inclusive da área rural. A estrutura do colégio é adaptada para atender estudantes com necessidades especiais, todos os ambientes possuem rampas de acesso como se observa na figura 5.

Figura 5 [Fotografia] – Entrada do Colégio Anita, Figueira, PR.



Fonte: PUCHALSKI (2019)

No bloco 2, encontramos um dos lugares preferidos dos estudantes, o refeitório, o lugar mais disputado nas aulas vagas ou no intervalo, não apenas pelo lanche, mas pelas mesas de ping-pong, onde acontecem disputas e diversões (Figura 6).

Figura 6 [Fotografia] – Refeitório do Colégio Anita, Figueira, PR.



Fonte: PUCHALSKI (2019)

O colégio dispõe de uma quadra grande e coberta onde são realizadas as aulas práticas de Educação Física e, ao lado desta, encontramos outro espaço descoberto e com uma rede para a prática de voleibol. Nesses espaços que os estudantes se encontram e podem manter um contato com a natureza. O horizonte que se desdobra ao fundo do colégio apresenta uma visão panorâmica da cidade, onde os estudantes podem observar os recortes do relevo, as transformações da paisagem, ou ainda, em dias chuvosos, a chegada de temporais (Figura 7).

Figura 7 [Fotografia] – Quadra do Colégio Anita, Figueira, PR.



Fonte: PUCHALSKI (2019)

Pelo movimento diário no colégio presentificamos o desenvolvimento dos estudantes que por aí passam, como se este espaço fosse um portal que poderá levá-los para caminhos promissores e uma vida bem-sucedida. Neste espaço de aprendizagens é possível promover reflexões sobre a cidade, um lugar conectado com outros lugares, e estratégias para que os estudantes-cidadãos possam compreender melhor o seu lugar no mundo.

Para isso, levamos em conta os conteúdos abarcados pelas Diretrizes Curriculares do Paraná (2008) e do Plano de Trabalho Docente (PDT) do colégio, contemplando as especificidades de cada turma que participou das etapas do desenvolvimento metodológico desta pesquisa-participante. Os estudantes

colaboradores da pesquisa frequentam as turmas do 2º ano do Ensino Médio (matutino, vespertino e noturno). Com base nas propostas curriculares para o 1º Trimestre (PARANÁ, 2008), foram abordados os temas: Lugar e Cidade, como pode ser observado no quadro 1, e que serviu de base para a obtenção dos dados e resultados que serão explorados adiante.

Quadro 1: Plano de Trabalho Docente 2ºano, 1ºTrimestre, 2019.

Conteúdo Estruturante	Conteúdo Básico	Conteúdo Específico	Expectativas de Aprendizagem
Dimensão Econômica do Espaço Geográfico; Dimensão Política do Espaço Geográfico; Dimensão Cultural Demográfica do Espaço Geográfico; Dimensão Socioambiental do Espaço Geográfico.	A transformação demográfica, a distribuição espacial da população e os indicadores estatísticos; A formação e o crescimento das cidades, a dinâmica dos espaços urbanos e a urbanização recente; Movimentos migratórios e suas motivações	Lugar, cidade e cidadania. Formação e crescimento das cidades. Urbanização e Hierarquia Urbana do Brasil. Problemas urbanos: inchaço, favelização, prostituição, violência.	Espera-se que os alunos se apropriem do conceito de Lugar, associando a este a sua cidade e sua vivência, bem como se deu o processo de surgimento da mesma. Compreendam também como a urbanização do Brasil e do município estão ligadas a urbanização bem como, com as migrações e os problemas gerados pela urbanização desenfreada.

Fonte: PUCHALSKI (2019).

Na terceira coluna do quadro, em conteúdos específicos, constatamos a presença do conteúdo foco desta pesquisa, o que trouxe a possibilidade de articular o ensino e a pesquisa, na compreensão da percepção dos estudantes em relação ao município onde vivem e da importância e significado desse lugar em suas vidas, na perspectiva da construção da cidadania. Os conteúdos curriculares foram articulados à metodologia de pesquisa de forma que estes fossem cumpridos de acordo com o andamento das propostas previstas pelo colégio, atrelando os conteúdos escolares com a pesquisa, tendo a cidade de Figueira como fio condutor para o desenvolvimento do trabalho. A partir da história do município atrelada às percepções dos estudantes advindas da experiência em seu mundo vivido, sem descuidar do conhecimento formal construído na escola, se deu a busca incessante por unir sujeito-objeto, teoria-prática, fazendo da Geografia Escolar uma forma cognitiva e sensível de conhecer o mundo da vida para nele agir com autonomia.

II

[CIDADE] LUGAR DE EXPERIÊNCIAS QUE EDUCAM

Figura 8 [Croqui] – Vista parcial do município de Figueira, PR



Fonte: PUCHALSKI; ALIEVI (2019)

3 FIGUEIRA – LUGAR DE MEMÓRIA

Todos os lugares são constituídos por memórias obtidas através de experiências vividas e/ou ouvidas e armazenadas no cérebro e que podem ser esquecidas ao passo que envelhecemos. A cidade de Figueira se coloca enquanto lugar de memórias presentes no cotidiano urbano e nas lembranças da população, fazendo com que o passado do lugar ganhe permanência e se torne real para quem o vive, deixando explícito o fato de que nosso passado são nossas memórias e o que sabemos dele. O passado está além do nosso alcance, do qual não podemos verificá-lo pela observação ou experimentação (LOWENTHAL, 1998).

As memórias do passado do lugar são fundamentais para compreendermos a dinâmica do atual ambiente, porém, não podemos esquecer de que a cidade é composta por vários indivíduos e que cada um possui uma memória e que possivelmente só relatará fatos importantes e que lhes marcaram ao longo de suas vivências. Porém o passado da cidade é coletivo e se deu a partir das relações estabelecidas ao longo do seu processo de consolidação, assim, as memórias individuais são necessárias para uma constatação efetiva do passado, ao passo que a memória coletiva é indispensável, “impregna a vida [...] e precisamos das lembranças de outras pessoas tanto para confirmar quanto para dar continuidade as nossas próprias lembranças” (LOWENTHAL, 1998, p. 77).

Figueira é uma cidade pequena e pacata, que se mostra como um lugar onde a vida passa sem pressa, onde as ruas quase sempre estão em perfeita calma sem o fluxo intenso de automóveis, as pessoas espiam o vai e vêm de outras sentadas nos banquinhos do centro, os idosos tiram cochilos sentados à sombra da figueira ou apenas colocam o papo em dia. As comadres em suas áreas a contar os últimos acontecimentos da cidade e no meio disso tudo, às vezes surge um toque fúnebre anunciado por um carro de som, e todos quase que por instinto sabem que alguém se foi. Neste lugar todos se conhecem ou têm um conhecido.

Pensar em Figueira, assim como em outras cidades/lugares para outros habitantes e pertencentes a um dado espaço, é falar em lembranças, em essência de vida e pessoas, em passados e memórias, trazendo à tona frações do lugar-cidade. A impressão que se tem vivendo neste lugar é que o espaço-tempo, passado e presente, são uma constante. As pessoas que habitam esse lugar trazem

impressos nas suas almas os tempos gloriosos em que a cidade viveu e que nada pode interferir nessa conexão, nessa relação construída historicamente e, que por detrás das novas realidades vividas e experienciadas, sempre tem os vestígios deixados pelo passado e que permeiam a memória e a vida dos figueirenses. Apesar das inovações e remodelações do seu espaço geográfico, Figueira manteve os seus traços primários, as construções foram restauradas, mas não realocadas. As primeiras ruas abertas em Figueira ainda são as mesmas, agora cobertas de asfalto e pedras; o cemitério, a praça, os colégios, o comércio, as vilas e os bairros são testemunhos do passado da cidade.

Neste lugar, que é o meu lugar, a impressão que se tem é que o espaço temporal e a sua complexidade ficam subjugadas a monotonia dos dias que se passam e a torna quase que inabalável diante dos problemas de ordem socioeconômica que afetam as cidades, como se nada colocasse em xeque a dinâmica na qual ela se movimenta.

Dessa forma, pensando na cidade como morada e local de aderências de diferentes indivíduos, lar de variadas famílias e ponto de encontro de diferentes grupos sociais, cada lugar se estabelece baseado em diferentes interesses e se constroem e moldam estruturadas nessas premissas. Figueira é um lugar de memória, embora seja uma cidade jovem e pequena, esta abriga diferentes características que lhe são históricas e peculiares, seja a mina de carvão, as suas figueiras e seus figueirenses, todos impregnados de memórias e passados. Diante da remodelação dos espaços de Figueira, da perda de parte de seus pioneiros e da população jovem, além da falta de preservação da memória devido à incorporação do novo, uma das formas de se resgatar o seu passado é por meio de memórias e lembranças que podem ser ouvidas pelos seus habitantes e visualizadas em alguns pontos da cidade.

No decorrer dos dias em que a rotina é construída não paramos para pensar sobre o lugar no qual vivemos/habitamos, não nos atentamos às memórias do passado presentificadas e tampouco percebemos que esse lugar é investigado e debatido mesmo que de forma indireta pelas mais variadas formas de ciência. Diante do vasto aporte teórico geográfico urbano, definir o que é uma pequena cidade é uma tarefa árdua devido a existência de variáveis a serem observadas para que se possa qualificá-la.

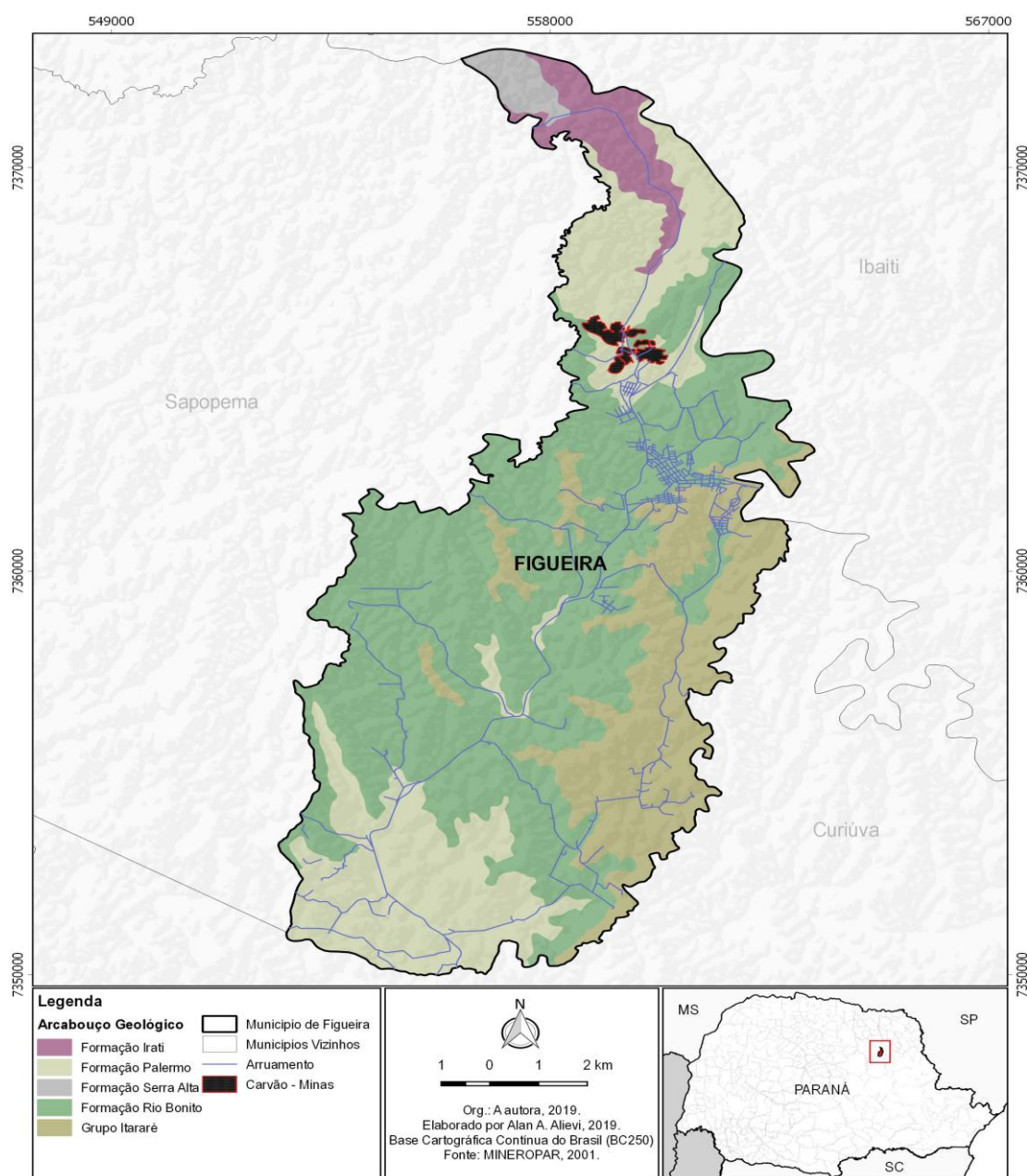
Do ponto de vista quantitativo, Figueira possui aproximadamente 8.293 habitantes (BRASIL, 2010), os quais dependem da renda direta ou indireta proveniente da extração carbonífera. É importante esclarecer que o Produto Interno Bruto (PIB) per capita de Figueira, em 2016, foi de R\$ 17.618,62 e o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) no mesmo ano foi de 0, 677. Em 2017 o total de receitas arrecadadas no município foi de R\$ 26.919.022,000 e o total de despesas empenhadas foi de R\$ 24.908.066,000 (BRASIL, 2018), grande parte referente a econômica carbonífera.

As pequenas cidades são classificadas, segundo o IBGE (BRASIL, 2010), como qualquer aglomeração urbana com 20.000 ou mais habitantes, no entanto, ao se analisar minuciosamente os fatores que constituem uma cidade e classificar a ordem que elas ocupam como pequenas, médias ou grandes, a delimitação do número de habitantes nesta classificação torna-se um erro. Mais importante que o número de pessoas que habitam o local, é considerar a importância da cidade dentro do espaço geográfico e não somente o número de habitantes, que padroniza e homogeneiza todas elas meio a um único critério.

Fresca e Veiga (2011) comentam que esta classificação pode ser um risco, pois as cidades, em sua essência, são diferentes e ao considerar apenas os dados numéricos da população, as especificidades de cada cidade se anulam, visto que existem cidades que possuem o mesmo número de habitantes, mas não recebem a mesma nomenclatura hierárquica devido à rede urbana na qual estão inseridas.

As cidades, independentemente de seus tamanhos e do número de habitantes, são os lugares onde vivem, de forma diferenciada, parcelas significativas da população. Figueira não se trata de um caso isolado, embora seja considerada uma cidade de pequeno porte, esta é formada por histórias, experiências, vivências e particularidades que a tornam especial e única aos olhos de quem a experiencia. Portanto, Figueira não é apenas uma cidade pequena e bucólica, suas peculiaridades físico-geográficas a tornam tão importante quanto outras cidades. Este município está inserido na região morfológica do Segundo Planalto do Paraná ou Planalto de Ponta Grossa, constituído de sedimentos paleozóicos e mesozóicos, que devido a sedimentação do seu terreno proporcionou que se formasse na região grandes jazidas de minerais, no caso, o carvão mineral, como pode ser observado na figura 9 (MAACK, 2002).

Figura 09- Áreas carboníferas no município de Figueira, PR.



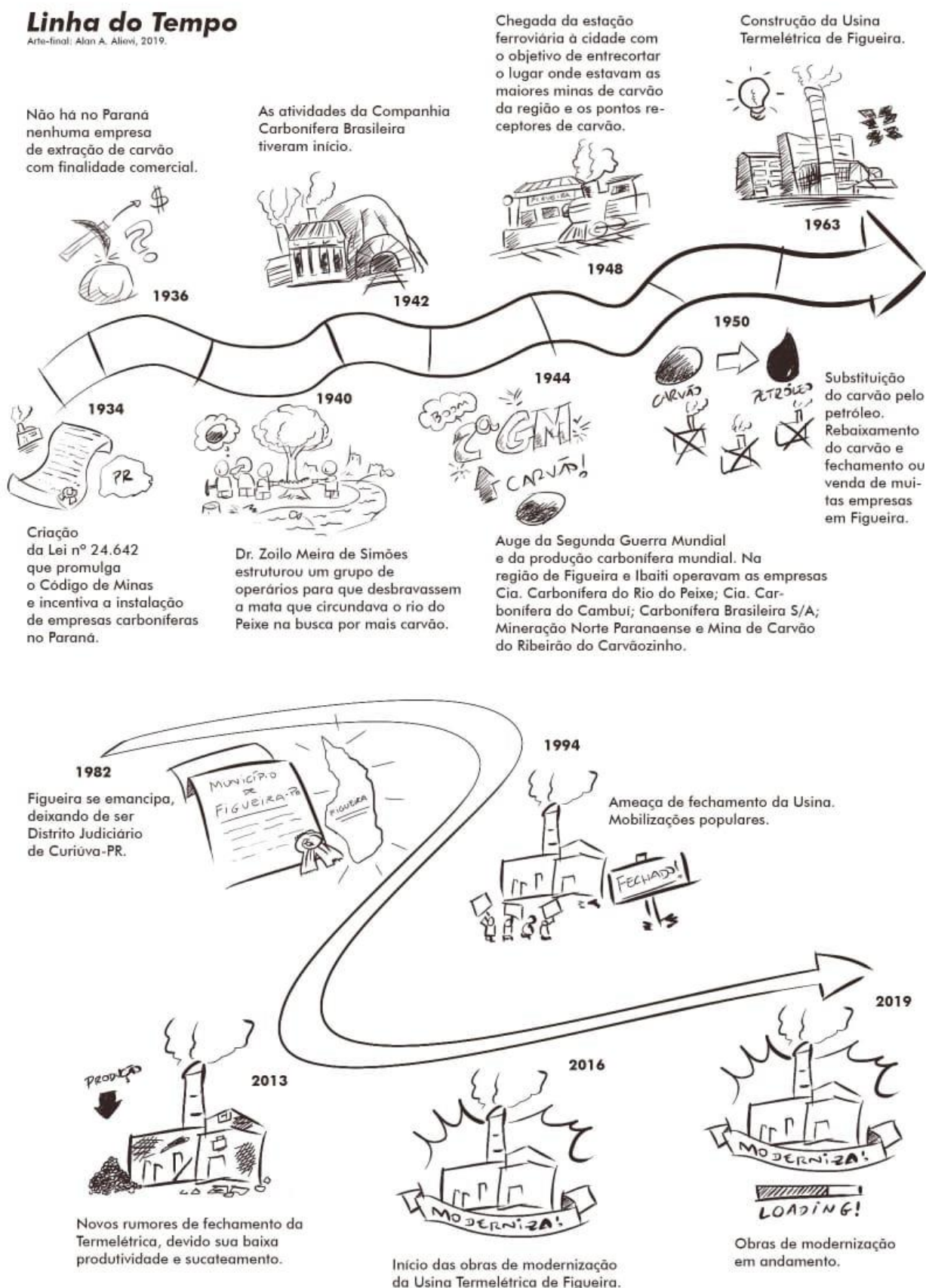
Fonte: PUCHALSKI; ALIEVI (2019). Base Cartográfica Contínua (BC250). Mineropar, 2001.

O seu subsolo riquíssimo em carvão mineral abriga a maior carbonífera do nosso Estado, a Companhia Carbonífera do Cambuí, o que faz com que o município seja o único produtor de energia termelétrica do Estado do Paraná e o responsável por cerca de 70% do PIB do município. Responsável pelo progresso da região, a importância da carbonífera pode ser percebida no dia a dia da cidade uma vez que as pessoas delegam a essa indústria a sobrevivência do município e de si próprio, pois até a consolidação desta empresa, o lugar era um pequeno vilarejo que mais

tarde foi dando forma ao seu espaço físico-urbano graças ao trabalho profícuo dos primeiros povoadores e à modernidade que foi chegando ao lugar.

Portanto, o desenvolvimento do município de Figueira está relacionado às atividades carboníferas, que incentivaram a população a migrar para as proximidades e, posteriormente, da usina termelétrica em busca de emprego. Há uma imensa dependência das atividades ligadas à extração do carvão mineral e sua utilização energética na Usina Termelétrica de Figueira (UTELFA). A Linha do Tempo apresentada a seguir (figura 10) resgata acontecimentos que marcaram a cidade e a sua evolução em torno da economia do carvão, entre os anos de 1934 e 2019, e que movimenta a economia e a vida do município na atualidade.

Figura 10 – Síntese ilustrada da economia de Figueira, PR (1934-2019)



Fonte: PUCHALSKI (2019)

Os acontecimentos evidenciados nesta linha do tempo são marcos evolutivos e constituem a história da cidade e do povo figueirense.

Segundo Ferreira (1996) a história da cidade de Figueira está relacionada com a do município de Curiúva, emancipado em 1982. Os primeiros indícios de movimentação nesta região aconteceram no século XIX, época em que os vales dos rios Tibagi e Paranapanema foram desbravados pelo sertanista Joaquim Francisco Lopes que trabalhava para João da Silva Machado, o Barão de Antonina; pioneiros do desbravamento da floresta das serras do Facão e do Caeté, local que mais tarde passou a ser chamado de Curiúva.

Os primeiros moradores de Curiúva foram Fortunato Rodrigues Jardim e Antônio Cunha, proprietários de extensas áreas da região e os beneficiados com a ordem do imperador Dom Pedro II que determinou a abertura de uma estrada que ligasse os Campos Gerais à Colônia Militar de Jataí, em 1851. O povoamento só se efetivou quando os migrantes chegaram do estado de São Paulo e pela permanência de viajantes que passavam por ali. Em 1925 a região foi ocupada por garimpeiros e exploradores, pois se tratava de um lugar rico em recursos minerais e propício a escavações para a extração de jazidas de carvão mineral. Os primeiros habitantes de Figueira foram atraídos pelas riquezas minerais e pertenciam à família Fajardo, que tinha o interesse de colonizar o espaço. Depois desses, outras famílias chegaram ao local atraídas pelo trabalho que envolvia a extração de carvão (FERREIRA, 1996).

A partir das políticas econômicas estabelecidas na época, a produção carbonífera ampliou suas produções e vários recursos ligados à extração e distribuição de carvão foram instalados em Figueira e região, ampliando, assim, o capital do município que possuía sua natureza virgem e resguardada e que, em decorrência desta economia, foi modificada de maneira significativa para a região.

Entre os fatores que marcaram a história e o desenvolvimento do município de Figueira e do seu povo, possibilitada inicialmente pelas atividades extrativistas, a chegada da estação ferroviária à cidade foi um advento registrado, em 1948, com o objetivo de entrecortar o lugar onde estavam as maiores minas de carvão da região até os pontos receptores deste minério. Junto com a construção da estrada de ferro chegaram ao povoado água e energia elétrica e devido à grande movimentação

exploratória de vários setores econômicos, em 20 de janeiro de 1949, Figueira se tornou Distrito Judiciário de Curiúva (REVISTA NOSSA FIGUEIRA,1997).

No entanto, esta euforia durou pouco, a estação ferroviária acabou anos mais tarde inviabilizada. Entre os percalços que levaram a tal situação destacamos o fato da cidade estar fora da rota dos grandes centros urbanos e polos industriais. A crise carbonífera nacional, de 1950, fez de Figueira um centro de economia deficitária com bases em atividades do setor primário, o que não despertou o interesse em dar continuidade na construção da malha ferroviária existente.

Diante do insucesso da malha ferroviária, da queda do valor econômico e da importância do carvão foram iniciadas novas tentativas de dinamização da economia até que, em 1957 com incentivos do governo de Juscelino Kubitschek, foi autorizado o financiamento para a construção da atual Usina Termelétrica de Figueira, inaugurada em abril de 1963, tendo como combustível o carvão extraído das minas da Carbonífera do Cambuí. Nos primeiros anos de atuação, a termelétrica teve grande participação no abastecimento elétrico do Estado. A dinamização econômica gerada pela exploração do carvão mineral e produção de energia termelétrica ocasionou um aumento considerável da população fazendo com que, em 20 de abril de 1982, Figueira conseguisse a sua emancipação política.

Figueira passou por um longo período de evoluções, porém, no início da década de 1980 a Companhia de Energia Elétrica do Paraná (COPEL), empresa responsável pela Termelétrica de Figueira, deixou de investir na termelétrica, uma vez que, se comparada com as usinas hidrelétricas recentemente instaladas o seu nível de produção era baixo, o que gerou um sucateamento das instalações e equipamentos. Em 1994, a Copel decidiu pelo encerramento das atividades da usina e numa tentativa de mitigar os problemas sociais transferiu empregados, incentivou aposentadorias, desmobilizou a vila Residencial Vale Verde e uma escola mantida pela empresa (BRITO JR, 1999). No entanto, essa tentativa não teve êxito, pois a população não aceitou a decisão de maneira passiva, houve mobilização popular e política e grande destaque na mídia local. Não se tratava apenas do fechamento da usina, mas da vida do município e de seus habitantes, pois, esta atividade desempenhava papel fundamental na manutenção econômica local direta e indiretamente, vez que os comércios, as agências bancárias e a própria extração carbonífera estariam fadadas ao fracasso, e, não obstante, a população figueirense

sofreria com tais mudanças. Diante da mobilização local, a Copel terceirizou os serviços de operação da usina. A Companhia Carbonífera do Cambuí, empresa que explora o carvão mineral do município ganhou a licitação e o contrato entrou em vigor em 1996, com possibilidade de renovação a cada 10 anos (IPARDES, 2003).

Em 2013 novamente começam os rumores de fechamento da Usina Termelétrica, noticiadas em jornais do Estado como a Folha de Londrina¹, no entanto, dessa vez a problemática envolvia a questão funcional, já que a usina é antiga e necessitava de modernização para que continuasse operando com mais efetividade. Diante do clamor público e administrativo, em 2016, foram liberadas as verbas necessárias para a modernização. A previsão para a conclusão das obras seria até 2018, porém, as obras ainda não foram concluídas no presente ano.

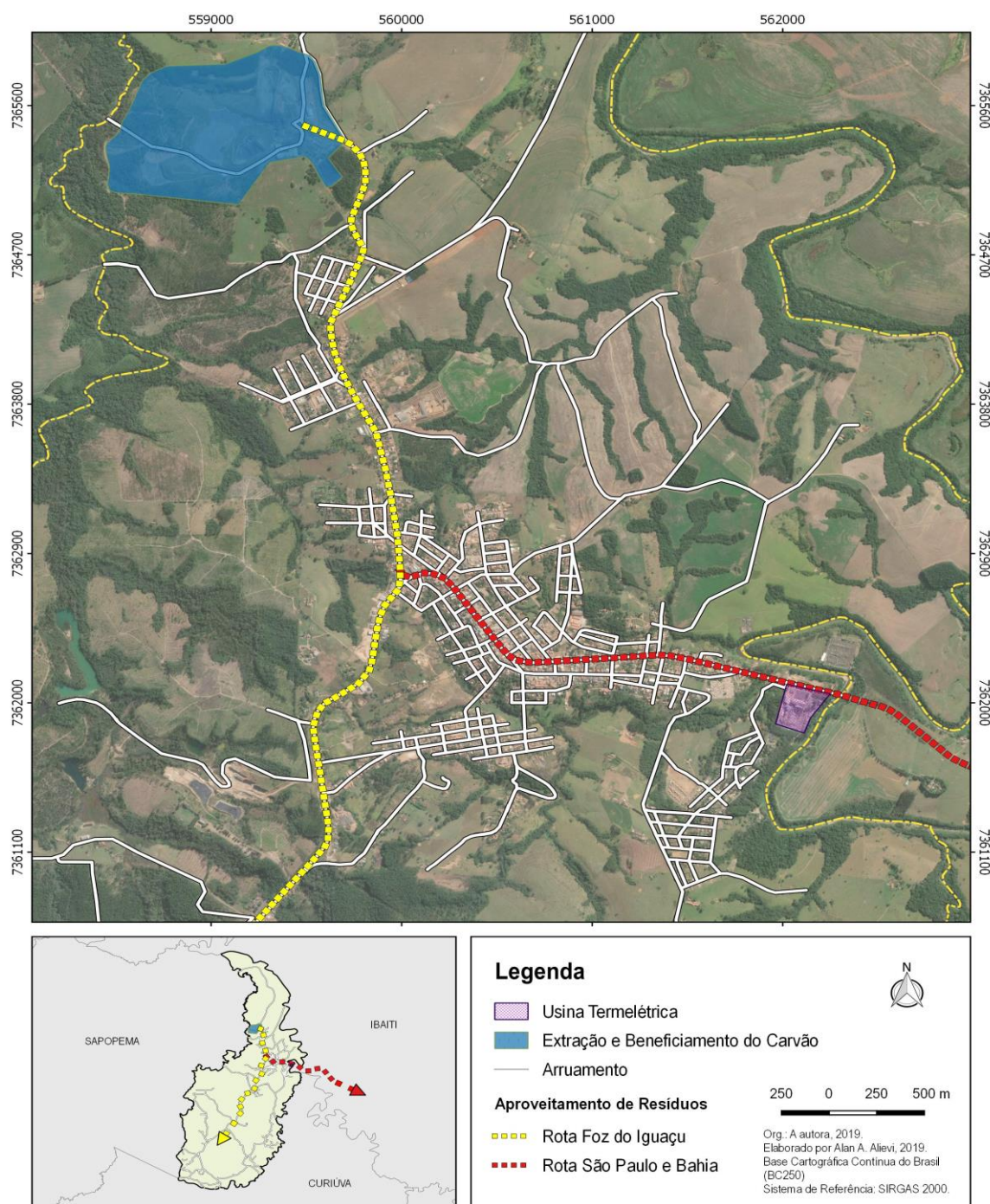
Nesse tempo de inatividade da Usina, a extração carbonífera continua, porém, com menos intensidade já que a maior parte do carvão extraído é vendido e consumido na termelétrica. O que tem mantido a normalidade nas receitas do município é a venda do carvão mineral para outros setores industriais fora do município e o contingente de trabalhadores que vieram para as modernizações da usina.

Diante do exposto, qual a relação da cidade de Figueira com outros lugares? Como estas atividades movimentam o lugar e qual a relação das pessoas que aí vivem com essas atividades e a importância que elas as conferem?

Pelo mapa (Figura 11) é possível percorrermos imaginariamente pelos caminhos que o carvão percorre dentro e fora do município.

¹ Notícia sobre o fechamento da Termelétrica de Figueira. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/norte-pioneiro/ameaca-de-fechamento-de-usina-deixa-cidade-em-alerta-841520.html>. Acesso em: 20 nov. 2019.

Figura 11- Trilhas do Carvão.



Fonte: PUCHALSKI; ALIEVI (2019). Base Cartográfica Contínua (BC250). Mineropar, 2001.

O município de Figueira se movimenta e tem a maior parte da sua renda proveniente do carvão mineral² e, de certo modo, a cidade se estruturou e cresceu

² O carvão mineral é uma rocha sedimentar de origem fóssil, formado a partir da decomposição de vegetais que sofreram soterramento e se compactaram em bacias pouco profundas. Portanto, são de

baseada na lucratividade que tal atividade proporcionou para o lugar. Como pode ser observado na figura 11, a cidade se expandiu entre as minas de carvão e a usina termelétrica, que em função das atividades econômicas e diante das ofertas de emprego as pessoas foram se instalando ao longo desse percurso, o que dinamizou a economia do lugar.

Atualmente, 90% do carvão mineral explorado no município é destinado para atender o consumo do mercado interno da usina termelétrica e utilizado na geração de energia. Os outros 10% são comercializados dentro e fora do estado do Paraná, atendendo cidades do estado de São Paulo e Bahia, onde o minério é utilizado em variados ramos da indústria, entre eles destacam-se a utilização na indústria cimenteira, em cerâmicas, na composição de adubo organo-mineral, entre outros.

As atividades de extração e beneficiamento do carvão, antes rudimentares, foram aprimoradas e sofreram um processo de industrialização visando o crescimento da produtividade. Assim se instalou na cidade usinagens que se dedicam a manutenção e reparo das máquinas da carbonífera do Cambuí, bem como da Usina. A rede hoteleira e alimentícia se desenvolveu visando atender a demanda de funcionários que prestam serviços para tais empresas, houve também, a expansão na rede de transportes que prestam serviços de fretamento para a carbonífera.

A permanência e a vida dos munícipes estão direta e indiretamente ligadas às atividades de extração do carvão e produção de energia e, por muito tempo, as pessoas vislumbravam perspectiva de crescimento profissional que a empresa proporcionava, visto que, criou-se no ideário do figueirense que para ser feliz ou bem-sucedido bastava que se tornasse empregado da “firma”. Para se ter dimensão desse posicionamento, segundo dados da Carbonífera do Cambuí, desde a sua fundação na década de 1940 a empresa empregou mais de 8.900 trabalhadores. Se comparados aos atuais dados demográficos, esse número de trabalhadores demonstra a importância da atividade de mineração ao longo da trajetória histórica, econômica e social do município que, no auge da extração do carvão, chegou a empregar um total de 800 funcionários, atualmente, gera apenas 280 empregos diretos.

origem orgânica e segundo a definição geológica, não são rochas autênticas. (SCHUMANN, 1985, p.134)

Embora o carvão mineral tenha sido e ainda é importante para a movimentação e dinamização da economia figueirense, cabe ressaltar que além de ser um recurso esgotável e não-renovável, acarreta uma série de danos ao meio ambiente, já que se trata de uma fonte de energia suja. Desde o início da Revolução Industrial o carvão mineral tem sido utilizado como fonte de energia e sempre provocou graves problemas de ordem ambiental (chuva ácida, liberação de gases poluentes) e de saúde pública (bronquites, doenças de pele, etc.), visto que é a fonte de energia que mais libera gases nocivos aos seres humanos e ao ambiente, em especial o CO². De acordo com Monteiro (2004), em um demonstrativo sobre o percentual de contribuição de empresas brasileiras de CO², a Usina Termelétrica de Figueira libera um montante de 0,6 milhões de toneladas/ano, com uma capacidade de 127 MW.

Tais números são preocupantes, porém, muitos habitantes de áreas carboníferas, inclusive da cidade de Figueira, desconhecem a gravidade das atividades extrativistas e o seu lado perverso, tendo em vista que a população foi condicionada a um posicionamento de que estas atividades são boas e mantenedoras do lugar e para as empresas a divulgação de tais dados não interessam. Os problemas ambientais começam desde a sua extração do subsolo, pois o carvão mineral libera diversos resíduos tóxicos que afetam diretamente os ecossistemas terrestres e aquáticos, que podem continuar ativos por centenas de anos degradando as áreas de exploração, reduzindo e fragilizando a biodiversidade local, além de oferecer riscos para os mineiros que trabalham diretamente com o produto. A queima do carvão nas usinas produz micropartículas de hidrocarbonetos que são prejudiciais ao sistema respiratório e embora as empresas sigam leis de proteção ambiental, entre eles filtros nas chaminés, sabemos que estas não impedem totalmente a passagem de tais subprodutos, podendo ocasionar uma grave poluição atmosférica (MONTEIRO, 2004).

É importante lembrar ainda que, com o processo de industrialização da extração do carvão, seguido da desvalorização a nível nacional do produto e as constantes ameaças de fechamento da usina (principal compradora do carvão), a população começa a ter um novo olhar para estas questões, vivem entre a realidade de estagnação pela qual o município está passando e a expectativa de dias melhores para o lugar.

Neste drama de instabilidade e incertezas, persiste na população figueirense, em especial nos mais vividos, um sentimento *topofílico*, ou seja, o amor e pertencimento ao lugar, que os impede de perder o ânimo frente às instabilidades econômicas que afetam diretamente as suas vidas, mas que também fortalecem seus vínculos com o lugar, motivados pela transcendência e vivência dessas pessoas neste lugar, uma vez que ali firmaram suas histórias de vida. Como corrobora Tuan (2012, p. 145) “o homem moderno conquistou a distância, mas não o tempo. Durante a sua vida, o homem agora - como no passado - somente pode estabelecer raízes profundas em uma pequena parte do mundo”.

Nesta perspectiva, sendo o lugar uma parte do espaço humanizada onde os indivíduos se relacionam e desenvolvem suas particularidades e coletividades, não se apegando a convenções estipuladas, o lugar se torna o espaço das vivências, interações, lugar de vida e não apenas lugar determinado por limites e fronteiras físicas. Portanto, é inegável a importância das atividades carboníferas no processo de expansão e progresso da cidade de Figueira. No entanto, há uma relação de dependência dessas pessoas que vivem neste lugar, pois não conseguem visualizar novas possibilidades para a cidade e para a permanência no lugar, além da atividade carbonífera, apesar da oferta de vagas de emprego ser reduzida, fator que limita e anula as expectativas das pessoas que vivem no lugar.

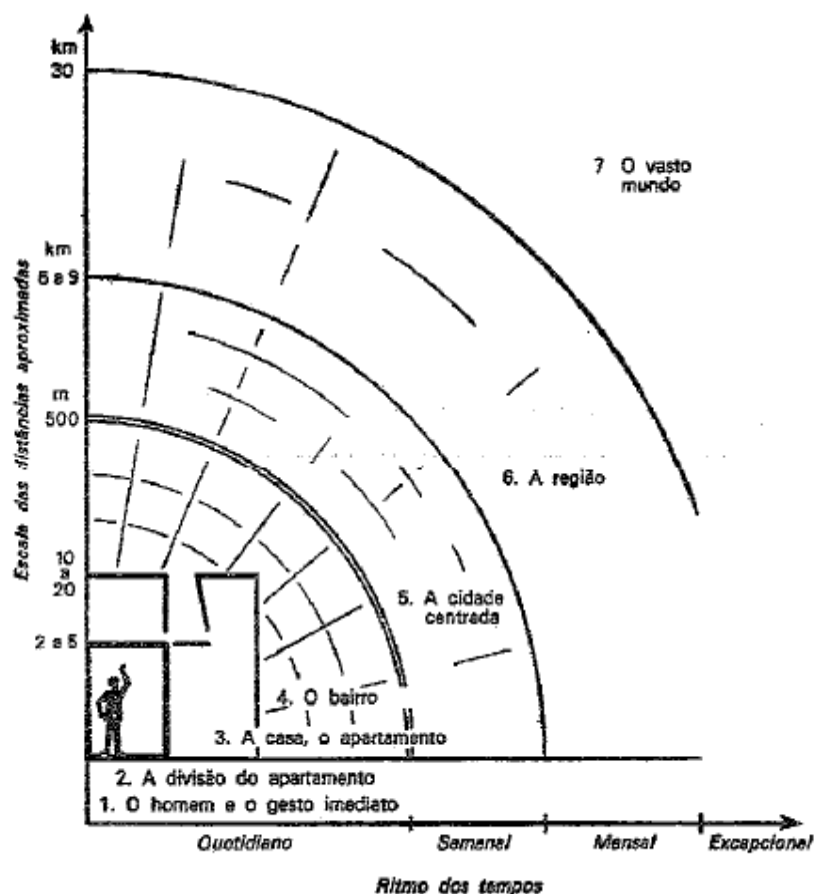
Tuan (2012, p. 146) escreve sobre o patriotismo local como aquele que “reside na experiência íntima do lugar e no sentimento de fragilidade do que não é bom: não há garantia de que dure, aquilo que amamos”. Nesta perspectiva, embora e diante das problemáticas vividas e da incerteza de futuras possibilidades, as pessoas continuam agarradas aos seus sentimentos de pertencerem a este lugar.

O fato de a cidade possuir reservas naturais de carvão e estas serem uma das fontes geradoras de emprego, não pode ser vista mais como a salvação ou destruição do lugar, nem deve ser maior que os investimentos e propostas para a dinamização da economia local, uma vez que o carvão mineral é um recurso esgotável e não-renovável, pois a indagação constante por parte da população é: “*O que vai ser de Figueira quando o carvão acabar?*”

Frente a este questionamento e diante do apego ao lugar ou a terra natal, como coloca Tuan (2012), é característico do ser humano o medo de habitar outros espaços dos quais não se tenha conhecimento, tendo em vista que, nosso primeiro

contato com o mundo exterior se dá em nossa casa, o lar. Tal questionamento remete-nos as conchas dos homens de Moles e Rohmer, citado por Frémont (1976), em que cada concha representa determinada fase pela qual o indivíduo passa para atingir o vasto mundo, desprendendo-se do seu refúgio que compreende a sua casa.

Figura 12 – Conchas dos Homens.



Fonte: Moles e Rohmer, apud Frémont (1976)

Cada concha simboliza uma ruptura existencial, uma quebra de vínculos entre o que está fora e dentro, entre interior e exterior, sejam estas motivadas pelo ciclo natural biológico humano (sair para conhecer/ reconhecer) ou ainda, movidos pela insatisfação do lugar em não ser suficientemente capaz de atender as necessidades básicas necessárias para a manutenção e permanência do indivíduo no lugar.

O lugar vivido forma uma grande teia protetora, em que nos sentimos seguros e protegidos temos relações intrínsecas com os ambientes que estão ao nosso redor, onde conhecemos cada detalhe, bem como, fazemos parte dessa totalidade, onde construímos histórias e nossa própria identidade, como cita Lefebvre (1991,

p.204) “a menor mudança de vida cotidiana parece impossível. Pôr em questão seja o que for que concerne à cotidianidade é grave, inquietante”. A suposição do “sair do lugar” ou do “ter que sair” e o fato de desapegarmos de nossas raízes gera medo

[...] O medo não vem do exterior. Nem tampouco é feito de velhas lembranças. Ele não tem passado. Também não tem fisiologia. Nada em comum com a filosofia da respiração suspensa. O medo é aqui o próprio ser. Então, para onde fugir, onde se refugiar? Para que exterior poderíamos fugir? Em que asilo poderíamos refugiar-nos? O espaço é apenas um “horrível exterior-interior” (BACHELARD, 1998, p. 221).

A relação do homem com o lugar em que vive se fortalece a partir das suas vivências e experiências e esta relação transcorre entre a sua afetividade com o seu espaço vivido, o medo do espaço exterior que ele desconhece e a sua realidade permeada de incertezas futuras que, por vezes, é superada pelo amor ao lugar e o medo de afastar-se de suas origens.

Diante do exposto, reafirmamos a importância do carvão mineral na dinâmica da cidade. Embora seja uma cidade jovem como tantas outras cidades brasileiras, tendo o seu passado vivo nas lembranças, nos impressos, nas construções e monumentos, nas lembranças e narrativas de seus habitantes, Figueira se constitui como um “lugar de memória”.

São lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação investe de uma aura simbólica. (NORA, 1993, p. 21)

Os lugares de memória podem ser reconhecidos quando investimos neles valores simbólicos que representam uma necessidade do passado que são repassados ao longo das gerações, estabelecendo relações concretas entre o passado, o espaço vivido e as memórias de quem o vive. Lowenthal (1998, p. 83) enfatiza que “relembrar o passado é crucial para nosso sentido de identidade: saber o que fomos confirma o que somos. Nossa continuidade depende inteiramente da memória”. Assim, conhecer o passado do lugar é firmá-lo como “lugar da memória”, é dotá-lo de simbologia e identidade de quem vive este espaço e mantém estas memórias perpetuadas ao longo dos tempos, possibilitando que as futuras gerações possam continuar a criar vínculos afetivos com o lugar onde vivem. “A perda da

memória destrói a personalidade e priva a vida de significado” (LOWENTHAL, 1998, p. 83).

A seguir a partir das relações dos estudantes com o lugar vivido e experienciado, buscamos conhecer como sentem, percebem e o que esperam desse lugar-cidade.

4 FIGUEIRA – DO VIVIDO AO PERCEBIDO

As narrativas dos estudantes sobre o que é a cidade se apresentam dispersas em suas falas, nas conversas informais, quando estes expõem situações cotidianas, demonstrando um emaranhado de sentimentos de afetividade sobre Figueira, fruto de situações vividas ou até mesmo reverberações do imaginário. Com o objetivo de reunir estes sentimentos difusos e refletir sobre eles, gerando um pensamento crítico a respeito do lugar vivido, propusemos um exercício de leitura de fotografias históricas e atuais sobre o processo de surgimento e desenvolvimento da cidade. O intuito foi utilizar a pesquisa participante para estimular a discussão por meio do uso de fotografias, mediando o diálogo, para que os estudantes se apropriassem de um material iconográfico sobre a cidade, e a partir da análise e diálogos em sala de aula, se apropriassem de informações sobre a evolução do lugar no qual estão inseridos e se posicionassem enquanto agentes transformadores do seu meio.

A sequência de fotografias apresentadas adiante foi trabalhada em sala de aula com os estudantes, momento em que nomearam cada fotografia, dando-lhe um título, bem como expressaram seus pontos de vista e opiniões, e puderam a partir do manuseio das fotos conhecer o transcorrido no lugar onde vivem e que levaram a cidade a ser tal como é.

Através das imagens do passado e do presente os estudantes puderam materializar as histórias contadas sobre as origens da cidade, o porquê de viverem nesse lugar, as mudanças geográficas encrustadas ao longo das lugaridades por eles percorridas, vividas e experienciadas no decorrer dos seus dias, desde que saem de casa e pegam o ônibus para a escola, sentido às minas de carvão, a ida ao mercado ou a igreja, aos passeios de domingos pelas praças e ruas da cidade.

O encaminhamento metodológico se deu a partir de uma roda de conversa onde foi dado aos estudantes duas sequências de fotografias, com o antes e depois, para que coletivamente dessem a cada foto um título que melhor se enquadrasse no contexto por ela impresso e transmitido a eles, tendo como aporte as histórias ouvidas ao longo de suas vidas.

No início da atividade uma estudante chamou atenção pela sua fala, dizendo que “quando ouvimos é mais fácil, agora quando temos que olhar e escrever não é tão simples, porque é um diálogo entre você, a foto e quem vai ver depois”. A sua

fala demonstra uma inquietação no que se refere ao que ela sabe, sente, pensa e o que pensarão a partir do que ela escreveu. Neste sentido, podemos constatar a dificuldade encontrada pela estudante nas palavras de Tuan (2012, p. 25), “somos mais sensibilizados pelo que ouvimos do que vemos”. Isso gerou insegurança diante da importância da atividade realizada, pois de certa maneira os estudantes deram vida às fotos a partir dos seus títulos, agora são os autores do passado, enquanto protagonistas do presente e, conseqüentemente, num futuro não tão longínquo, serão os atores do passado.

Iniciamos a nossa aventura pelo desbravamento do lugar a partir da ótica de quem vive esta cidade, de quem lhe enche de significados e significantes e que mantém, ainda que inconscientemente, as suas memórias vivas, mesmo que estas estejam em seus imaginários sobre a cidade, o seu lugar no mundo.

A primeira foto (figura 13), não terá um comparativo atual, pois foi o pontapé inicial para os processos extrativistas do carvão. Nesse período, Figueira já tinha certo povoamento, porém, como posto pelos estudantes, foi a partir daí que começou um novo período para a cidade, foi através do carvão mineral que o lugar se desenvolveu e se colocou no mapa.

Figura 13- O começo de uma nova era.



Fonte: Acervo Sindicato dos Trabalhadores de Carvão de Figueira (Década de 1930- 1940) Primeiras incursões para a abertura da boca de mina para a extração do carvão mineral no município de Figueira- PR.

Na sequência, nas figuras 14 e 15, podemos observar as instalações primárias da carbonífera, bem como, os primeiros mineiros que chegaram à cidade para a exploração das minas e como se encontra o local atualmente.

Figura 14- A fonte dos Mineiros.



Fonte: Acervo Sindicato dos Trabalhadores de Carvão de Figueira (Década de 1950). Com as instalações devidamente prontas a carbonífera inicia suas atividades, em frente ao lavador de carvão da mina, os mineiros posam para a fotografia, agora histórica de Figueira-PR.

Figura 15- Local de trabalho renovado

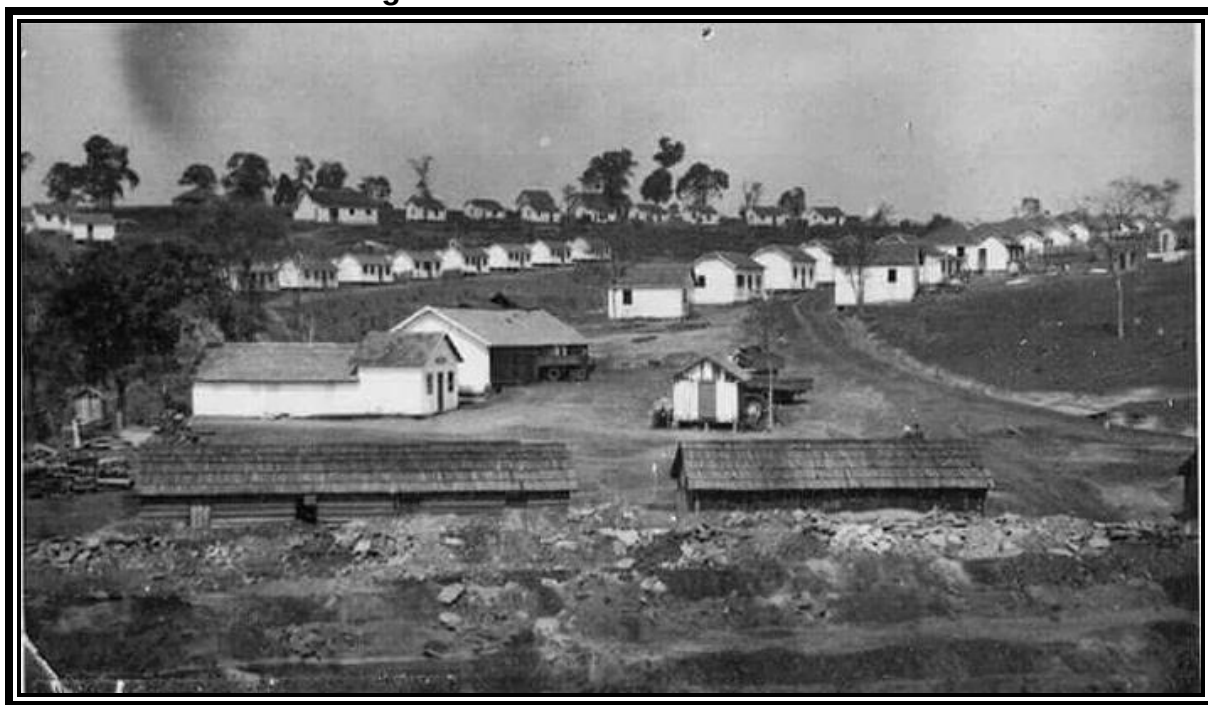


Fonte: Arquivo Pessoal (2019) Atuais instalações da carbonífera.

No momento em que os estudantes discutiam os títulos das fotografias, o fato para o qual mais se atentaram foi para as evoluções das construções e os métodos de trabalho ao longo do tempo. Quando indagados do porquê do título A Fonte dos Mineiros (figura 14), segundo eles, se deve ao fato dos mineiros aparentarem estar em uma posição de orgulho como se estivessem prestes a retirar dali uma das maiores riquezas de suas vidas e que de fato para os citadinos da época teve esse significado. Outro ponto debatido foram as condições de trabalho, em que muitos mineiros estavam praticamente desnudos, fato que levou a questionamentos: “Como eles entravam nas minas daquele jeito?” “Por isso morriam tantas pessoas lá embaixo!” A proteção era quase inexistente, visto que no início do processo de extração do carvão houve algumas mortes em decorrência de desabamentos de rochas, além disso, as vestimentas e os equipamentos de segurança não eram itens obrigatórios, o que de certa forma permitia o contato direto do minerador com os resíduos do carvão mineral, além da inalação de poeira tóxica.

Adiante, temos as figuras 16 e 17 que retratam a primeira vila onde moraram os mineradores recém-chegados ao povoado de Figueira.

Figura 16 – A morada dos Mineiros.



Fonte: Acervo Sindicato dos Trabalhadores de Carvão de Figueira (Década de 1940). Primeiras habitações dos mineiros, conhecida na época como Vila dos Mineiros.

Figura 17 – Apenas Lembranças.



Fonte: Arquivo Pessoal (2019). Local onde se localizava a Vila dos Mineiros, atualmente é uma propriedade particular.

As figuras 16 e 17 correspondem ao espaço onde foram construídas as primeiras moradias dos mineiros nas proximidades das minas, que com o passar do tempo foram desmanchadas e, atualmente, é uma propriedade particular, onde foi preservada apenas a casa sede. Da antiga morada dos mineiros, como posto pelos estudantes, restaram apenas lembranças de um tempo que ficou eternizado na memória de quem viveu essa época ou ainda, espalhado pelo vasto terreno onde ainda hoje, podem ser encontrados vestígios de carvão mineral que eram depositados próximos as casas dos mineiros.

Figura 18– Lá vem o Progresso!!



Fonte: Acervo Sindicato dos Trabalhadores de Carvão de Figueira (Década de 1940). Momento da chegada da Maria Fumaça à cidade de Figueira, a promessa era de progresso econômico devido ao escoamento da produção extração do carvão mineral.

Figura 19– Cadê o Progresso que estava aqui?



Fonte: Arquivo Pessoal (2019). Tudo o que restou da Estação Ferroviária Lysimaco Costa foi sua sede, que hoje abriga o escritório de uma madeireira local.

Diante da euforia do “ouro preto”, a população da cidade viveu momentos de êxtase, pois na época a “Maria Fumaça” (Figura 18) e suas redes de conexão com outros lugares representavam desenvolvimento e progresso para a cidade. Porém, para os figueirenses tal progresso não se perpetuou, pois, as linhas férreas que passavam por Figueira foram desativadas pelo fato da cidade estar fora da rota dos grandes centros urbanos. Assim o progresso ficou apenas no imaginário dos cidadãos, ou como representa a figura 19, enclausurado num futuro que nunca chegou.

As figuras 20 e 21, trazem um pouco da cultura local presente até hoje na vivência dos figueirenses, entre uma foto e outra, fica evidente a remodelação dos espaços, porém, as tradições locais se mantêm vivas.

Figura 20- Dia de festança



Fonte: Acervo Sindicato dos Trabalhadores de Carvão de Figueira (Década de 1940) Festa em comemoração ao padroeiro do município, o Senhor Bom Jesus.

Figura 21- Para nossas tardes de domingo



Fonte: Arquivo Pessoal (2019). Espaço revitalizado e remodelado, ponto de encontro dos moradores figueirenses.

A igreja, ou como os estudantes se referem “a praça da igreja”, representam nos dois títulos uma leveza por se tratar de um lugar de representatividade cotidiana para os estudantes. Assim como no passado, esse espaço transmite a ideia de lazer, antes com suas festas religiosas, e agora como um ponto de encontro para as tardes de domingo em companhia dos amigos, para trocarem ideias, compartilharem pensamentos, para paquerar ou, simplesmente, ver o dia se findar.

Juntamente com o desenvolvimento econômico, o aumento populacional e a evolução dos meios de transportes, a cidade não poderia ficar fora da rota das agências de transportes. A figura 22 e 23 retratam o início das possibilidades de mobilidade da população figueirense, bem como o significado destes mesmos espaços para os estudantes.

Figura 22- Lá vem a jardineira.



Fonte: Acervo Sindicato dos Trabalhadores de Carvão de Figueira (Década de 1970). Chegada da primeira jardineira a cidade de Figueira, que atravessava o Rio do Peixe e o Laranjinha, em construções bastante rudimentares.

Figura 23– Novos caminhos.



Fonte: Arquivo Pessoal (2019). Ponte sobre o rio Laranjinha.

Desde a época de sua ocupação Figueira esteve ilhada. Com a construção da ponte, ela passa a integrar novas rotas de transportes, sendo que a chegada da primeira “jardineira” foi um evento (Figura 22). Hoje, a ponte tem o mesmo significado para os estudantes, porém, é por ela que eles vislumbram novas experiências, ou como posto por eles “Novos caminhos”, que os levarão, mas que também os trarão de volta.

As figuras 24 e 25 simbolizam um momento importante para Figueira, a construção da Usina Termelétrica, um dos grandes impulsionadores para o crescimento físico e humano da cidade. Por meio dessa que outros setores econômicos surgiram, se desenvolveram e expandiram os horizontes do lugar. Porém, a modernização da usina tem gerado preocupações em especial nos mais jovens, no que diz respeito ao mercado de trabalho que ficará cada vez mais acirrado, já que com a modernização muitas vagas manuais serão automatizadas. Assim, segundo um dos estudantes “a modernização vai ser boa, porque vai gerar mais energia, mas quantas pessoas vão perder seus empregos? Às vezes era melhor ter deixado como estava”.

Figura 24– Usina sendo concluída... A energia chegou!



Fonte: Acervo Sindicato dos Trabalhadores de Carvão de Figueira (Década de 1960). Instalações da Usina Termelétrica de Figueira em fase de finalização, logo a mesma abasteceria de energia elétrica Figueira e algumas cidades da região.

Figura 25 – Modernização e incertezas.



Fonte: Arquivo Pessoal (2019). Novas instalações da Usina Termelétrica de Figueira, mecanizada e com maior capacidade produtiva.

As figuras 26 e 27 expressam a cultura local e nada melhor para desvendar um povo do que buscar informações nas suas práticas culturais. Para Pedroso (1999, p. 32) “um povo que não tem raízes acaba se perdendo no meio da multidão. São exatamente nossas raízes culturais, familiares, sociais, que nos distinguem dos demais e nos dão uma identidade de povo, de nação”, diante disso, uma das raízes culturais vivas na cidade de Figueira é o rodeio.

Figura 26– Olha o touro minha gente!



Fonte: Acervo Sindicato dos Trabalhadores de Carvão de Figueira (Década de 1940). Os primeiros rodeios de Figueira, que mais se pareciam com touradas e que continuam sendo tradição na cidade.

Figura 27– Segura peão!!!



Fonte: Arquivo Pessoal (2019). Montaria em touros na festa de rodeio de Figueira-PR. O local onde acontecem os rodeios, atualmente foi ampliado e revitalizado.

Os rodeios acontecem em comemoração ao aniversário do município (20 de abril) e o baile da escolha da Rainha antecede a festa, como traço da cultura do lugar e herança de épocas passadas. Embora os espaços e estruturas tenham se modificado, a sua essência é a mesma, divertir e encantar a sua gente e seus visitantes, são heranças culturais que permanecem vivas nas pessoas e no lugar.

Alguns aspectos culturais da cidade não conseguiram se perpetuar, seja pela falta de valorização cultural ou, em outros casos, por fatores de ordem econômica, como é o caso do cinema de Figueira (Figura 28), que ficou somente nas lembranças de quem viveu o momento (Figura 29).

Figura 28- Que tal um cineminha?



Fonte: Acervo Sindicato dos Trabalhadores de Carvão de Figueira (Década de 1960). Construção onde se localizava o antigo cinema de Figueira, o Cine Bom Jesus.

Figura 29 – Sessões encerradas.



Fonte: Arquivo Pessoal (2019). Atual espaço onde se localizava o cinema, do qual não restou nem mesmo a construção.

“Como assim Figueira tinha cinema?” (Figura 28). Em tom de espanto, este foi um dos questionamentos dos estudantes. Na fala e na imaginação dos estudantes, seria impossível que um lugar pequeno como a nossa cidade pudesse algum dia ter tido um cinema, e que hoje, diante a todas as facilidades, isso parece ser um acontecimento impossível de ocorrer. Deste lugar da cidade só restaram memórias, histórias e fotografias já que as construções mais modernas tomaram o lugar de divertimento e lazer de um passado que se foi (Figura 29).

Poder ver através das fotos é poder se transportar imaginariamente para o momento em que ela foi registrada; é ter a consciência de que os lugares pelos quais passamos já foram percorridos por pessoas que não estão mais presentes e que fizeram parte das geograficidades que compõem esse lugar, é poder imaginar o que estava acontecendo naquele momento.

Os estudantes observaram as fotos da avenida (Figura 30) tecendo alguns questionamentos: - Por que tantos fuscas? - Era um desfile? - Era moda ou só estavam ostentando seus fuscas verdes? Nessa avenida, os estudantes circulam no vai e vem dos automóveis, dos conhecidos e desconhecidos que por ali passam ou

nos comércios que tomaram conta da única e principal avenida da cidade (Figura 31).

Figura 30- Pura ostentação.



Fonte: Arquivo Pessoal (Década 1980). Avenida principal da cidade de Figueira, ainda começando a se desenvolver comercialmente.

Figura 31- Nossa querida Avenida.



Fonte: Arquivo Pessoal (2019). Avenida e principal área comercial da cidade de Figueira que compõe o trecho que liga a PR 160 e BR 272.

Os lugares se tornam importantes quando as pessoas o tomam como seus espaços de vivência, onde criam raízes. As duas últimas fotos (Figuras 32 e 33) remetem à afetividade que os estudantes atribuem aos objetos e elementos que os cercam e fazem parte do seu universo vivido e a importância desses para as suas vidas.

A figura 32 se trata de uma árvore de figueira plantada entre a rua e a avenida principal. Segundo os mais antigos moradores, foi à sombra dessa espécie de árvore que os primeiros desbravadores descansaram e que servia como um ponto de encontro ou de referência para os habitantes do lugar: “te espero na roda” ou “lá na roda da Figueira”. Para os estudantes a árvore foi representada de forma romântica, como uma parte do corpo da cidade, ou como eles preferiram dizer: “O coração de Figueira”. Esse símbolo fez parte de suas infâncias e da adolescência, através das histórias contadas idealizaram uma imagem afetiva deste lugar específico que, por eventos naturais e até mesmo pela idade da árvore, ela deixa de fazer parte da paisagem, mas não das suas histórias e memórias (Figura 33).

Figura 32- O coração de Figueira



Fonte: Arquivo Pessoal (Década 1990). Exemplar de árvore da espécie fícus, ou como popularmente é conhecida, Figueira.

Figura 33- E o vento levou...



Fonte: Arquivo Pessoal (2019). Após um forte vendaval ocorrido na cidade no início de 2019 a figueira infelizmente, não conseguiu sobreviver, restando apenas partes do que um dia já foi.

Partindo da premissa de que as cidades contemporâneas são resultados do passado e de que as memórias do lugar, a partir das imagens, podem ser recuperadas e preservadas no imaginário individual e coletivo de sua população, as fotografias possibilitaram aos estudantes identificar lugares por onde passam diariamente e recuperarem fatos importantes da história e da geografia da cidade. O desenvolvimento tecnológico propiciado pela globalização permite que os jovens estudantes tenham acesso a uma gama de informações, podendo navegar virtualmente por diversos lugares, porém o seu lugar no mundo é específico e único, já que eles o constroem a partir de suas “experiências e dos sentidos, envolvendo sentimento e entendimento, num processo de envolvimento geográfico do corpo amalgamado com a cultura, a história, as relações sociais e a paisagem (MARANDOLA JR., 2013, p. 7).

A utilização das fotografias possibilitou o conhecimento das relações passadas, ocorridas no nosso espaço de vivência e os processos que hoje movem

as diversas paisagens nas quais habitamos e circulamos no decorrer de nossos dias. Assim, como afirma Callai

[...] fazer a leitura da paisagem pode ser uma forma interessante de desvendar a história do espaço considerado [...] a história das pessoas que ali vivem. O que a paisagem mostra é o resultado do que aconteceu ali. [...] Descrever e analisar estas paisagens supõe [...] buscar as explicações que tal “retrato” nos permite. Os objetos, as construções, expressos nas ruas, nos prédios, nas praças, nos monumentos, podem ser frios e objetivos, porém a história deles é cheia de tensão, de sons, de luzes, de odores, e de sentimentos (CALLAI, 2005, p. 238).

Olhar e interpretar uma fotografia é navegar por lugares conhecidos e fatos desconhecidos que fomos idealizando a partir de narrativas de outrem e criando significados em nossos imaginários e que diante das imagens podemos conceber ou mesmo ressignificar novos conceitos sobre nossos espaços vividos, tendo consciência de que os elementos geográficos que compunham o dado momento e que agora inexistentes, um dia tiveram e deram vida ao lugar.

De certa forma, as fotografias nos auxiliaram na confirmação de nossos sentimentos, que podem ser topofílicos, mas também topofóbicos, vez que, através da compreensão da história vamos reafirmando o que consideramos como aspectos bons ou ruins. A cidade é um misto de cores, cheiros, pessoas, particularidades e coletividades, histórias, afetos e medos, mantendo, formando e desenvolvendo significados e significantes por meio das relações desenvolvidas neste espaço que o transformam em hábitat, morada e o lugar no mundo de quem o torna e o toma como o seu. A seguir buscamos desvelar as particularidades do lugar-Figueira pelas narrativas de nossos estudantes-colaboradores desta pesquisa.

Para mim, Figueira é um “pedacinho do céu”, não é o lugar mais perfeito do mundo, é um lugar calmo, com poucos habitantes, obviamente que tem aquele vizinho que exagera no som, mas é normal. (Radjé)

É uma cidade pequena, mas com pessoas do bem, que fazem essa pequena cidade ser grande em bondade, humildade e respeito. (Walisson)

Figueira é uma cidade onde tem poucos habitantes, mas onde tem compaixão no coração dos habitantes. As praças são cheias de pássaros e, é onde os casais se encontram. Quando chega o Natal a cidade brilha, até parece a cidade dos sonhos. (Daniele)

A cidade é bem pequena, mas é muito bom viver aqui é um lugar muito aconchegante. (Surama)

É um lugar calmo e pacífico se comparado a outros lugares, podemos andar tranquilamente pelas ruas sem medo de sermos roubados ou outras coisas ruins. (Camila)

É um lugar muito acolhedor, o ar por aqui é puro, não tem muitas indústrias ou fábricas, é rico em águas. Se você realmente quer ter uma vida calma e sossegada venha morar em Figueira. (Kauã)

Analisando essas narrativas percebemos a ligação afetiva entre os estudantes e a cidade, embora a dimensão territorial seja bastante destacada, fica evidente a preocupação em atestar o lado afetivo por trás das relações que os habitantes manifestam uns com os outros e com o próprio lugar. Fica evidente a sensibilidade pela qual veem a cidade, seja pelos pássaros na praça, pelas luzes de Natal que mexem com o imaginário, pela segurança em poder caminhar sem medo ou pelo simples aconchego que a cidade propicia e que eles podem contemplar com todos os seus sentidos. Fatos, eventos e acontecimentos simples que, com o passar do tempo, se transformam em um sentimento profundo pelo lugar (TUAN, 1983).

Embora o elo afetivo seja evidente nas narrativas dos estudantes, existem muitas preocupações acerca do que ainda falta para que a cidade e a vida nesse lugar seja de fato de qualidade.

Como todas as cidades, Figueira tem seus lados ruins como falta de emprego, precisa de melhorias na saúde, estudos, tem muitas ruas com difícil acesso, não tem também muitas áreas de lazer, um cinema, uma biblioteca, etc. (Andressa)

A cidade não tem muitas opções de emprego, quem tem um tem que cuidar. Meu pai ficou dois anos desempregado, e isso é muito complicado para nós que somos novos. Espero que no futuro venham outras firmas para cá. (Daniele)

A falta de emprego é um grande problema na cidade, onde tem maior número de empregos é na mina de carvão, depois tem os mercados, as serrarias, mas são trabalhos sem muito futuro. (Vitor)

Aqui é um lugar de poucas oportunidades, o que temos de emprego bom é na Carbonífera Cambuí, não temos shopping, faculdade, as pessoas têm que ir para outros lugares para estudar. (Igor)

Morar aqui é bom, mas não sei até quando. Uma hora vou precisar de um trabalho, uma faculdade, vou querer sair, e aqui infelizmente não oferece nada disso para nós, não tem um shopping, nem cinema, a única diversão é quando tem rodeio". (Maria Eduarda)

Por meio das narrativas, os estudantes exprimem as suas preocupações futuras no que concerne ao mundo do trabalho, como observado, a falta de oportunidades empregatícias os assombra e é uma constante nas suas ideias de futuro. Diante disso, como podemos observar na fala de Araújo e Moura

As singularidades das pequenas cidades aparecem, para os jovens, como experiências redutoras para tantos desejos, [...] na busca de liberdade e de suprir as ausências que a pequena cidade apresenta, os jovens são impulsionados a sair ao encontro de empregos mais rentáveis, de um curso superior, de capacitação técnica, ou mesmo de liberdade que a pequena cidade parece não oferecer. (ARAÚJO; MOURA, 2016, p.27)

Para os jovens estudantes figueirenses os melhores empregos estão relacionados aos trabalhos ofertados pela mineradora de carvão da cidade, principalmente se considerarmos as narrativas dos meninos. Outro aspecto que foi constante nas suas descrições envolve os estudos. Figueira não possui cursos de nível superior, apenas na cidade vizinha, porém, são universidades pagas o que para muitos jovens da cidade de Figueira acaba sendo inviável, pois as famílias vivem situações econômicas insuficientes para manter uma mensalidade, tão pouco o deslocamento para outros lugares, tornando quase impossível dar andamento aos seus estudos após o ensino médio, talvez seja esta uma das causas que os levam a se preocupar com o trabalho.

Outra questão recorrente nas narrativas são as opções de lazer, que são escassas na cidade e, embora ela tenha se desenvolvido bastante, as áreas de lazer ainda são reduzidas às praças, aos campos sintéticos de *society*, ao Estádio Municipal, as festinhas de bairro ou ainda, ao evento mais esperado do ano e o que gera muita agitação entre os estudantes, a festa de rodeio, que reúne os cidadãos e pessoas de várias localidades, que pode ser vista como uma forma de reafirmar a identidade cultural e o apeço das pessoas ao lugar vivido.

Entre as narrativas, algumas chamaram a atenção no que diz respeito ao sentimento de pertencimento que movem os devaneios em algumas falas:

Apesar dos poucos empregos, dos roubos, dos poucos recursos de uma cidade pequena, ela ainda é um lugar maravilhoso. Não é você que escolhe ela, ela que te escolhe. (Daniele)

Pode ter alguns roubos, violência, mas mesmo assim não deixamos de amar nossa querida cidade. (Alan)

Eu não vou ficar aqui para sempre porque quero viajar, conhecer pessoas novas, fazer uma faculdade, mas nunca negarei a minha cidadezinha, e um dia retornarei. (Maria Eduarda)

Segundo Fremont (1976, p.23) “as relações do homem com o espaço não constituem um feixe de dados imanentes ou inatos; combinam-se numa experiência vivida que, de acordo com as idades da vida, se forma, se estrutura, se desfaz”, sendo assim, apesar das problemáticas identificadas pelos estudantes e dos fatores repulsivos que o espaço por eles vivido gera, eles ainda se mantêm firmes aos processos imaginários que foram formados ao longo de suas vivências com/no lugar, formando um elo forte que, embora conscientes das possibilidades de sair do lugar, há também a promessa de que haverá o retorno ou jamais o esquecimento.

A necessidade de sair em busca de melhores condições de vida, trabalho e estudo assustam os adolescentes, vez que estão em fase de construção de sua autonomia e independência. Cortar os laços seja com a família, com os amigos ou com o próprio lugar não parece ser uma tarefa fácil, porém se torna imprescindível para o desenvolvimento e crescimento pessoal, mas no mesmo compasso, permeiam os seus imaginários projeções otimistas e apaixonadas para um futuro no/do lugar:

Eu não perco as esperanças que um dia num futuro bem breve essa terra de minha mãe, meu pai e meus avós, ainda produza muitos frutos bons e saudáveis. Pois eu nasci, cresci e quero viver muitos dias de alegria, bonança e saúde, sob os galhos da minha linda Figueira. (Dienifer)

Os laços identitários mantêm os jovens conectados ao lugar e os levam a um processo imaginativo em relação ao espaço vivido, mesmo que no futuro as suas vidas não continuem sendo neste espaço. A imagem do lugar construído ao longo de suas trajetórias permanecerá presente em seus corpos, mente e coração, posto que “a mente humana pode imaginar um lugar dos sonhos, uma utopia em pequena escala, e quando o sonho é transportado para a realidade de um lugar, ocupa o centro de nossos pensamentos” (TUAN, 2011, p. 14).

A cidade é percebida por diferentes vieses e é composta por pessoas com perspectivas e devaneios ambíguos que a faz ser única no mundo, e com isso, faz com que seus habitantes também o sejam. A cidade só tem vida porque seus

habitantes a proporcionam viver e se manter nas suas histórias de vida, como a sua permanência no futuro depende dos seus habitantes. Essas relações do homem com a sua terra determinam a sua existência física, para quem a vive diariamente, ou no imaginário de quem parte, pois “o amor ao solo natal ou a busca por novos ambientes, uma relação concreta liga o homem à terra, uma geograficidade[...]” (DARDEL, 2011, p.2). A relação homem-lugar, no que se refere à cidade, pode ser entendida subjetivamente a partir de Silva:

A vitrina é uma janela. Nela construímos um espaço para que os outros nos olhem, mas também para olharmos através dela. Mais ainda, pela maneira como nos olham podemos compreender como nos projetamos e, pela forma como a vitrina se projeta, podemos entender como ela é vista. Assim, a vitrina constitui-se num jogo de olhares, uns que mostram, outros que veem, uns que olham como os veem, outros que veem sem saber que são vistos. (SILVA, 2001, p.27)

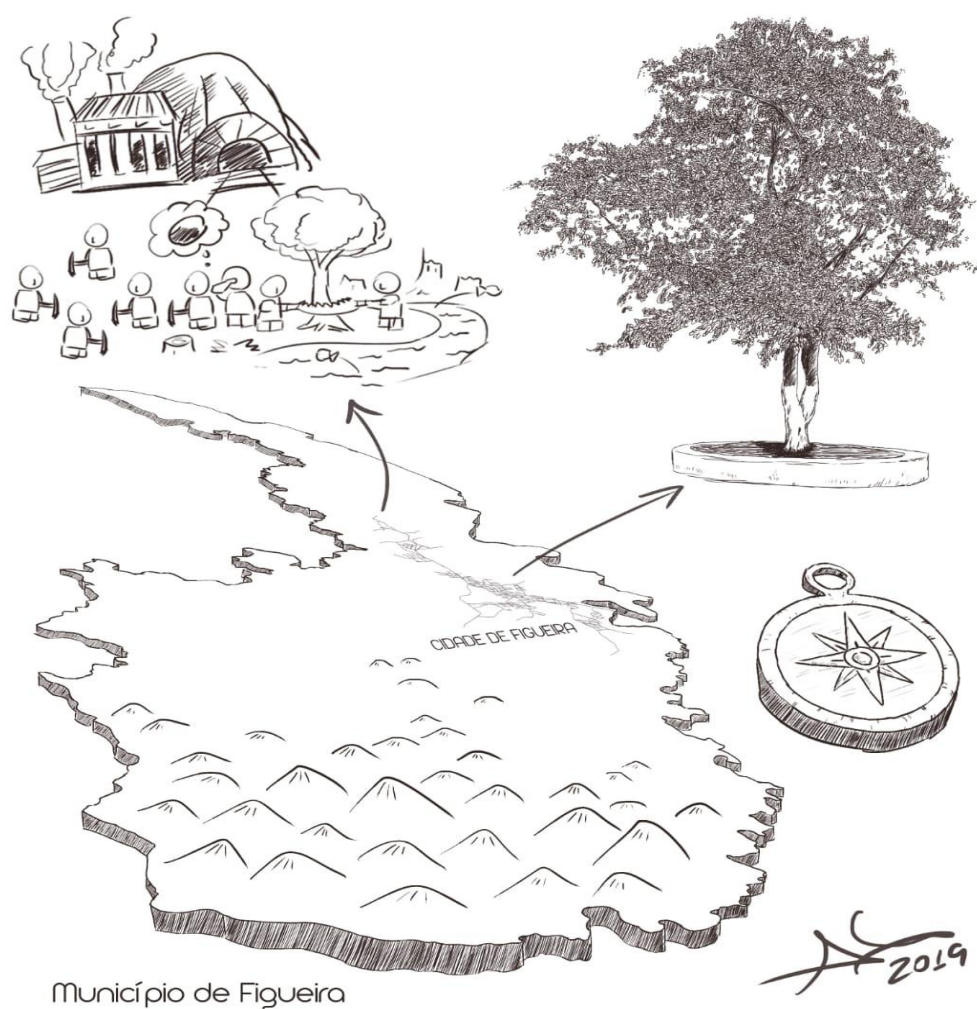
A cidade é como uma janela que se abre para que seus habitantes possam a ver por diferentes ângulos e percepções, para que seus passantes a dotem de significados e simbologias. É um jogo de se revelar e significar, de imaginar e construir, de habitar e ser, de viver e amar o seu lugar, mas também das contradições entre permanecer e “parar no tempo”, entre desenvolvimento e estagnação. Dessa forma, a cidade vivida pelos estudantes em sua essência e imaginada a partir de suas vivências por vezes acaba sugada pela ideologia estabelecida de que as cidades devem ser lugares cheios de prédios, carros, barulhos, pessoas, fábricas, tecnologias, e que quaisquer dos objetos geográficos que faltem nesta composição urbana, tornam a cidade insignificante.

Mediante esta metodologia de intervenção utilizando-se de fotografias antigas e recentes sobre a cidade de Figueira foi possível estimular a percepção dos estudantes em relação a cidade vivida, numa tentativa de exercitar um novo olhar para a cidade onde habitam, relacionando o vivido ao percebido, imaginado, ouvido e/ou desconhecido. As metodologias aplicadas foram essenciais para se criar um olhar sensibilizado sobre o lugar vivido, para que a cidade se torne não apenas vivida pelos estudantes, mas percebida e desvendada na prática cotidiana de suas vidas, para que possam dotá-la de significado.

III

[CARTO]GRAFIAS DO LUGAR VIVIDO

Figura 34 [Croqui] – Figueira e suas singularidades.



Fonte: PUCHALSKI; ALIEVI (2019)

5 CARTOGRAFIA ESCOLAR

A Cartografia é considerada uma arte, uma ciência e uma linguagem. É tão antiga quanto a própria escrita. É a ciência que representa, estuda, formula e trata das informações de dada área da superfície terrestre, representando-a em um plano, ou um

Conjunto de estudos e de operações científicas, artísticas e técnicas, baseado no resultado de observações diretas ou de análise de documentação, visando à elaboração e preparação de cartas, projetos e outras formas de expressão, bem como a sua utilização (Associação Cartográfica Internacional) (OLIVEIRA, 1983, p. 97).

A Cartografia é a materialização do espaço estudado/vivido por meio da representação, pois podemos passar a vida toda em dado espaço/lugar e não conhecermos a sua forma real. Pensar no lugar vivido e experienciado é um passo importante para se compreender o “[...] lugar em que vive, permite ao sujeito conhecer a sua história e conseguir entender as coisas que ali acontecem” (CALLAI, 2002, p. 237). A Cartografia desempenha papel crucial no Ensino de Geografia, desde seus primórdios objetiva “conhecer e representar a Terra”, possibilitando “um melhor entendimento dos resultados da modificação do espaço geográfico” (FRANCISCHETT, 2002, p. 11). A relevância da Cartografia no âmbito escolar é indiscutível, tendo em vista que através da linguagem e alfabetização cartográfica é possível conhecer o espaço vivido e entender de fato a espacialidade do lugar, possibilitando e ampliando a interação com os ambientes.

O ensino e a aprendizagem dos saberes geográficos atrelados aos saberes cartográficos propiciam uma percepção espacial dos fenômenos abordados, simplificando a compreensão acerca de conteúdos complexos como o espaço, o lugar e a própria cidade. Nesta perspectiva, deve-se pensar na linguagem cartográfica como facilitadora e mediadora da compreensão e leitura de mundo dos educandos. Esta leitura de mundo

[...] vai muito além da leitura cartográfica, cujas representações refletem as realidades territoriais, por vezes distorcidas por conta das projeções cartográficas adotadas. Fazer a leitura do mundo não é fazer uma leitura apenas do mapa, ou pelo mapa, embora ele seja muito importante. É fazer a leitura do mundo da vida, construído

cotidianamente e que expressa tanto as nossas utopias, como os limites que nos são postos, sejam eles do âmbito da natureza, sejam do âmbito da sociedade (culturais, políticos, econômicos) (CALLAI, 2005, p. 228).

Conhecer o lugar onde se vive é uma das necessidades vitais, pois é a partir do conhecimento adquirido no espaço vivido que os indivíduos se apropriam do lugar e constroem noções críticas do seu papel em sociedade. A Cartografia Escolar propicia aos educandos a possibilidade de desvendar seu mundo através da leitura do seu espaço vivido, tendo em vista que “é na escola que deve ocorrer a aprendizagem espacial voltada para a compreensão das formas pelas quais a sociedade organiza seu espaço – o que só será plenamente possível com o uso de representações formais (ou convencionais) desse espaço” (ALMEIDA; PASSINI, 2006, p.11). Por meio do uso da linguagem cartográfica e de suas representações o estudante forma consciência espacial, possibilitando uma ação intencional em seu mundo vivido.

A Cartografia do lugar enquanto representação do espaço vivido, habitado, modificado e adaptado pelos seus habitantes, vai além de apenas cartografar as áreas ocupadas ou não, pois considera que o lugar e suas diferentes ‘grafias’ “encarna as experiências e aspirações das pessoas. O lugar não é só um fato a ser explicado [ou representado] na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado” (TUAN, 1983, p. 387). A representação do lugar vai além da espacialização dos dados, dos fatores locacionais ou posicionamento geográfico, em sua totalidade, envolve as realidades do vivido e experienciado pelas pessoas que compõem dado lugar.

Frente ao atual contexto tecnológico em que os fenômenos podem ser observados em diferentes escalas espaciais, as quais, via de regra, estão tomando proporções inversas quando se estuda o que está “lá” e ignora-se o que está “aqui”, é necessário um olhar para o cotidiano e para os lugares como forma de desenvolvimento de raciocínios espaciais, tendo em vista que nos impressionamos com coisas do mundo, mas não temos conhecimento do que existe e acontece no lugar onde vivemos, conseqüentemente, não materializamos os conceitos geográficos e perdemos referências importantes do local vivido.

A cartografia escolar aplicada na representação do lugar é fundamental para a compreensão da dinâmica espacial, tendo em vista que esta linguagem está intimamente ligada ao pensamento geográfico, sendo necessário ir além das convenções. Como afirmam Sousa e Katuta (2001, p. 12), “é preciso encarar a cartografia além de seus aspectos visuais e artísticos, propondo alternativas para sua utilização e objetivando a compreensão da realidade que o indivíduo vive e que pode ser transformada”.

Estimular os estudantes a compreenderem o lugar onde vivem, as suas lugaridades e especificidades que os cercam é uma forma de levá-los a decifrar e a conhecer efetivamente o lugar vivido, proporcionando-lhes o contato direto entre teoria e realidade, de modo que consigam associá-las para que possam fazer a leitura do seu mundo.

A Cartografia Tradicional utilizada há séculos pelos povos para os mais diversos fins, não é suficiente para atender ao objetivo de apropriação das (carto)grafias do lugar, pois não basta a localização espacial do lugar, mas a compreensão deste a partir dos espaços vividos, construídos, transformados e experienciados em suas profundas relações vitais e sentimentais. Nesse sentido, outro aporte importante para o desenvolvimento da presente proposta de intervenção é a Cartografia Social, um ramo da Cartografia que utiliza como base de representações cartográficas o conhecimento e a participação das populações locais, possibilitando um mapeamento participativo de determinadas áreas, tendo como objetivo criar mapas a partir das vozes de quem vive o lugar. “A noção de mapeamento participativo surge com a marca de uma ambiguidade: construída para dar a palavra às comunidades de base e grupos desfavorecidos” (ACSELRAD, 2010, p.9).

A Cartografia Social é uma forma de afirmar a identidade dos povos e comunidades de determinadas territorialidades utilizando-se dos seus conhecimentos e relações com os espaços vividos, dando para a Cartografia Tradicional uma roupagem voltada para os interesses de quem experiencia os lugares, sem deixar que os princípios cartográficos sejam desqualificados na composição dos mapas. Embora seja um produto elaborado por leigos, é importante considerar alguns princípios básicos da linguagem universal cartográfica.

Na efetivação do conhecimento e da linguagem cartográfica (Convencional associada à Cartografia Social) por parte dos estudantes o Atlas Geográfico Escolar é um recurso metodológico enriquecedor do processo de aprendizagem geográfica, tendo em vista que traz aspectos particularizados dos lugares em questão e fornecem subsídios para a construção do conhecimento a partir de um conjunto de mapas que representem especificamente o lugar no qual a vida dos estudantes acontece, como corrobora Bueno e Buque:

Quando se ensina aos alunos o lugar por meio de imagens e mapas, é possível desencadear neles a abertura para uma dialética visual que permite reestabelecer a horizontalidade do diálogo cotidiano com o espaço-tempo do lugar onde vivem e descobrirem que pertencem a ele. (BUENO; BUQUE, 2015, p. 107)

Os atlas escolares devem ser instrumentos para a concretização dos saberes geográficos e que as cartografias contidas neles devem levar a efetivação do conhecimento dos estudantes. Iniciou-se uma nova fase na Cartografia Escolar pautada na elaboração dos Atlas Escolares Municipais, em que diversos pesquisadores, entre eles Le Sann (1999) e Almeida (2003), disseminaram essa ideia como também produziram diversos trabalhos relacionados a valorização e estudo do local, aproximando o ensino, a aprendizagem e a realidade do estudante, tendo como produto final e palpável o Atlas Escolar Municipal.

Embora discutam sobre os mesmos pressupostos, as abordagens metodológicas de ambos pesquisadores não são idênticas. Almeida (2003) trata em suas pesquisas questões voltadas a formação continuada do professor, enquanto Le Sann (1999) preocupa-se com o local de vivência da criança considerando a delimitação do município, bem como pela participação ativa dos envolvidos no processo de construção do Atlas. Pois, a importância deste está “muito além de informações atualizadas, ou de noções básicas na formação conceitual, esse material propõe a construção do saber partir da aquisição de habilidades cognitivas” (LE SANN, 1999, p. 62).

Portanto, interessa-nos para o processo de construção do Atlas Escolar do Município de Figueira a dinâmica inclusiva e interativa das propostas observadas em Le Sann, em que a autora parte dos espaços vividos pelo estudante, da sua interação com o meio, bem como, com o processo de produção do Atlas, em que o

estudante passa a analisar, interpretar dados, expressar opiniões e argumentar criticamente sobre o espaço onde está inserido.

Numa perspectiva técnica, um atlas se trata de uma coleção de mapas em diferentes escalas, com a apresentação de diversos conteúdos, podendo ter fins urbanos, geopolíticos, socioeconômicos, ambientais, educativos, entre outros. Um exemplo de Atlas Escolar que objetiva o estudo local voltado para fins pedagógicos, é o Atlas Ambiental Escolar de Presidente Prudente, SP, coordenado pelo professor João Osvaldo Rodrigues Nunes e colaboradores. O atlas em formato digital aborda, em uma linguagem clara e funcional, as condições socioambientais ao longo do processo histórico do município, de forma que o público alvo - a sociedade prudentina - possa entender os conteúdos trabalhados com caráter científico e pedagógico.

Objetivando uma análise integrada do espaço, o Atlas Ambiental Escolar de Presidente Prudente, SP é multitemático e aborda as dinâmicas históricas da construção do espaço atreladas às suas modificações, demonstrando como os processos de ocupação modificaram e alteraram as paisagens prudentinas, ressaltando os problemas de ordem ambiental e de saúde pública ocasionadas por tais transformações. Para isso, foram estabelecidas metas que partiram da catalogação de dados bibliográficos, cartográficos, fotográficos e documentos históricos do município. Além de manipulação e atualização de banco de dados georreferenciados, entrevistas com moradores antigos, participação em eventos científicos que resultaram na elaboração do referido atlas ambiental. Os dados obtidos foram dispostos no site do Atlas³ em subsistemas: Meio Físico/Biótico, Formação Socioespacial, Dados e Indicadores Demográficos e Sociais e Síntese Ambiental.

Podemos afirmar que o Atlas Ambiental Escolar de Presidente Prudente é uma metodologia de ensino e de pesquisa eficaz e inovadora, vez que concilia aspectos teórico-científicos com a cotidianidade para demonstrar a realidade prudentina, tornando os espaços vividos reais e observáveis através do acesso por imagens produzidas e redimensionadas, de modo que os internautas consigam perceber as transformações ocorridas no lugar onde vivem e obterem instrumentos para agirem como atores sociais.

³ Endereço eletrônico do site do Atlas disponível em: <http://portaldoprofessor.fct.unesp.br:9000>
Acesso em: 20 nov 2019.

Partindo dessa linha de pensamento que tem por finalidade a apropriação dos lugares pelos seus habitantes e escolares através da linguagem cartográfica, o capítulo seguinte apresenta uma proposta de intervenção que contempla a elaboração de pranchas para a composição do Atlas Escolar de Figueira, Paraná. O intuito é apresentar algumas especificidades de Figueira, interligando conhecimentos teórico-cartográficos aos conhecimentos práticos, que serão apresentados por meio de sugestões de atividades presentes nas pranchas do atlas, além das poesias autorais produzidas por estudantes-colaboradores e suas narrativas.

6 PROPOSTA DE ATLAS ESCOLAR DE FIGUEIRA

Inspirados pelas ideias acerca da elaboração de atlas escolares municipais voltados para a aprendizagem cartográfica, para a leitura de mundo e apropriação do lugar de forma efetiva pelos educandos, foram desenvolvidas a partir da obtenção de dados sobre o município de Figueira-PR pranchas que compõem a proposta de intervenção para a criação do Atlas Escolar de Figueira.

Para a construção das pranchas, utilizamos os princípios da Cartografia Tradicional mesclando-a com preceitos da Cartografia Social, tendo em vista que, buscamos a aprendizagem efetiva dos educandos e temos conhecimento de que quando o indivíduo participa diretamente do processo de construção do saber, sua apropriação se dá de forma significativa.

A elaboração das pranchas se deu de forma que contemplasse os aspectos cartográficos, históricos e sociais, mas também a poética e o significado que o lugar tem na vida de quem o vive em sua totalidade, não apenas seccionado como o vemos nos mapas convencionais. Objetivando a compreensão do espaço vivido pelos estudantes participantes (e não participantes) desta pesquisa, idealizamos uma proposta de intervenção com a criação do Atlas Escolar do Município de Figueira, utilizando elementos cartográficos universais associados à proposição de atividades e poesias, como forma alternativa de grafias [escritas] das paisagens experienciadas, com a finalidade de apropriação e compreensão das [carto]grafias do lugar presentes no dia a dia dos educandos.

O intuito do Atlas Escolar Municipal de Figueira é sair da totalidade para a parcialidade, ou seja, de uma escala macro para micro. As pranchas que compõem o Atlas de Figueira iniciam-se com um histórico do município, contendo seus símbolos, brasão e hino municipal; na sequência estão as pranchas de localização onde serão dadas a posição do município de Figueira em escala mundial, continental, regional e local, apontando a localização do município, já que nosso objetivo é a compreensão e apropriação do espaço vivido pelo educando.

Na sequência das pranchas, iniciamos a explanação sobre os principais aspectos naturais do território figueirense, onde são ressaltados aspectos como relevo, clima, vegetação e hidrografia, e suas especificidades ressaltadas ao longo

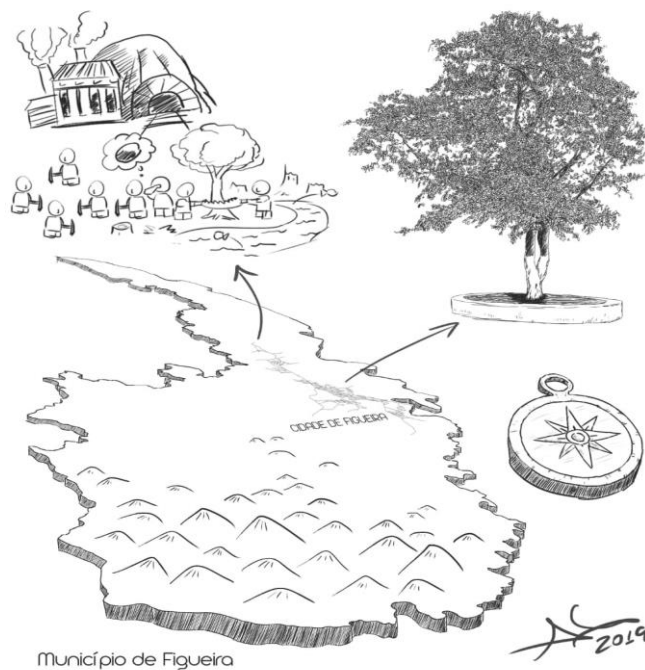
dos textos, mapas e imagens. Após a caracterização do meio físico, foram retratados os principais aspectos da população, com o título: Os Figueirenses e Quem são os seus habitantes? Estas pranchas retratam como vivem, qual a formação étnica e estrutura etária da sua população, além de quais áreas habitam e a quais atividades econômicas de dedicam os munícipes. São ressaltados os principais aspectos culturais que movem o ideário do figueirense, destacando a cultura local que mantém viva a fé através das festas religiosas, bem como, o divertimento nas festas de peão, herança deixada pelos pioneiros e desbravadores de Figueira.

Outro ponto abordado nas pranchas do atlas, foi a questão do lazer. Para a elaboração desta prancha foram utilizados os lugares de lazer dos quais os estudantes usufruem e compartilham no seu cotidiano, tanto que as fotos e depoimentos que compõem tais páginas são autorais. Para finalizar a composição do atlas, foi realizado um concurso de poesia com os estudantes do 8º ano do Colégio Anita, momento em que foi solicitado uma composição na qual deveriam expressar, em versos, sentimentos sobre a cidade em que vivem, seus aspectos naturais, econômicos, problemas, entre outros fatos que considerassem importantes.

A seguir, apresentamos a proposta do Atlas Escolar Municipal de Figueira-PR que retrata a dinâmica que se estabelece neste lugar, destacando a sua história, natureza e heranças, fruto das pessoas que ali se estabeleceram e que fizeram de Figueira a sua morada.

SILVANA PUCHALSKI

ATLAS ESCOLAR DO MUNICÍPIO DE FIGUEIRA



LONDRINA
2019

‘GRAFIAS’ DA PAISAGEM FIGUEIRENSE. . .

TERRA DE VENTURA
DE UM POVO QUE NÃO FOGE A LUTA
QUE CARREGA VIVA NA MEMÓRIA
SUAS HISTÓRIAS E OS DIAS DE GLÓRIA



FIGUEIRA

Figueira tem sua origem etimológica no latim “*ficaria*” que designa as árvores da família das moráceas do gênero *ficus* encontrada em abundância pelos primeiros pioneiros nas redondezas do atual município de Figueira, na qual se deleitavam sobre sua sombra para a sesta expedicionárias e que foi a responsável pela denominação ao lugar.

Os primeiros habitantes chegaram ao município de Figueira em meados da década de 1920. Eram garimpeiros atraídos pela busca por diamantes e pedras preciosas abundantes no Rio Tibagi, os quais se instalaram ao longo das margens do Rio do Peixe e Figueirinha, onde iniciaram plantações que resultaram na formação do povoado de Figueira.

A colonização da região se deu de forma sistêmica, ordenada por João da Silva Machado, o Barão de Antonina, a fim de cumprir com uma ordem imperial de abrir uma estrada de ligação entre os Campos Gerais e a Colônia Militar de Jataí (atual município de Jataizinho), comandada pelo sertanista Joaquim Francisco Lopes teve início o

desbravamento da floresta das serras do Facão e Caetê (região do atual município de Curiúva).

Os pioneiros que aqui chegaram para fins de colonização pertenciam a Família Fajardo, oriundos de São Paulo que, conjuntamente com as famílias de Manoel Pedro Dias, Zoilo Meira Simões, Joaquim Pereira Batista, Floro Henrique dos Santos e José França, se fixaram na região e colaboraram para a abertura das minas de carvão, que até hoje são responsáveis pela maior porcentagem da renda do município. Com os primeiros indícios de melhorias econômicas e crescimento do lugar a partir da extração do carvão mineral, chegam ao município os primeiros comerciantes: Abílio Wanderlei, João Luiz de Souza, José Vitor e Elias Lacerda.

Diante da euforia resultante do desbravamento e exploração do carvão mineral, bem como do desenvolvimento do vilarejo em 20 de janeiro de 1949, Figueira se tornou Distrito Judiciário de Curiúva. Anos depois, com o superaquecimento da economia local propiciada pela

construção da Usina Termelétrica de Figueira (UTELFA), a cidade começa a receber novamente muitos habitantes o que resultou na emancipação política de Figueira, em 20 de abril de 1982 pela Lei n.º 7.570 e a elevou à categoria de município. Sua oficialização enquanto município se deu em 1º de fevereiro de 1983, e seu primeiro prefeito foi o senhor Geraldo Garcia Molina.

Assim nasceu e se desenvolveu o município de Figueira, terra das figueiras, dos garimpeiros e mineiros, das pessoas de grande coração. Terra hospitaleira e generosa, de gente trabalhadora e esperançosa, que almeja dias melhores para o lugar e as pessoas que aqui habitam.



Árvore de figueira, localizada no centro da cidade de Figueira.



Monumento em homenagem aos mineiros.

Sugestão de Atividade

- Você conhece alguma outra história sobre como o município de Figueira surgiu? Em conjunto com os colegas, conte-os a sua versão sobre a história.
- Como você percebe a cidade de Figueira? Você gosta de viver aqui? Dê exemplos de coisas, pessoas ou lugares que fazem você sentir que aqui é o seu lugar no mundo.

BRASÃO



O brasão do município de Figueira- PR é composto por uma coroa mural dourada, que sugere poder e proteção aos que vivem no lugar, o escudo (parte central) representa as riquezas encontradas no município. Os símbolos do escudo representam: - a árvore de Figueira, maior símbolo do município; - a vagoneta carregada de carvão mineral, principal recurso da economia figueirense; - a torre de transmissão de energia, que representa o potencial energético do município pela queima do carvão e; - a mão sobre a Bíblia, que representa a fidelidade dos seus habitantes e governantes com o lugar. A parte inferior do escudo, composta pelos ramos de café entrelaçados carregam o nome do município, FIGUEIRA. As datas se referem à emancipação (20-04-1982) do município que deixa de pertencer à Curiúva-PR e a oficialização da sua condição de município paranaense (01-02-1983).

HI NO MUNICIPAL DE FIGUEIRA

Letra: Belquise Zanardi

Música: Sebastião Lima

Onde outrora foi mata verdejante,
Num bonito rincão do Paraná
De bravos um punhado, leva avante.
Aspiração pura aqui ainda está
Muita luta esforço e grande amor.
Com vontade de vencer na vida
Combate ingente com forte destemor
Eis teu berço, oh Figueira querida.

Os mineiros que lavram tua terra
Garantem teu futuro grandioso
Harmonia e amor que tudo encerra
De um povo bastante esperançoso

Região que não vive de quimera
Com a luta o ideal está presente
Quem trabalha vencer sempre espera
E assim o teu progresso está vigente.

A tua verde plantação viçanda
Retratando o céu, teu rio imenso.
A juventude teu porvir formando
Tudo em ti e de um amor intenso
O garimpo, o feito dos ausentes.
A garra triunfante de bravuras
Exemplo estimulante aos presentes
Que almejam uma Figueira de venturas.

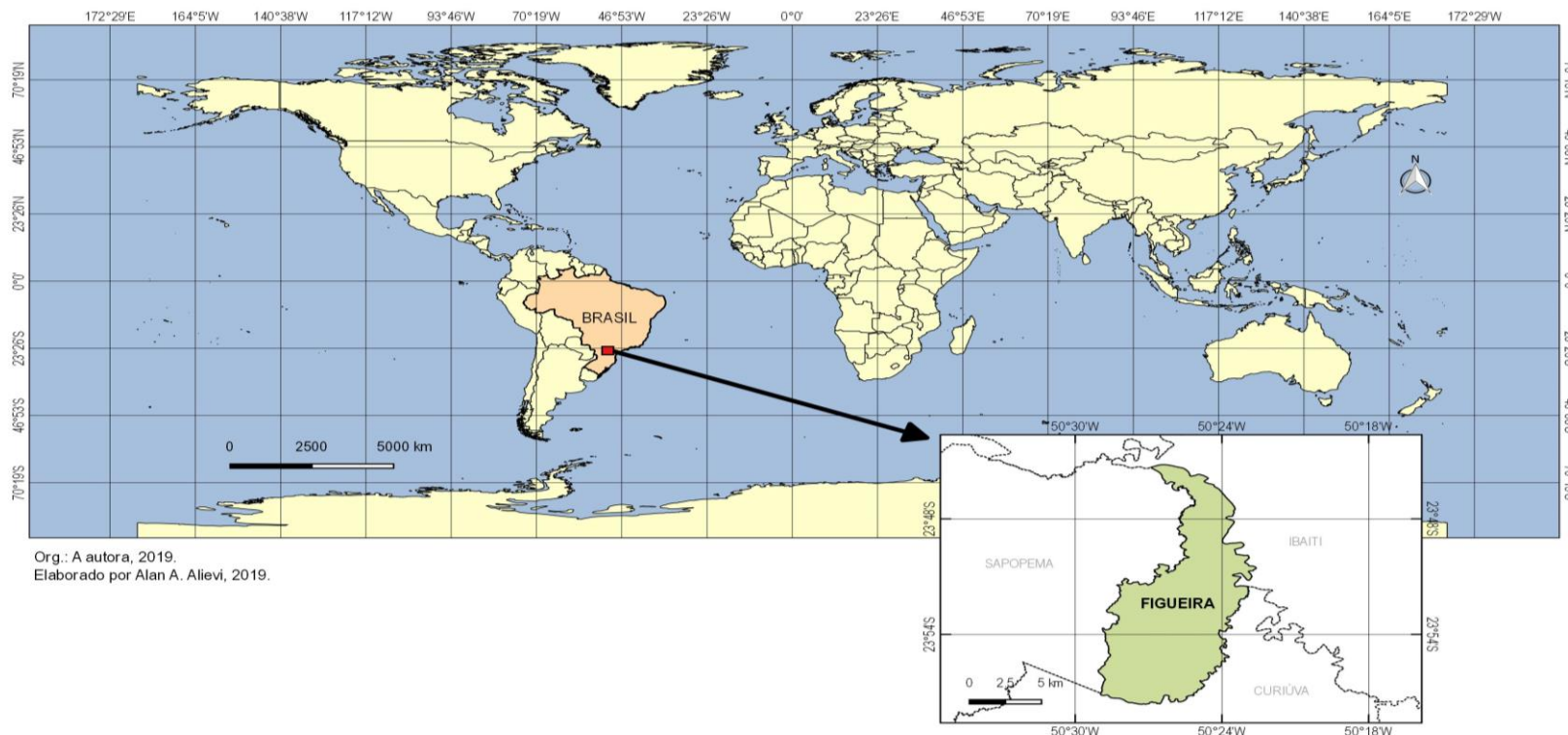
Sugestão de Atividade

➤ Conheça o Hino de Figueira, ouvindo a sua canção e se atentando à letra. O hino representa a realidade de Figueira na atualidade? Se fosse possível modificá-lo, que elementos geográficos e/ou históricos você acrescentaria nesta letra?

FIGUEIRA NO MUNDO

O município de Figueira integra o continente americano, especificamente a América do Sul. Suas coordenadas geográficas são Latitude: 23° 50' 43" sul e Longitude: 50° 24' 35" oeste; localiza-se na zona climática Temperada Sul, responsável pela ocorrência do clima subtropical.

Localização de Figueira, Paraná no Mundo.



Fonte: PUCHALSKI; ALIEVI (2019).

FIGUEIRA NO BRASIL

Localização de Figueira, Paraná no Brasil.



Figueira localiza-se na região sul do Brasil, integrando o território do Estado do Paraná.

O Estado do Paraná possui um vasto território fronteiriço, limitando-se ao norte com o Estado de São Paulo, a leste com o Oceano Atlântico, ao sul com o Estado de Santa Catarina, a oeste com o Paraguai, a sudoeste com a Argentina e a noroeste com o Estado do Mato Grosso do Sul.

O Estado do Paraná tem como sua capital a cidade de Curitiba, e suas cidades mais importantes são: Londrina, Maringá, Foz do Iguaçu, Ponta Grossa e Cascavel.

Sugestão de Atividade

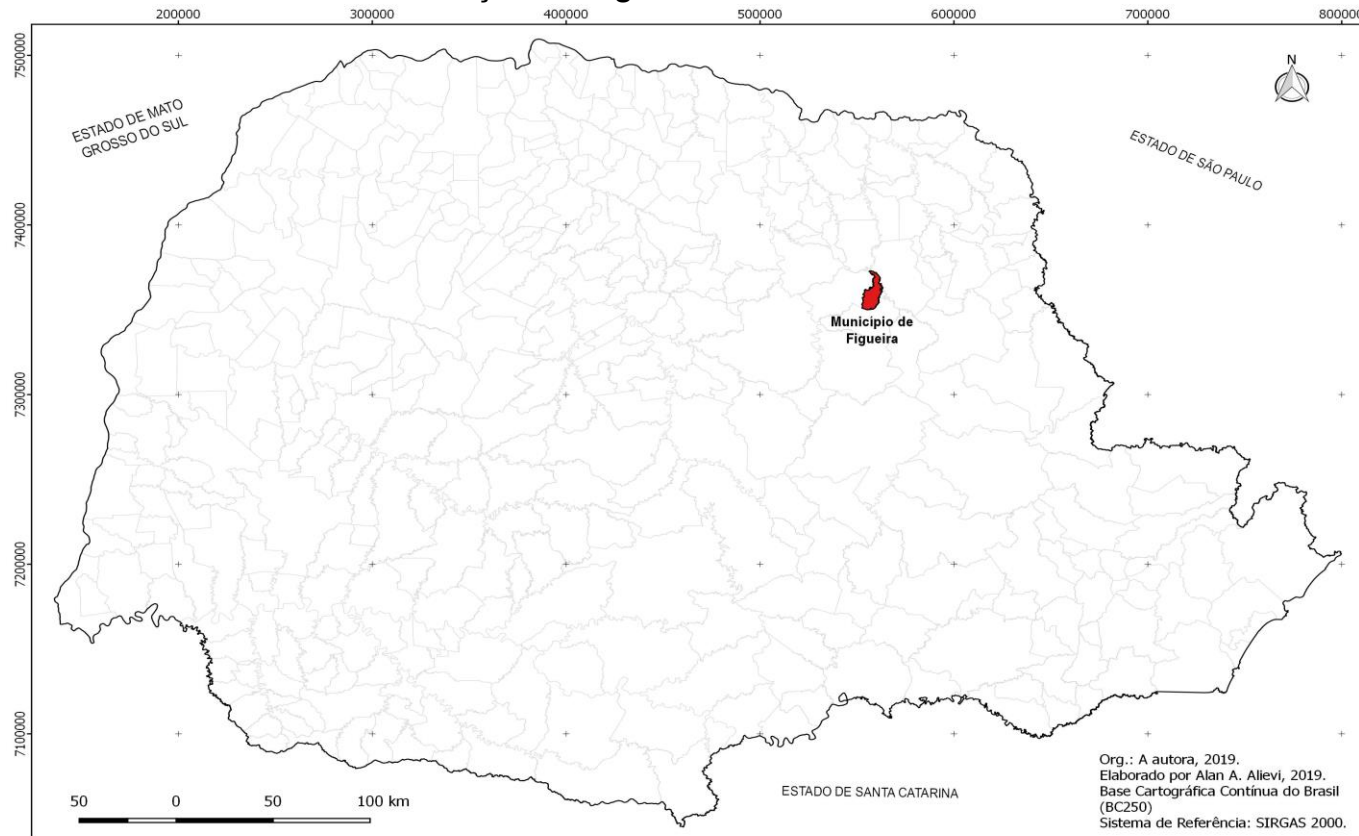
➤ A partir das informações sobre os territórios fronteiriços ao Paraná, delimite-os no mapa, com o auxílio de um mapa político do território brasileiro.

Fonte: PUCHALSKI; ALIEVI (2019).

FIGUEIRA NO PARANÁ

Figueira localiza-se no norte do Estado do Paraná, mais especificamente no Norte Velho, numa altitude de 620 metros e se encontra a uma distância de aproximadamente 315 km da capital paranaense, Curitiba, e a 168 km de Londrina.

Localização de Figueira no Estado do Paraná.

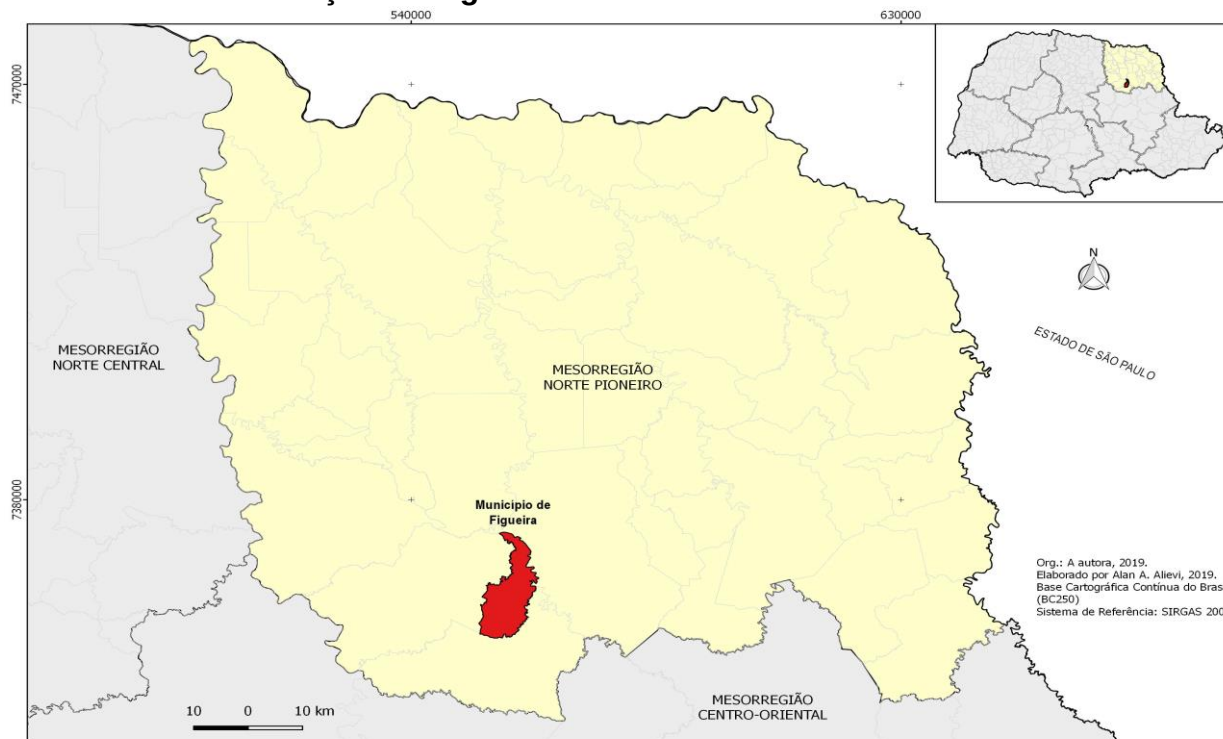


Fonte: PUCHALSKI; ALIEVI (2019).

FIGUEIRA NO NORTE PIONEIRO PARANAENSE

De acordo com a regionalização proposta pelo IBGE (2010), o município pertence à Mesorregião Norte Pioneira e à microrregião de Ibaiti, composta por 8 municípios: Curiúva, Figueira, Ibaiti, Jaboti, Conselheiro Mairinck, Sapopema, Japira e Pinhalão (IBGE, 2010), sendo a 5ª maior economia da sua microrregião.

Localização de Figueira no Norte Pioneiro Paranaense.

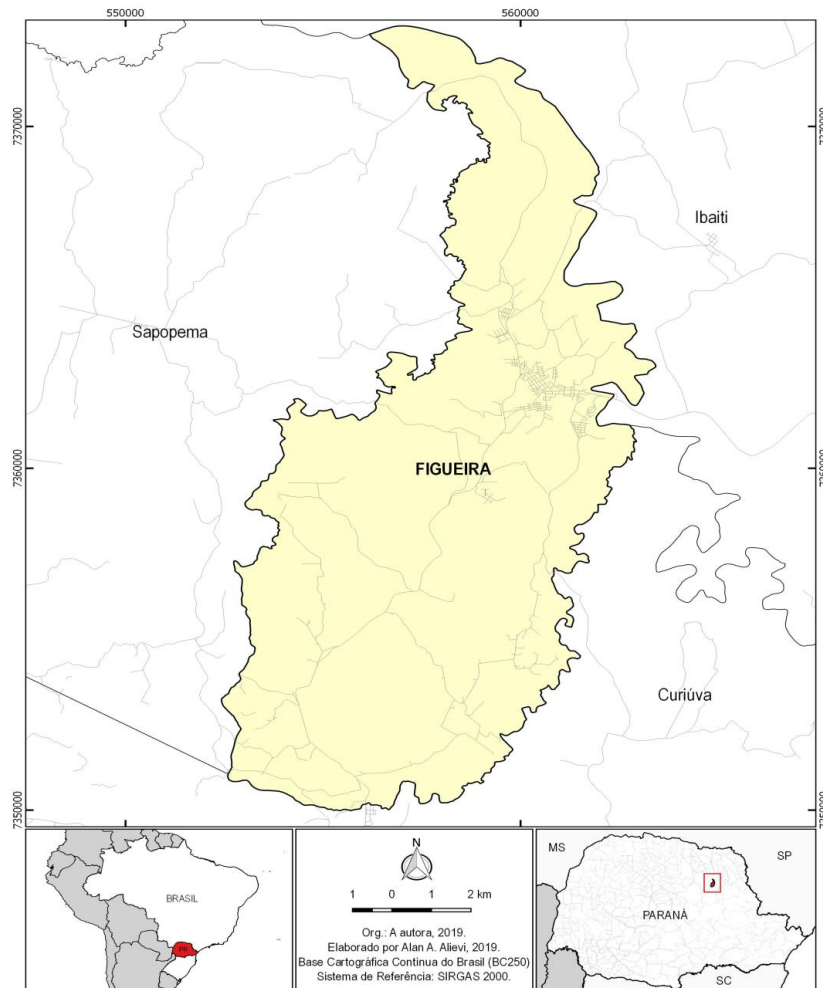


Sugestão de Atividade

➤ Você sabe o que diferencia a economia de Figueira em relação a outros municípios paranaenses? Justifique sua resposta.

Fonte: PUCHALSKI; ALIEVI (2019).

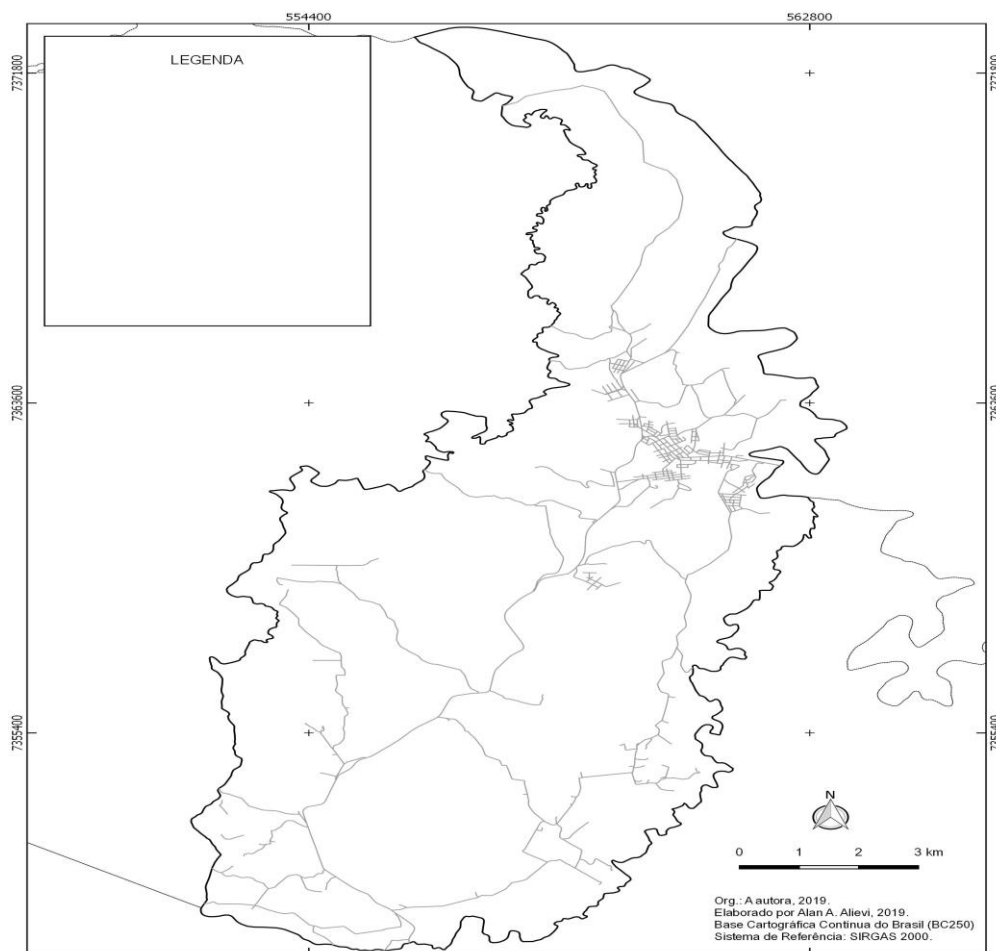
O MUNICÍPIO DE FIGUEIRA



Figueira é um município de pequeno porte do Estado do Paraná que abrange uma área total de aproximadamente 129,769 km², localizada no norte do Estado do Paraná. A maior parte do seu território compreende áreas rurais, embora grande parte da sua população viva na área urbana e se dediquem a atividades do setor terciário.

Fonte: PUCHALSKI; ALIEVI (2019).

MAPA BASE DO MUNICÍPIO DE FIGUEIRA, PR.



Sugestão de Atividade

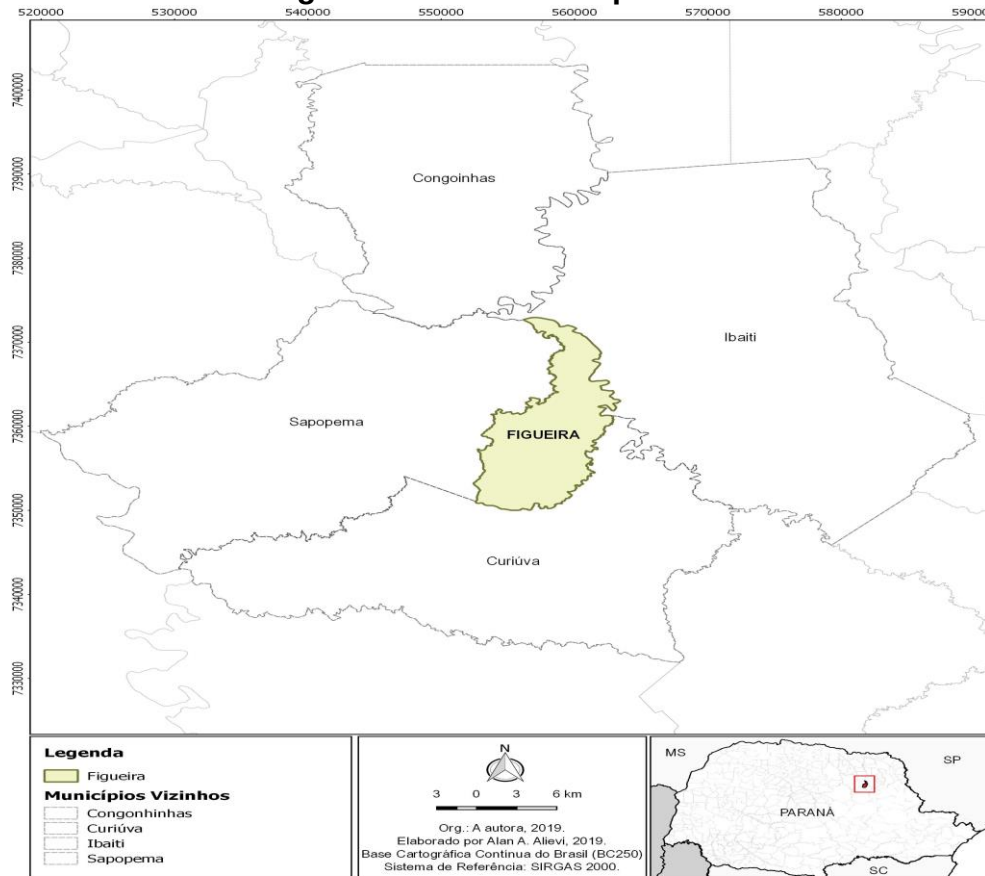
- Crie o seu mapa de Figueira, utilizando como base imagens retiradas do Google Maps.
- No mapa você poderá:
 - Localizar a área urbana, destacando as áreas de exploração do carvão;
 - Localizar as áreas rurais;
 - Delimitar os principais cursos hídricos;
 - Indicar os municípios vizinhos.
- Deverá ser criada uma legenda para cada um dos itens sugeridos;
- Você poderá inserir no mapa outros temas de interesse, mas para isso precisa criar ícones para representar o fenômeno que deseja cartografar.

Fonte: PUCHALSKI; ALIEVI (2019).

NOSSOS VIZINHOS

Figueira limita-se ao longo de sua extensão territorial com os municípios de Curiúva, Japira e Ibaiti. Figueira se situa a 22 km ao noroeste de Ibaiti a maior cidade nos arredores, a 29 km ao sul de Curiúva e a 43 km a sudoeste de Sapopema.

Figueira e seus municípios vizinhos.



Sugestão de Atividade

- Faça uma pesquisa que contemple a diversificação econômica dos municípios vizinhos de Figueira, e crie um símbolo que caracterize a economia do lugar, incluindo a do seu município, para que possa ser inserido no mapa ao lado.

Fonte: PUCHALSKI; ALIEVI (2019).

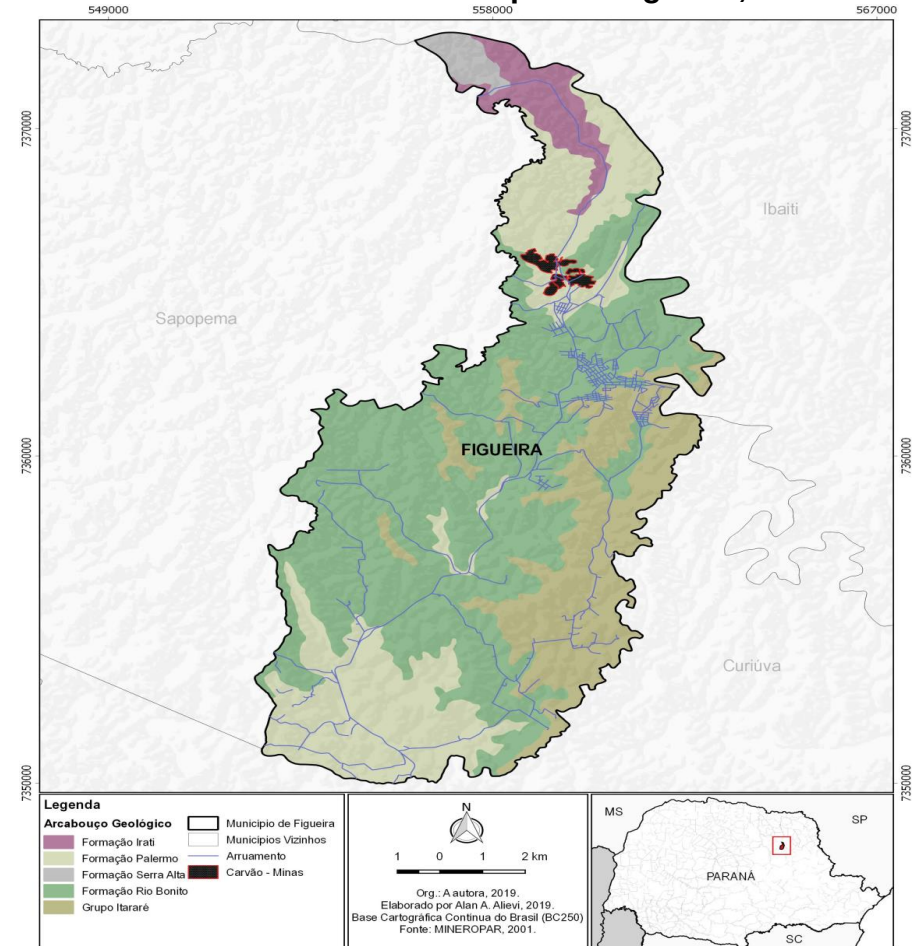
ASPECTOS NATURAIS

Geologia

Levando em conta sua formação geológica, o município de Figueira está inserido na região geomorfológica do Segundo Planalto do Paraná ou Planalto de Ponta Grossa, formado a partir da deposição de sedimentos paleozoicos e mesozoicos. O processo de sedimentação proporcionou a região uma leve inclinação do relevo para a oeste, formando uma paisagem de escarpas a leste.

O processo de sedimentação ocorrido ao longo da formação geológica do município de Figueira proporcionou a formação de jazidas de carvão mineral, uma rocha sedimentar de origem fóssil, formado a partir da decomposição de vegetais que sofreram soterramento e se compactaram em bacias pouco profundas.

Áreas carboníferas no município de Figueira, PR.



Fonte: PUCHALSKI; ALIEVI (2019).

O carvão mineral em Figueira

A descoberta do carvão mineral no município de Figueira, foi o combustível necessário para que o lugar se desenvolvesse e se colocasse no mapa como o único estado paranaense a extrair carvão mineral.

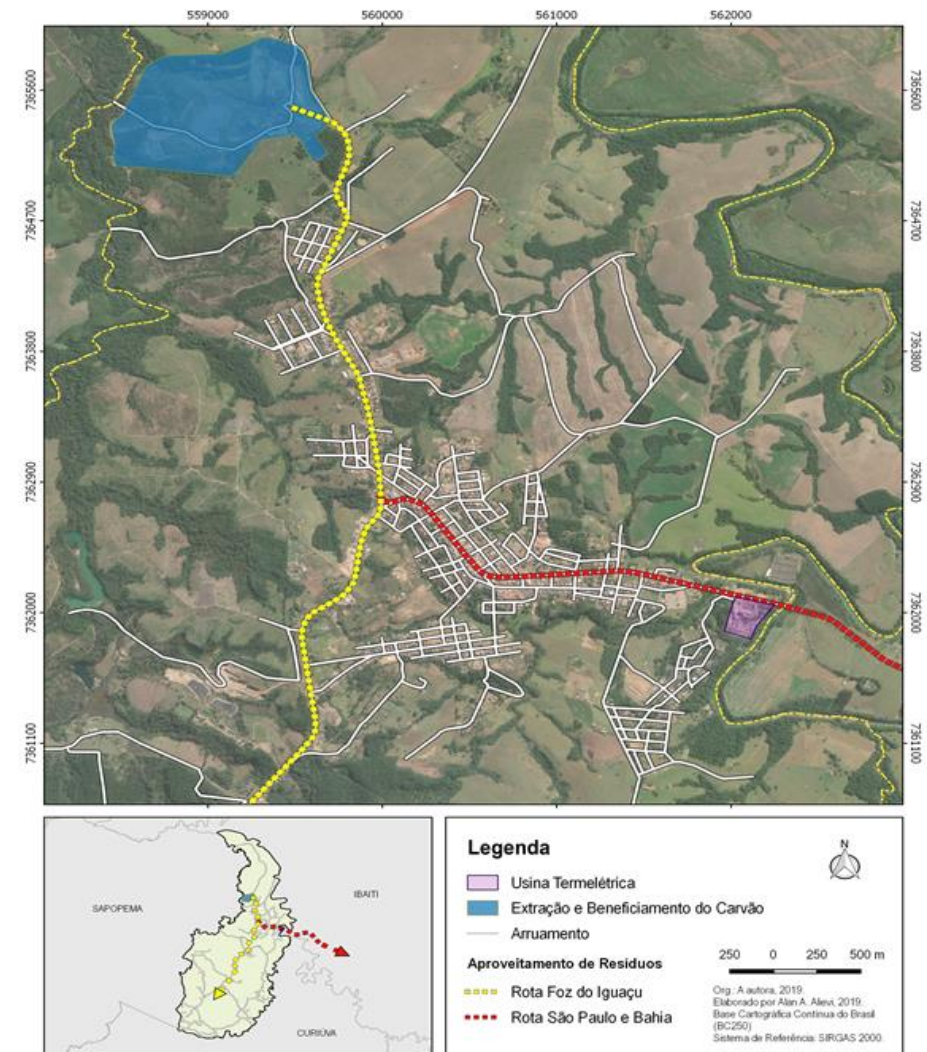
O carvão mineral extraído em Figueira abastece a Usina Termelétrica de Figueira e parte do que sobra dos descartes do carvão são reaproveitados, sendo vendidos para outros estados paranaenses, paulistas e baianos para diferentes atividades industriais.

Assim, o carvão mineral traça suas trilhas dentro e fora do território figueirense aquecendo a economia local e proporcionando a diversificação econômica de outros setores.

Sugestão de Atividade

- Além de produzir energia elétrica o carvão mineral pode ser utilizado para diferentes fins. Faça uma pesquisa sobre as outras finalidades do carvão mineral.

As Trilhas do Carvão



Fonte: PUCHALSKI; ALIEVI (2019).

Relevo

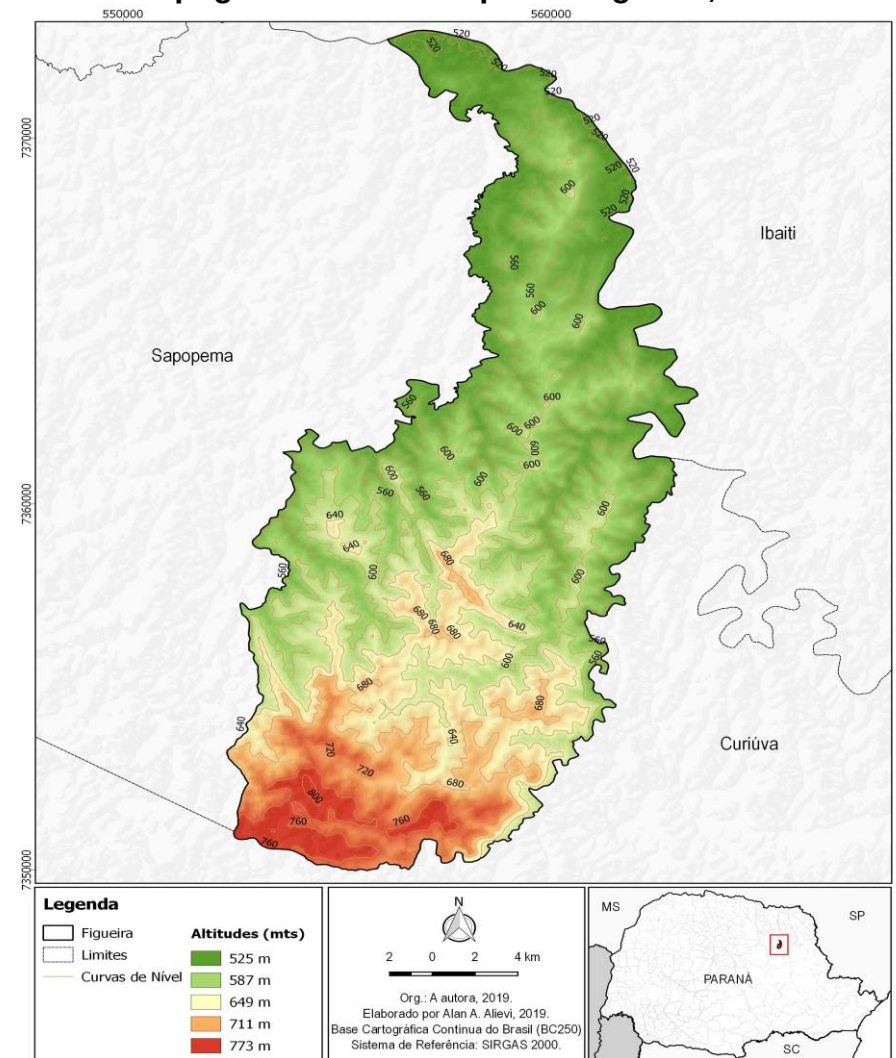
O relevo de Figueira se encontra numa altitude que varia de 525 a 773 metros de altitude, localizada no Segundo Planalto Paranaense ou Planalto de Ponta Grossa é composto por rochas sedimentares e se encontra numa área mais baixa se comparada aos municípios arredores.

Sua topografia é levemente ondulada, com áreas propícias ao desenvolvimento da agricultura e da pecuária.

Sugestão de Atividade

- Com o auxílio do Mapa Base de Figueira, da página, identifique a altitude da área central.
- Agora, tendo como ponto de partida suas rotas diárias, na sua percepção, qual o ponto de maior altitude e menor altitude dentro do município de Figueira?

Perfil Topográfico do município de Figueira, PR.



Fonte: PUCHALSKI; ALIEVI (2019).

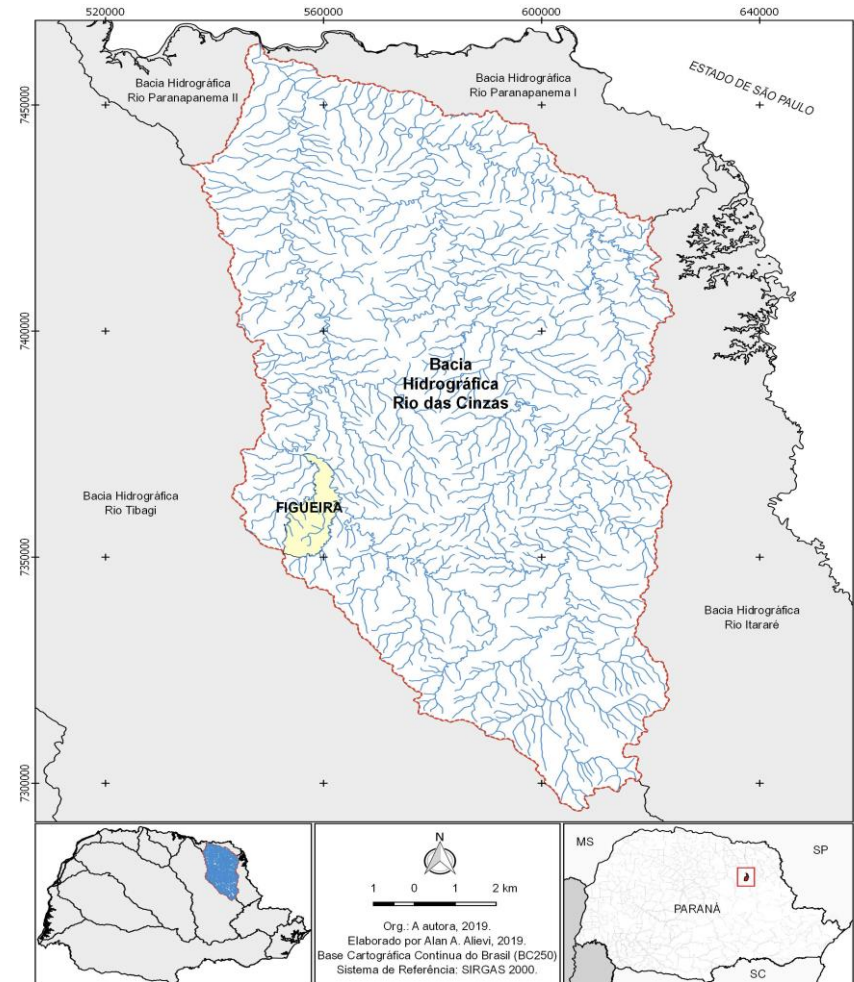
Hidrografia

O município de Figueira está inserido na Bacia Hidrográfica do Rio das Cinzas, o principal curso d'água do Norte Pioneiro. A bacia do rio das Cinzas abrange uma área de 9.612,8 km² e nasce na Serra de Furnas no município de Piraí do Sul a oeste da Escarpa Devoniana e desagua no rio Paranapanema. Ao longo de seus 240 km conta com quatro principais afluentes, o ribeirão Grande, o ribeirão Jaboticabal, o ribeirão Vermelho e o rio Laranjinha.

Figueira está localizada a margem oeste do rio Laranjinha, popularmente conhecido como “rio do Peixe”, o principal rio da margem esquerda da Bacia do rio das Cinzas. Ao longo de sua extensão é possível encontrar diversos riachos propícios para o lazer, além disso, grande parte do abastecimento de água do município vem do rio, utilizado para o resfriamento das caldeiras da Usina Termelétrica.

A falta de vegetação ao longo das margens do rio causou um nível de assoreamento do leito do rio que tem gerado nos últimos anos algumas enchentes, fato que se agrava devido a existência de moradores nas proximidades do mesmo.

Localização do município de Figueira ao longo da bacia do Rio Cinzas



Fonte: PUCHALSKI; ALIEVI (2019).

Clima

Figueira está situada numa área onde predomina o clima Cfa, ou seja, clima subtropical. Assim, o clima do município caracteriza-se por invernos com temperaturas que oscilam entre 13° e 17°, enquanto que no verão as temperaturas variam entre 24° e 27°, podendo em alguns dias do mês de dezembro e janeiro ultrapassar essas temperaturas. De acordo com as informações do IAPAR (2005), a região de Figueira está classificada em clima subtropical, com invernos entre 13 C° e 17 C° e verões com temperaturas máximas de 24 °C e 27 C°. No verão as temperaturas são quentes e os períodos de geadas pouco frequentes, as chuvas são mais constantes nos períodos de verão e não há estação seca definida. A temperatura média anual desta região varia entre 16 C° e 21 C°, a precipitação anual oscila entre 1400 mm e 1600 mm, sendo que nos meses mais secos a pluviosidade é de 200 mm e 250 mm, enquanto nos meses mais chuvosos, a precipitação pode chegar a 500 mm ou 600 mm.

Vegetação

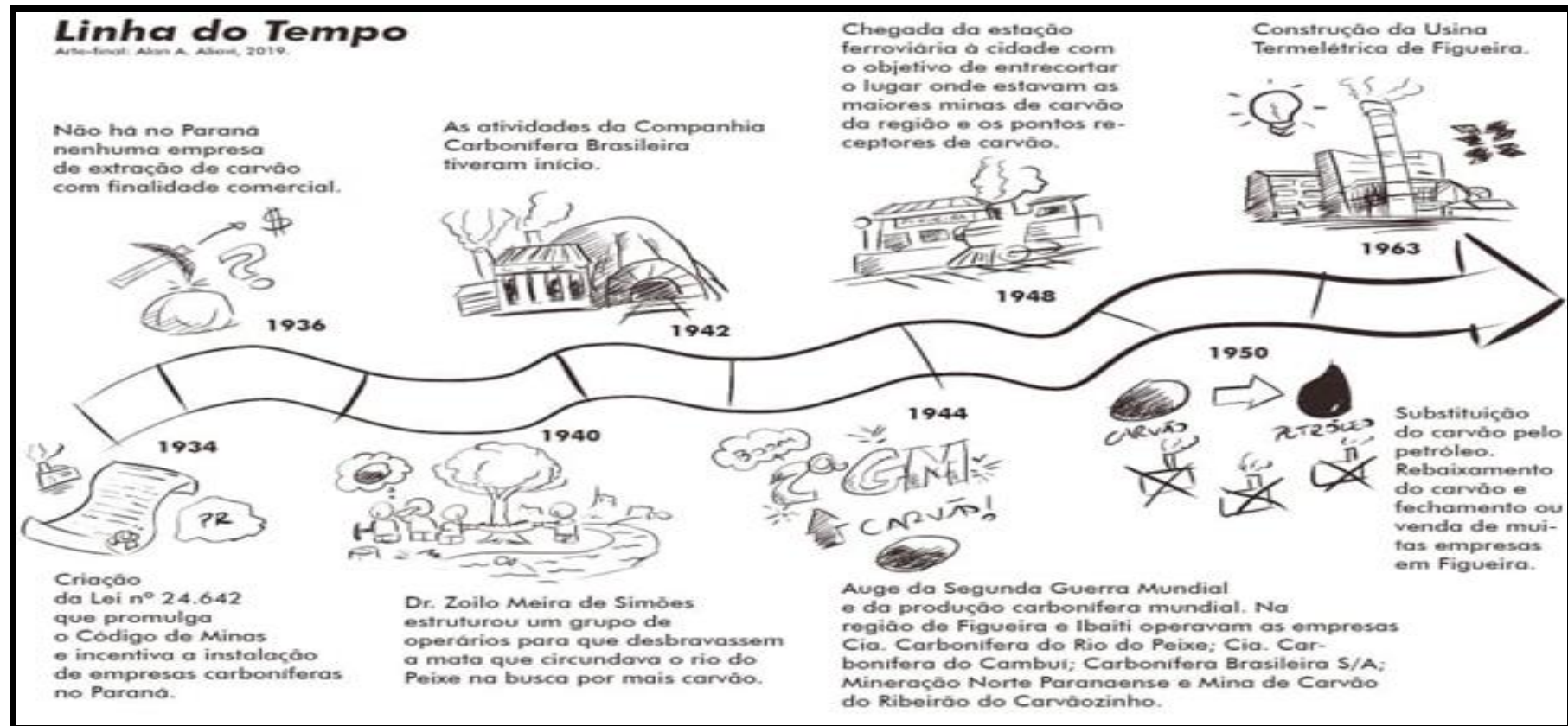
Segundo a classificação de Maack (1950), Figueira se encontra numa área de composição vegetativa de Floresta de Ombrófila Mista também conhecida como Mata de Araucária, vegetação característica de ecossistemas onde o índice de chuvas é bem distribuído e normalmente encontra-se em áreas mais elevadas do relevo.

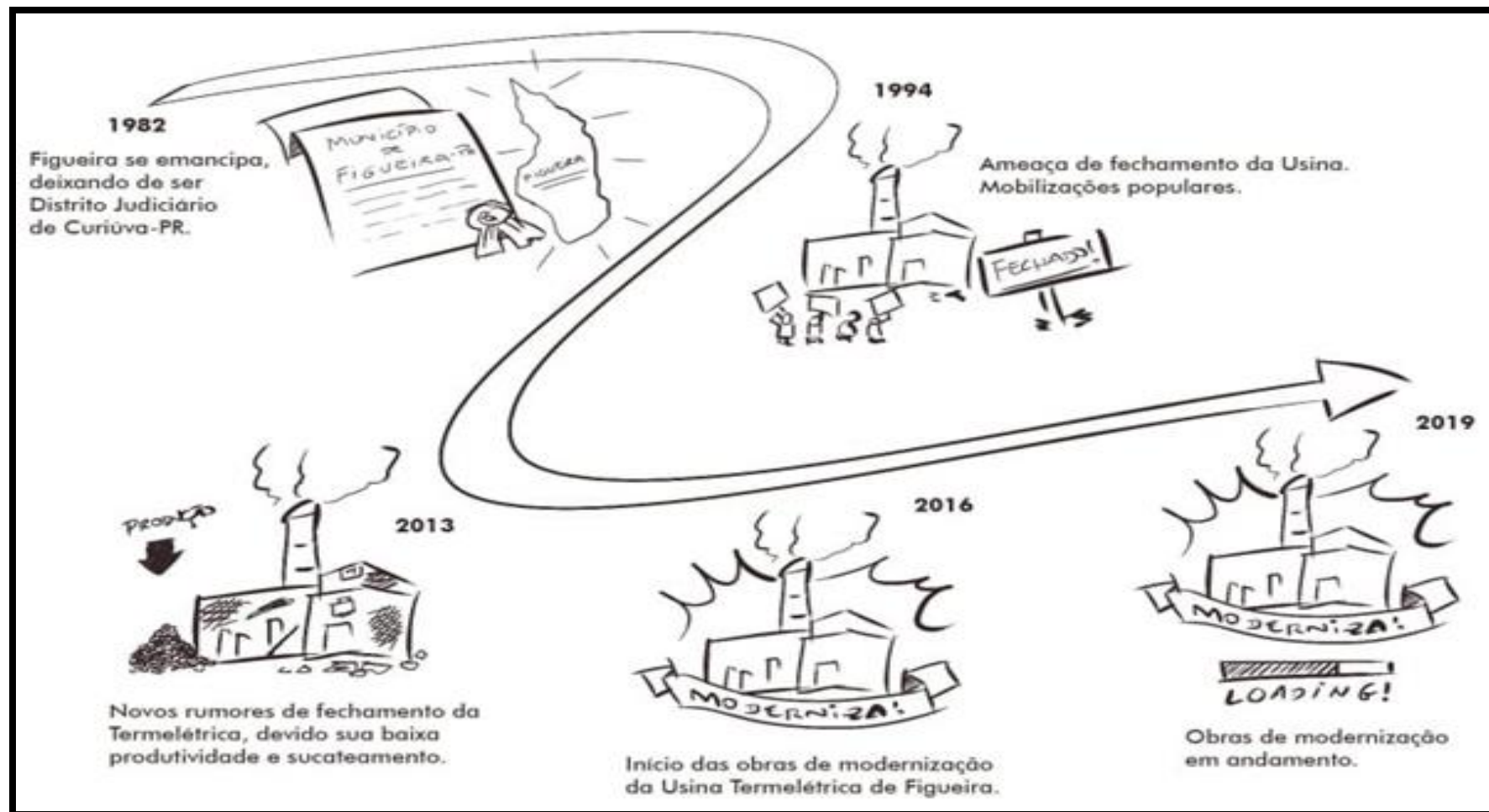
Na paisagem figueirense, observa-se atualmente uma pequena ocorrência deste tipo vegetativo, sendo encontradas esparsamente distribuídas pelo território do município. As áreas que antes abrigavam a Mata de Araucárias, espécie cada vez mais rara, foi sendo devastada no processo de ocupação da região, dando lugar ao plantio do café e posteriormente, o de soja e outros cultivos agrícolas, além das extensas plantações de eucaliptos.

Outra espécie tipicamente encontrada no município é a Figueira, planta do gênero *Ficus* que deu origem ao nome do município.

FIGUEIRA TEM HISTÓRIA

Resultante de um processo de ocupação impulsionado pelo garimpo de ouro, cultivos agrícolas, extrativismo do carvão mineral e produção de energia elétrica, Figueira possui uma história marcada por diversos acontecimentos que fazem de sua trajetória rica e permeada de eventos favoráveis e adversos, que aquecem a memória de quem os viveu e ativam a esperança de quem espera por dias melhores.





Sugestão de Atividade

- Como habitantes construímos e transformamos o lugar em que vivemos, nesse sentido que acontecimentos históricos, pessoais ou de relevância social, você acrescentaria na Linha do Tempo de Figueira?
- Crie um desenho para acompanhar o seu evento.

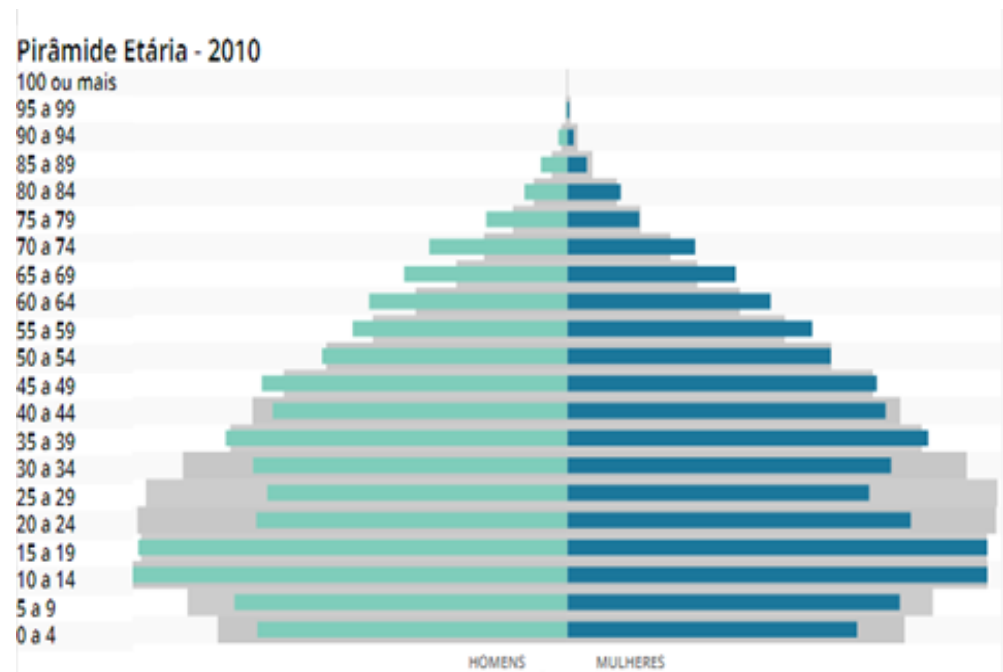
OS FIGUEIRENSES

A população figueirense é composta, segundo dados do IBGE (2010), por aproximadamente 8.293 habitantes e a estimativa para o ano de 2019 era de 7.770 habitantes. Sua densidade demográfica é de 63,91 hab./km².

O IDH do município é de 0,677, sendo classificado como um IDH médio. A sua posição do IDH reflete na qualidade de vida dos seus munícipes, que apresentam bons resultados nos dados relacionados à alfabetização, onde 98,7 % das crianças encontram-se matriculadas em creches e escolas de ensino fundamental. Quanto a saúde, ocupa a 4ª posição no ranking da microrregião de Ibaiti e 5º lugar na economia, com uma renda per capita de 17.618,62, sendo que o salário médio mensal era de 2,3 salários mínimos. No entanto, o desemprego tem sido um grande fator repulsivo nas últimas décadas, principalmente para a população mais jovem, o que acaba ocasionando na migração destes para centros maiores e com melhores condições empregatícias. Assim, pode se constatar que a população de Figueira é composta em sua maioria por jovens entre 10 a 19 anos e

adultos entre 44 e 59 anos, composta também por uma significativa população de idosos entre 64 e 79 anos.

Figueira é um município bastante miscigenado, onde a herança de seus colonizadores (indígenas, nordestinos, mineiros, descendentes de europeus) podem ser constatadas nas características físicas do seu povo.



Fonte: IBGE, 2010

O QUE FAZEM SEUS HABITANTES?

Grande parte da população de Figueira reside na área urbana, cerca de 86% dos habitantes, uma vez que grande parcela da população se dedica às atividades ligadas ao setor extrativista e industrial, cujas atividades se concentram nas proximidades da área urbana do município.

No geral, segundo dados do IPARDES (2019) considerando os dados obtidos a partir da RAIS, os figueirenses se dedicam à diferentes setores da economia com destaque para os setores industriais e de extração de minerais, no caso de Figueira, o carvão mineral, ao setor de madeira e mobiliário, na construção civil, nos comércios varejistas e atacadista, no funcionalismo público municipal e estadual e às atividades no campo, que são bastante representativas.

Assim, visando a valorização do trabalhador rural e da agricultura familiar, foi criada a Feira do Agricultor, com o apoio municipal, que funciona as sextas-feiras para a comercialização dos produtos cultivados em suas propriedades.



Fonte: Prefeitura Municipal de Figueira, 2018. Estandes reservados a venda dos produtos dos pequenos agricultores rurais de Figueira-PR.

CULTURA

A cultura possui um caráter voltado à religiosidade, principalmente, no que diz respeito aos padroeiros do município, fato explicado pelo contingente populacional com preceitos religiosos voltados ao catolicismo.

Além das festas religiosas, Figueira herdou de seus antepassados o gosto pelas festas de peão ou como popularmente são conhecidos, os rodeios que fazem parte do arcabouço histórico e cultural do lugar.

Entre as principais manifestações culturais, arraigadas no cotidiano figueirense e que sobreviveram à contemporaneidade estão:

Festa do Peão de Figueira

A festividade acontece em comemoração ao dia da emancipação do município, 20 de abril, e está na 37ª edição. É a festa mais esperada do ano pela população. Além das montarias, fazem parte das comemorações apresentações

musicais nacionais e regionais e para o encerramento das festividades é realizada uma cavalgada, onde várias comitivas do município e de municípios vizinhos percorrem toda a extensão da avenida principal até o Parque de Exposições Aristides Sampaio.



Fonte: Prefeitura Municipal de Figueira, 2019. Montaria em touros na 37ª Festa do Peão de Figueira.

Festa em Louvor ao Senhor Bom Jesus

Proclamado padroeiro do município, a festa em louvor ao Senhor Bom Jesus acontece de acordo com o calendário litúrgico católico no dia 06 de agosto.

A festa acontece no pavilhão da igreja Santa Barbara e tradicionalmente conta com churrasco, parque de diversões e um bingo seguido de apresentações artísticas que finalizam as comemorações. O dinheiro arrecado é revertido em prol da Paróquia, a qual desenvolve diversos projetos na comunidade.



Fonte: Paróquia Senhor Bom Jesus, 2019. Festa em Louvor ao Senhor Bom Jesus.

Festa em Louvor a Santa Bárbara

O dia de Santa Bárbara é comemorado em 04 de dezembro, consagrada como santa católica por sua coragem e forte destemor. É considerada padroeira dos mineiros, que arriscam suas vidas em explosões no subsolo, mas vencem os seus medos em prol de uma ação maior.

No dia dedicado à Santa Bárbara acontecem missas votivas em homenagem à santa e aos trabalhadores das minas de carvão, que participam das missas apresentando e consagrando seus equipamentos de trabalho, como forma de devoção e respeito. As comemorações são marcadas por festividades e bingos que acontecem no pavilhão da igreja Santa Bárbara.



Fonte: <http://www.fetiep.org.br>, 2012. Trabalhador das minas rezando diante da imagem de Santa Bárbara, padroeira dos Mineiros.

Sugestão de Atividade

- Você conhece outros hábitos culturais praticados pelos figueirenses? Quais?
- A sua família possui alguma tradição cultural? Compartilhe com os colegas a sua cultura e/ou tradição familiar.

LAZER

Como toda pequena cidade, Figueira não tem cinema, shopping centers, teatros, zoológicos ou parques. Mas em sua pequenez, Figueira oferece aos seus habitantes diversas opções de lazer, pois apesar de pequena, é um lugar aconchegante e permeado de relações que ampliam os horizontes de satisfação de quem a vive, uma vez que, o lazer está ligado à atividades que nos proporcionam prazer e melhoram a nossa qualidade de vida, aliviam o estresse e nos causam a sensação de bem estar.

As imagens que compõem esta página, são os lugares de lazer das pessoas que vivem os espaços de forma plena, fazendo deles lugares de conforto, de espontaneidade, alegria, união, ou ainda, de calma e sossego.

Clube da Cambuí

Tradicional na cultura local de Figueira, o clube recebia muitos dançantes nas suas noites badaladas, no entanto, nos últimos anos ele tem sido alugado apenas para pequenas confraternizações.

Para o estudante Alan (2019) o clube é bastante representativo, pois, “além dos ótimos bailes que aconteciam aqui, e de ser um lugar muito bonito, ele carrega várias histórias. E mesmo não sendo mais um lugar de bailes, eu me sinto muito bem quando vou lá, porque sei que este espaço marcou a vida de muitas pessoas que dançavam, cantavam e que foram felizes aqui”.



Fonte: Alan, 2019. Fachada do Clube da Cambuí.

Igreja Senhor Bom Jesus

A Igreja do Senhor Bom Jesus é a igreja matriz do município, e já passou por várias transições, seja de localização ou mesmo de estrutura física, portanto, possui uma arquitetura moderna, apesar de ser a mais antiga de Figueira. Atualmente, a partir de projetos de revitalização das praças municipais a Igreja dispõe de um espaço amplo, remodelado e arborizado, com academia ao ar livre. Segundo a estudante Ellen (2019) esse é um dos lugares que mais gosta de frequentar, já que ela considera ser “um lugar calmo e aconchegante e que transmite muita paz, onde sinto que estou mais perto de Deus”.



Fonte: Ellen, 2019. Fachada da Igreja Senhor Bom Jesus e seu entorno.

Campo de Society

Um dos pontos de lazer que despontam na preferência, principalmente dos meninos, é o campo de society. Foram inaugurados no município de Figueira, dois campos de society em bairros diferentes, com estruturas modernas são considerados os melhores lugares para se estar, como afirma Tiago (2019) “aqui eu me divirto com os meus amigos, aprendo coisas que vou levar para vida como o respeito e as

amizades, quando estou aqui eu esqueço de todos os meus problemas, para mim não tem lugar melhor”.

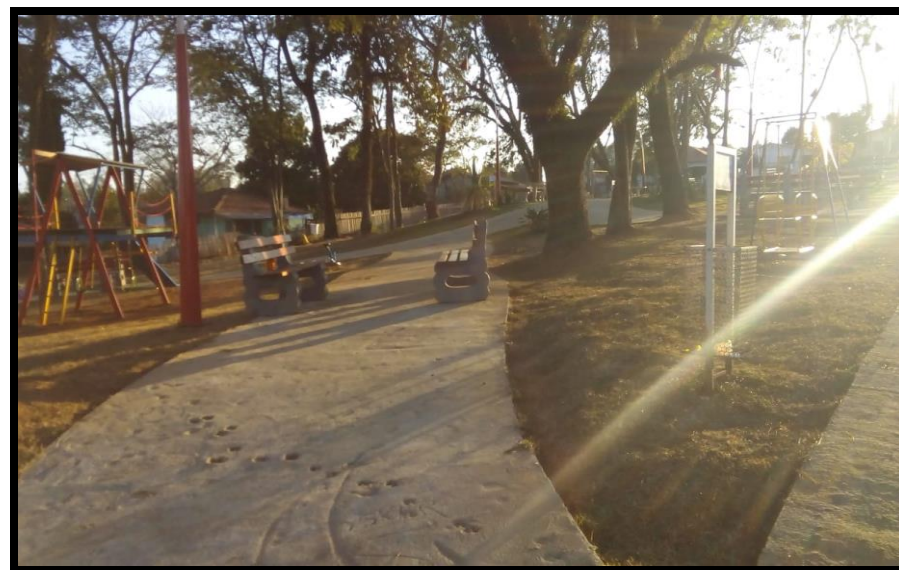


Fonte: Tiago, 2019. Campo de society nas proximidade do centro da cidade.

Praça do Bairro Jardim Leonor

O Bairro Jardim Leonor permaneceu por longos anos esquecido e sem obras de melhorias na sua infraestrutura, até que com os projetos de revitalização das

áreas urbanas da cidade o bairro recebeu uma atenção maior, onde foram instalados: posto de saúde, creche, escola de educação básica e pontos de lazer como a pista de skate, quadra de futsal, basquete e também uma praça.



Fonte: Isabelle, 2019. Praça do Bairro Jardim Leonor.

Para a estudante Isabelle, esse é o seu ponto de lazer pois aqui é onde ela compartilha momentos de diversão e descontração com os amigos.

Outro ponto de lazer bastante procurado pela comunidade figueirense é a pista de caminhada, que ocupa

um espaço amplo e tranquilo para a prática de atividades físicas.

A estudante Evellyn (2019) o classificou como um de seus lugares preferidos na cidade, enfatizando que “eu amo esse lugar, pois é onde eu posso me desligar do mundo, seja caminhando ou correndo. É um lugar familiar, para se exercitar, relaxar, encontrar os amigos e, principalmente, ser saudável, enfim, ele é muito especial e faz parte do meu cotidiano”.

Sugestão de Atividade

- E para você, qual é o seu lugar de lazer na cidade de Figueira? Traga uma fotografia ou se preferir, desenhe o seu lugar de lazer.



Fonte: Evellyn, 2019. Pista de Caminhada.

FIGUEIRA, PROSA E POESIA

Figueira além de ter histórias, memórias e tradições, tem gente que a ama e traduz isso em forma de belas descrições, poesias, versos e canções, fazendo do passado um legado memorável, do presente uma aventura constante, vivendo sempre na expectativa de um futuro próspero.

Os versos a seguir foram compostos por estudantes do Colégio Anita por meio de concurso de poesia. A partir destas poesias reunimos um pouco mais da história, da beleza e dos momentos significativos do lugar onde vivem, com versos carregados de nostalgia e saudosismo, de amor, esperança e orgulho.

Minha Cidade

Autor: Maria Eduarda

Figueira cidade do carvão e da emoção
Cidade cheia de gratidão
De gente humilde que busca sempre
Vencer a estagnação.

Figueira é sinônimo de amor e felicidade
Humildade e prosperidade
Ela é especial e cultural
E todos que aqui vivem tem auto astral
Figueira sem dúvidas é uma cidade sensacional.

Cidade de cumplicidade e criatividade
Com ela aprendo todos os dias a viver com dignidade
E assim termino meu poema com muita sinceridade
Feliz por essa terra de variedade
Viva a nossa Cidade!

Figueira Querida**Autor:** Kailaine

Figueira cidade pequena
Porém aconchegante
Que acolhe a todos os seus visitantes
E migrantes

Terra das minas de carvão
De onde se extrai a pedra negra
Que sustenta e mantém sua economia
E também a população

Chão que abriga tanta gente
Idosa, grande e pequena
Humilde e as vezes carente
Mas onde Deus se faz presente

Figueira, terra acolhedora
Cidade que não é derradeira
Tem como sua protetora
Uma santa mineira.

Uma boa cidade**Autor:** Carla Leticia

Figueira, cidade pacata e pequena
Onde a bondade reina
Cidade do carvão e da festa de peão
Que alegra e emociona a população

Cidade cativante
De ritmo contagiante
Um lugar agradável
De gente amigável

Lugar com grandes problemas
Onde tudo se torna um dilema
A economia não é das melhores
Mas existem lugares piores

Uma boa cidade, pois, todos têm sua liberdade
E com muita fé, um dia há de melhorar
Quando a riqueza e o progresso aqui chegar
Para que enfim, todos possam prosperar.

O lugar que eu vivo

Autor: Radmila e Willian

Vivo num lugar dotado de muita beleza
Cidade de onde se explora o carvão
De um povo que por ela tem muito amor
E admiração
E que se alegra com a sua evolução

Seu nome, Figueira
Deriva de uma planta
Frutífera, grande e viçosa
Que por sua beleza nos encanta

Terra rica e abençoada
Que por garimpeiros foi lavrada
E pelos mineiros, habitada
Para estes homens, ilustres pioneiros
Toda nossa gratidão
E agradecimentos verdadeiros

Figueira, terra que me viu nascer
Crescer e se desenvolver
De ti jamais poderei me esquecer

Lugar de gente nobre, que recebe a todos
Sem esnobe
Terra onde fixei minha raiz
E que por aqui almejo uma vida longa e feliz.

Nossa Figueira

Autor: Daniel

Figueira
Linda Figueira
Lugar que há pouco cheguei
E que já me apaixonei

Uma terra rica em minas de carvão
De um povo feliz e acolhedor
Que faz tudo por amor

Lugar de rica beleza
Com muito da natureza
Que ganha a todos com sua delicadeza

Terra de gente forte e hospitaleira
Que recebe a todos
Com boas maneiras

Figueira
Terra linda demais
Daqui, meu coração
Não quer sair jamais.

Sugestão de Atividade

➤ Agora é a sua vez de criar um poema, uma poesia ou um texto, que expresse os seus sentimentos sobre o seu Lugar Vivido.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa nos empenhamos em desvendar e compreender as percepções dos estudantes figueirenses acerca do lugar e alicerçados, principalmente, nos estudos fenomenológicos de Tuan (1983; 2012), podemos perceber a partir das narrativas dos estudantes as relações de pertencimento ao espaço vivido.

Ao propor um estudo acerca das relações das pessoas com o lugar é necessário considerar a subjetividade no olhar, para que os pré-conceitos não influenciem nas dinâmicas e na própria intencionalidade da pesquisa. Quando o que se está em jogo é o processo perceptivo do outro em relação ao seu lugar no mundo, devemos ter a consciência de que cada pessoa ou grupos de pessoas percebem os lugares de formas distintas, pois cada indivíduo vive um espaço particular e o confere significações distintas.

Ao desvendar as historicidades e geograficidades de Figueira percebemos que esta cidade e seus habitantes se moldaram ao passo que o carvão mineral se tornou o símbolo do desenvolvimento do lugar. A partir dessa dependência propagada ao longo da história da cidade as pessoas transformaram o espaço comum em lugar, pois quem a vive em sua funcionalidade conferiu-lhe sentimentos de afeto e significados que a tornaram única no mundo.

Ao evidenciarmos a cidade enquanto palco das relações humanas e sociais e propormos desvelar a maneira como os estudantes percebem a cidade em que vivem, ficou evidente a multiplicidade de significados que estes lhes conferem. Para uns a cidade tem um caráter acolhedor e aconchegante, para outros é um lugar de repulsa. O amor e a desafeição caminham juntos, visto que, para os jovens que estão prestes a sair do Ensino Médio, a cidade de Figueira é vista como redutora e delimitadora de seus sonhos de um futuro melhor. Esta pequena cidade não comporta os seus anseios de liberdade, pois, os jovens idealizaram sonhos de cursar uma faculdade, ter um emprego bom, ou seja, almejam um lugar onde possam ter a liberdade que uma pequena cidade não possibilita. Os estudantes amam a cidade-lugar, mas anseiam a liberdade-espaço (TUAN, 1983).

Reafirmamos a importância de conhecer e estudar questões conceituais do lugar e a cidade enquanto constituinte. As práticas metodológicas utilizando-se de

fotografias foram determinantes para a elucidação das histórias e geografias do lugar, bem como, dos traços culturais que sobreviveram ao processo evolutivo constante da sociedade. Foi perceptível o envolvimento dos estudantes no processo de dar as fotos da cidade-corpo, vida e significância para que assim, a cidade possa ser experienciada de fato, na sua essencialidade através do que os estudantes ouviram, viram e compreenderam.

Na correria diária da cidade, no vai e vêm dos carros, pessoas, ônibus, na preocupação por estar sempre no horário, nunca estar atrasado, acabamos nos perdendo em nossos próprios mundos e esquecemo-nos de viver as experiências do lugar que as cidades nos proporcionam. Falta a nós, homens modernos, o contato com o nosso lugar no mundo, o olhar para a cidade com olhos carregados de afeto. Como pontua Tuan (2012, p.139- 140), falta “o contato físico com o próprio meio ambiente cada vez mais indireto e limitado a ocasiões especiais” ou ainda “falta às pessoas o envolvimento suave, inconsciente com o mundo físico, que prevaleceu no passado quando o ritmo da vida era mais lento, e do qual as crianças ainda desfrutam”. Quando foi a última vez que de fato, olhamos a cidade na sua essência e a percebemos tal como ela é? Quando a experienciamos de forma pura e sem comparações com outros lugares? A percepção acerca da cidade não pode estar reduzida aos passeios na praça aos fins de semana ou a ida ao shopping, vivemos e fazemos parte dela da mesma maneira que ela vive e está em nós.

Só podemos pertencer e integrar-nos a um lugar quando o conhecemos na sua totalidade e essencialidade. Assim, apoiados nos estudos cartográficos do lugar e no conhecimento do espaço vivido e sua posição em relação a outras escalas e dimensões territoriais, podemos ter noção da sua interatividade com o mundo, da sua influência diante de outros lugares, das suas especificidades enquanto morada de diferentes seres, que o transformam em seu lugar no mundo.

Diante da relevância do conhecimento das cartografias do lugar, afirmamos a importância do Atlas Escolar Municipal de Figueira como uma metodologia indispensável para o desvelamento do lugar pelo e para o estudante, tendo em vista que o trabalho com metodologias ativas e participativas que proporcionam o processo construtivo do conhecimento são fundamentais para o seu desenvolvimento cognitivo, além disso, os conteúdos devem perpassar diferentes aspectos do lugar.

Nesta perspectiva, ensinar o lugar a partir da Cartografia, não se trata apenas de apontar a localização e coordenadas, mas mostrar as relações humanas e sociais que permeiam as lugaridades e territorialidades nas quais os estudantes estão inseridos, para que esses sejam capazes de se reconhecerem, se encontrarem e se identificarem no espaço vivido. Esta pesquisa mostrou a força do lugar a partir das vozes dos estudantes que se tornaram protagonistas e autores do seu processo de aprendizagem e não meros espectadores.

No decorrer da pesquisa, embasados nos aportes teóricos, nas vivências propiciadas com o desenvolvimento das ações metodológicas e no desenvolvimento do atlas, podemos concluir que as experiências desencadeadas no lugar vivido são determinantes no processo de conhecimento do lugar e que o Atlas Escolar se coloca como uma metodologia eficaz no processo de consolidação do conhecimento fornecendo subsídios para a elucidação das lugaridades e especificidades que por vezes, acabam passando despercebidas no decorrer do cotidiano.

REFERÊNCIAS

- ACSELRAD, H. **Cartografia social e dinâmicas territoriais: marcos para o debate**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2010.
- ALMEIDA, R.D. de; PASSINI, E.Y. **O espaço geográfico: ensino e representação**. 15.ed. São Paulo: Contexto, 2006. 90p.
- ALMEIDA, R.D. de. Atlas municipais elaborados por professores: a experiência conjunta de Limeira, Rio Claro e Ipeúna. **Cadernos Cedes**, v. 23, n. 60, p.149-168, ago. 2003.
- ARAÚJO, D.B; MOURA, J.D.P. Lugares e lugaridades: jovens falam de desejos, atitudes e sentidos em seus mundos. **Geografia, Ensino & Pesquisa**, Vol. 20 (2016), n.2, p. 21-32. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/20974/pdf>. Acesso em: 23 jul. de 2019.
- BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Conheça cidades e estados do Brasil**. 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em: 27 mar. 2019.
- BRITO JUNIOR, J. H. **A metamorfose da COPEL, análise de inovações na organização - 1994 a 1999**, dissertação de mestrado, Curitiba: UFPR, 1999.
- BUENO, Míriam Aparecida & BUQUE, Suzete Lourenço. **O Estudo do Espaço Local e sua Representação, a partir de Atlas Escolares Municipais – Brasil/Moçambique**. Goiânia 2015. 10 f.
- CALLAI, H. C. **Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino**. Campinas: Caderno CEDES, 2005.
- CALLAI, H. C. (Org.). **O ensino em estudos sociais**. 2 ed. Ijuí: Unijuí, 2002.
- CARLOS, A. F. A. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 1992.
- CARLOS, A. F. A. A Geografia brasileira, hoje: algumas reflexões. **Terra Livre**, São Paulo, ano 18, v. 1, n. 18, jan./ jun. 2002, p. 161-178.
- CASTRO, I.E. Solidariedade territorial e representação. Novas questões para o pacto federativo nacional. **Anais do 6º Encuentro de Geógrafos e América Latina**, realizado em 17 a 21 de Março de 1997 em Buenos Aires - Argentina: Facultad e Filosofía y Letras - UBA, 1997.
- DARDEL, E. **O homem e a terra**. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

ENTRIKIN, J. N. O Humanismo Contemporâneo em Geografia. **Boletim Geografia Teorética**, Rio Claro, v. 10, n. 19 p. 5-30, 1980.

Fechamento da Termelétrica de Figueira. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/norte-pioneiro/ameaca-de-fechamento-de-usina-deixa-cidade-em-alerta-841520.html>. Acesso em: 10 nov. 2019.

FERREIRA, J. C. V. **O Paraná e seus municípios**. São Paulo: T. A. Queiroz: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1996.

FRANCISCHETT, Mafalda Nesi. **A Cartografia no Ensino de Geografia: Construindo os Caminhos do Cotidiano**. Rio de Janeiro: Litteris, 2002.

FRESCA, T. M.; VEIGA, L. A. **Pequenas cidades e especializações funcionais: O Caso de Santa Fé – PR**. Soc. & Nat., Uberlândia, ano 23 n. 3, 387-396, set/ dez. 2011. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/sn/v23n3/v23n3a02>>. Acesso em 20 mar. 2019.

FRÉMONT, A. **A região espaço vivido**. Coleção SUP (Le Geographe. Paris – FRANCE. Presses Universitaires de France. 1976.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, v.35 n.3 - p.20-29. São Paulo, 1995.

GÓIS, C. W. **Atividade e Consciência**. Fortaleza: Instituto Paulo Freire, 2005.

GONÇALVES, T. M. **Cidade e poética: um estudo de psicologia ambiental sobre o ambiente urbano**. Ijuí: Unijuí, 2007.

IAPAR. Disponível em: <http://www.iapar.gov.br/>. Acesso em: 02 jun.2019.

IPARDES. **Avaliação da Sustentabilidade Socioeconômica do Município de Figueira**. 74p. Curitiba: IPARDES, 2003.

JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

LEFEBVRE, Henry. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

LE SANN, J.G. O Atlas Escolar Municipal como instrumento para aquisição de habilidades cognitivas. **Anais... 5º ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO**. Belo Horizonte, 1999. p.62-65.

LOWENTHAL, David. **Como conhecemos o passado**. Projeto História (17). São Paulo: EDUC, 1998. p. 63-201.

MAACK, R. Os sistemas hidrográficos do Estado do Paraná. In: MAACK, R. **Geografia física do Estado do Paraná**. 3ed. Curitiba: Imprensa Oficial, 2002, p. 304-387

MAFFESOLI, M. O imaginário é uma realidade. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, nº 15 de agosto 2001.

MARANDOLA JR, E. “**Londrinas**” **invisíveis**: percorrendo cidades imaginárias. Londrina. Universidade Estadual de Londrina. 2003. Disponível em: http://www.uel.br/cce/geo/tcc_historicos/geohistorico-159.pdf. Acesso em: 31 de mar. 2019.

MARANDOLA JR, E. O lugar enquanto circunstancialidade. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia (orgs). **Qual o espaço do lugar**: Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014.

MARANDOLA JR, E. *et al.* **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. 307 p.

MARIANO NETO, B. Ecologia e Imaginário nos Cariris Velhos do Paraíba: memória cultural e natureza no cerimonial da vida, março de 1999. 167p. **Dissertação** (Mestrado Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento do Meio Ambiente). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 1999.

MARTINS, R. N. Narrativas de lugar e memória: a importância de crescer o espaço na identidade do sujeito. **Revista Geo-Working Papers do Núcleo de Investigação em Geografia e Planejamento**. Série Investigação (Universidade do Minho), Campus de Azurém, 2013

Monteiro, V.K. 2004. **Carvão: O Combustível de Ontem**. Núcleos Amigos da Terra Brasil, Porto Alegre, RS. 80p.

NORA, P. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n.10, dez. p.7-28, 1993.

NOSSA FIGUERA (Revista). **Figueira**. Ed. MR Gráfica e Editora. Agosto, 1997.

OLIVEIRA, J. M. **Percepção e realidade**. 2003. Disponível em: <http://www.epub.org.com.br/cm/n04/opinião>. Acesso em: 20 maio 2019.

OLIVEIRA, C. de. **Dicionário Cartográfico**. 2 ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1983.

PARANÁ. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Estado do Paraná**. Disciplina Geografia, Secretaria de Estado da Educação, Curitiba, 2008.

PEDROSO, S. F. A carga cultural compartilhada: a passagem para a interculturalidade no ensino de português língua estrangeira. Campinas, 1999. **Mestrado** - Universidade Estadual de Campinas

RELPH, E. As bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia**, v. 7, n. 4, p. 1-25, abr. 1979.

RELPH, E. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência do lugar. In: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (Org.). **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 17-32.

SCHUMANN, Walter. **Rochas e Minerais**. Tradução: Rui Franco Ribeiro e Mario Del Rey. Editora: Ao Livro Técnico S/A, Rio de Janeiro/RJ, 1985.

SILVA, A. **Imaginários urbanos**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2001.

SOUSA, J. G.o; KATUTA, Â. M. **Geografia e conhecimentos cartográficos**. A cartografia no movimento de renovação da geografia brasileira e a importância do uso de mapas. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

SOUZA, Marquessuel Dantas de. **Geografia e Percepção: uma interpretação introdutória a partir da fenomenologia de Merleau-Ponty**. 1ª ed. São Paulo: Biblioteca 24 horas, 2012. 134p.

TUAN, Yi Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: Eduel, 2012.

TUAN, Yi Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

TUAN, Yi Fu. **Espaço, Tempo, Lugar**: um arcabouço humanista. Geograficidade, v.01,n.01, Inverno 2011. Disponível em: <http://www.uff.br/posarq/geograficidade/revista/index.php/geograficidade/article/view/1/pdf#> Acesso em: 15 maio 2019.